ROMANCES NOVA CULTURAL 6

COUNTRY

Julia

Um Homem Destemido

Rebecca Winters



SBD

Título original: *The badlands bride*

Copyright © 1996 por Rebecca Winters
Copyright da tradução © 1996 por Editora Nova Cultural.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Adelídia Chiarelli

revisão: Projeto Revisoras

preparo de originais: Projeto Revisoras

digitalização: Tinna e Crysty

capa: Star Books Digital

adaptação para ebook: Star Books Digital

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ



Winters, Rebecca

Um Homem Destemido [recurso eletrônico] / Rebecca Winters [tradução de Editora Nova Cultural]; Rio de Janeiro: Editora Nova Cultural, 1996.

recurso digital (Julia Country; 6)

Tradução de: The badlands bride

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-03-7303-409-3 (recurso eletrônico)

1.Romance de Banca. 2. Livros eletrônicos.

E-book distribuído sem fins lucrativos
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou qualquer uso comercial do presente conteúdo

Sinopse

Um cowboy inesquecível!

Xan Harrington queria um homem que a amasse pelo que realmente era, não pela fortuna que havia herdado.

Ela, então, pega um dardo e o atira contra um globo terrestre. A seta cai na cidade de Wall. Xan parte à procura da felicidade. Mas, para encontrar seu par perfeito, publica um anúncio no jornal da cidade, certa de que reconheceria o homem de sua vida logo que o visse. E demorou pouco para que Xan reconhecesse em Matt Coltrain o homem com o qual sempre havia sonhado. Mas será que Matt era mesmo o que aparentava ser?

Capítulo 1

PROCURA-SE UM MARIDO COM OS SEGUINTES ATRIBUTOS:

Tem de ser solteiro, trabalhador, ganhar a vida honestamente, não pode ter dívidas (apenas aquelas comuns tais como: prestações da casa própria, ou hipotecas de uma fazenda); não pode dizer palavrões, não pode fumar, jogar; tem de ser temente a Deus e gostar de frequentar igreja; tem de adorar crianças e estar disposto a constituir uma família; tem de gostar de ficar em casa nas horas de folga e estar disposto a ser um companheiro de verdade; tem de ser gentil com as pessoas e os animais; fiel, leal e sentir um verdadeiro prazer em viver. É imprescindível que tenha um excelente humor, que compartilhe tudo com a esposa, que seja meigo, carinhoso e acredite que o casamento é um compromisso para a vida toda.

Se você acha que é esse homem e está realmente disposto a se unir a uma mulher com as mesmas virtudes, traga esta mensagem, uma fotocópia da carteira de motorista, que não pode estar com a licença vencida, um curriculum de no máximo uma página, e uma fotografia cinco por sete, recente, colorida, para o rodeio do dia 10 de julho.

Por favor, apresente-se à srta. Xan (pronuncia-se Zan) Harrington, vinte e oito anos, um metro e setenta, cinquenta e seis quilos, cabelos pretos, olhos azuis, que irá entrevistá-lo. As entrevistas poderão ser feitas das dez da manhã às dez da noite, na barraca PROCURA-SE UM MARIDO, no Rodeio de Wall, que vai acontecer na cidade de Wall, Dakota do Sul.

Xan, olhou para o relógio de pulso, ignorando a multidão de mulheres curiosas que, muito espantadas com a atitude que havia tomado, se

mantinham a uma certa distância da barraca. Era o primeiro intervalo de cinco minutos que tinha feito, depois horas e horas de trabalho árduo. E ainda havia cerca de doze homens esperando para serem entrevistados.

Na arena, o rodeio continuava. Apesar de ter esfriado um pouquinho, Xan transpirava e ainda sentia muito calor. Cansada, ela enxugou o suor da testa com um lenço.

"E melhor eu continuar e acabar com isso logo", ela pensou e fez sinal para que o primeiro homem da fila se aproximasse.

Xan lhe pediu que assinasse o nome na lista que estava fazendo e também deixasse o telefone anotado. Até aquele momento, a lista já continha mais de duzentos nomes.

O rapaz assinou o nome e, ao lado, colocou o número de telefone,

— Caso eu decida conhecê-lo melhor, entrarei em contato. E, se não estiver mais interessado, retirarei o seu nome da lista. — Xan já estava cansada de dizer sempre as mesmas palavras.

— Com todo respeito — o rapaz respondeu — , vai ser muito difícil não continuar interessado na senhora.

— Bem, caso não seja o escolhido, mandarei de volta a foto, o seu pequeno curriculum, a fotocópia da carteira de motorista e uma certa quantia em dinheiro. Esse dinheiro é para cobrir as despesas que teve com a fotografia, fotocópia e com a viagem até aqui.

— Isso é muito bom — o rapaz disse com simplicidade. Xan, até aquele momento, sempre que dizia aos candidatos que seriam ressarcidos das despesas, ouvia quase sempre o mesmo tipo de comentário.

Ao publicar o anúncio, Xan fizera questão de não se referir aos atributos físicos dos candidatos. Por isso, homens de todos os tipos haviam aparecido. Para Xan, o importante não era a aparência física de um homem mas, sim, seu caráter. Porém, não estava preparada para receber tantos candidatos. Ao mandar o anúncio para o jornal, não sabia que seria publicado por trinta dias consecutivos, e nem que o jornal tinha um sem número de leitores na Dakota do Sul. Para ela, o anúncio só iria atingir a região de Wall. Mas se enganara: o anúncio havia atingido praticamente todo o Estado. E, além disso, também tinha sido publicado em outros jornais.

A expectativa de Xan era de que muitos homens iriam aparecer apenas por curiosidade, ou para fazer algumas piadinhas. No entanto, não era o que estava acontecendo. Os candidatos, com idade variando entre vinte e cinco e oitenta anos, se mostravam muito educados e pareciam estar muito interessados em conseguirem uma esposa e constituírem família.

Ao decidir encontrar um marido através do anúncio, Xan apenas estava querendo descobrir alguém que a fizesse feliz, alguém que não soubesse que herdara uma grande fortuna, alguém que a amasse pelo que era. Por causa disso, fizera questão dê publicar o anúncio bem longe de onde morava.

O último homem se aproximou. Como haviam feito os outros, deixou um envelope sobre a bancada da barraca e começou a escrever o nome na lista.

Depois de se despedir rapaz, que deveria ter uns trinta anos, Xan respirou aliviada e começou a abrir os envelopes. Para sua surpresa, somente cinco candidatos haviam deixado o curriculum, a fotocópia da carteira de motorista e a foto.

"Por essa eu não esperava… Para mim todos tinham trazido o curriculum, a foto e a fotocópia… Mas que coisa mais estranha… Não esperava que a

grande maioria dos envelopes estivessem vazios… Será que eles só estavam a fim de matar a curiosidade e saber quem teve a ousadia de publicar aquele anúncio?"

Xan separou os envelopes dos homens que haviam seguido as instruções que constava do anúncio e começou a examiná-los.

De repente, pareceu ouvir a voz de May, a mulher que a criara desde pequena e que, na verdade, tinha sido uma verdadeira mãe para ela:

E acha mesmo que vai encontrar um marido colocando um anúncio no jornal? Uma moça rica como você precisa ter muito cuidado com os homens!

Xan deu um profundo suspiro.

"Talvez May esteja mesmo certa… Talvez eu estivesse sonhando quando imaginei que fazendo o anúncio iria encontrar o homem da minha vida, aquele homem que, de uma certa maneira, sempre tive guardado dentro do meu coração…" Xan examinou as cinco fotografias. "Definitivamente não sinto nada por esses homens. O que eu não coloquei no anúncio foi que esse homem que estou procurando, deveria me despertar um sentimento intenso, uma espécie de atração inequívoca… Não posso me casar com alguém por quem não me sinta atraída… "

Xan fez uma massagem no pescoço e voltou a olhar para as cinco fotografias.

"Bem, acho que agora não vou poder resolver nada. O melhor é descansar, ter uma excelente noite de sono… Talvez amanhã eu entre em contato com esses cinco rapazes… Não custa nada tentar… Quem sabe essa atração que espero não aparece com uma outra conversa? Afinal, com tanta gente na fila, não pude prestar atenção em cada um dos meus pretendentes…"

Havia anoitecido e só as luzes da arena, onde acontecia o rodeio, iluminavam o local onde Xan se encontrava.

"Bem, vou mesmo voltar para o hotel. Acho que estou muito confusa e muito cansada… Se estiver no meu destino encontrar um homem com todas as características que pedi no anúncio, que me atraia muito e que tenha um quê selvagem, com toda certeza me casarei com ele…"

Xan estava para fechar a barraca quando ouviu uma voz muito grave:

— Espero não ter me atrasado muito para a entrevista, moça. Mas tive que terminar um servicinho extra, antes de vir para a cidade.

Assustada, Xan olhou para o homem que estava a sua frente. Ele era cerca de quinze centímetros mais alto que ela, usava jeans e camiseta bem sujos, estava despenteado e parecia que não se barbeava havia uma semana.

"Os outros, pelo menos, se esforçaram para se apresentarem limpos e barbeados, mas esse aí…"

Por causa da pouca iluminação do local, estava muito difícil para Xan conseguir devisar-lhe a cor dos olhos. Mas os cabelos do desconhecido eram negros e bem mais compridos do que o usual.

"Mas, mesmo com pouca luz, posso ver que esse homem trabalha duro ao sol. Ele está com um belo bronzeado…"

— Será que estou muito atrasado, moça? — Ele se aproximou mais da barraca.

— Não… — ela titubeou. — Bem, eu já estava indo embora, mas o senhor pode se inscrever. Trouxe seu curriculum e a foto?

— Não, moça. Não trouxe o curriculum, nem a foto. Não tenho uma máquina fotográfica e nem tenho dinheiro para gastar com fotografias. Tenho

que guardar cada centavo para pagar a minha fazenda. E isso tem que continuar por mais dez anos. Isso se chover. Caso a seca continue, demorarei muito mais tempo.

Xan ficou impressionada com a sinceridade do homem. Tinha falado a respeito da dívida com muita tranquilidade e sem demonstrar o menor constrangimento.

— Eu… Eu não vou precisar de uma fotografia.

— Isso é muita bondade de sua parte, moça. E veja, não tive tempo de fazer o meu curriculum porque só vi o seu anúncio hoje à tarde, quando os meus irmãos me procuraram e o entregaram a mim. — Ele passou as mãos pelos cabelos. — É claro que eles antes checaram tudo.

— Checaram tudo?

— E, moça. Meus irmãos estiveram aqui para ver se o anúncio era verdadeiro. Aí, eles me procuraram e me disseram que a senhora era a moça mais bonita de toda redondeza e que era muito parecida com a minha falecida mãe. — O homem retirou uma página do bolso e a mostrou à Xan. — E como estou à procura de uma boa esposa…

Sem saber o que dizer, ela olhou para o homem que estava a sua frente, ainda com a folha de jornal na mão. E ela se impressionou com aquela mão de dedos longos e unhas sujas. Xan conhecia apenas as mãos bem tratadas dos homens que faziam fortuna em Wall Street, que se casavam com mulheres ricas para terem a certeza de que a fortuna acumulada nunca iria lhes escapar.

— E agora estou certo que fiz bem em vir aqui, mesmo assim todo sujo. Deveria ter tomado um banho, mas não deu tempo. Se tivesse dito no anúncio que estaria também em agosto, na Feira de Perkins, teria deixado para me fazer conhecer lá. Aí, teria feito um curriculum e me embelezado todo

para conhecer a senhora.

— Feira de Perkins? — ela perguntou, profundamente impressionada com o jeito simples daquele desconhecido.

— Perkins fica no nordeste do Estado e é lá que meus irmãos têm uma de suas fazendas.

O desconhecido tinha feito uma pausa, mas não existia nenhum tipo de ansiedade, ou afetação, no comportamento dele.

Desde que era criança, Xan ouvia aquele tipo de elogio. Com o tempo, ela começou a perceber que tais elogios não passavam de adulação. Depois que havia crescido, os homens com quem se relacionara começaram a comparar seu olhar com pedras preciosas.

"E ele também me comparou à mãe como se fosse a coisa mais natural do mundo. E… tenho que admitir que esse homem mexeu comigo… Nunca vi uma pessoa tão autêntica…"

O desconhecido pigarreou, como se estivesse se sentindo embaraçado. E aquele jeito tímido, a tocou ainda mais.

— Lon, um dos meus irmãos, tem uma máquina fotográfica e poderia ter tirado uma fotografia minha. Ken, o meu irmão mais novo, sabe datilografar e poderia ter batido o meu curriculum…

Ele fez uma outra pausa e disse:

— Quero que me desculpe, moça.

— Desculpá-lo? De quê?

— Por eu ter me apresentado assim diante da senhora, moça. Estou sujo, cheirando a suor, com a barba grande… E a senhora está muito linda, cheirosa… A senhora tem o perfume dos campos quando o milho está pronto para a colheita.

Xan não acreditava no que tinha acabado de

ouvir.

"Que comparação mais linda… Jamais pensei em ouvir isso. Imagine, ele diz que tenho o perfume de um milharal, quando o milho está pronto para ser colhido…"

— Bem, moça, mas acho que fiz bem em ter vindo. O meu irmão poderia ter me tirado uma fotografia quando eu estivesse bem limpo, barbeado, mas ia ser um grande mentira. Eu trabalho duro e estou assim na maior parte do tempo. E não me envergonho de ser uma fazendeiro que luta para conseguir pagar as suas terras.

— Olha, senhor…

— Coltrain. Matt Coltrain. — Ele limpou a mão na calça e a estendeu à Xan. — É um prazer conhecê-la, moça, pode acreditar.

Xan hesitou, mas acabou cumprimentando-o. E recebeu um forte aperto de mãos. Aquilo também a encantou. Nunca homem algum havia lhe apertado a mão com tanta força, com tanta simplicidade. Matt Coltrain era um homem transparente, sincero, com um jeito muito amigável, que não se envergonhava do que era.

— Minha carteira de motorista está em ordem, mas não tirei uma fotocópia dela. E a carteira não está aqui comigo. Caiu no chão do meu caminhão e eu, com pressa de vir até aqui, não me preocupei em procurar.

— Não se preocupe, sr. Coltrain. — Xan indicou-lhe a lista. — Apenas assine o seu nome aqui e deixe o número do seu telefone. Como disse aos outros homens, se resolver me encontrar novamente com o senhor, eu entro em contato. Caso isso venha a acontecer e o senhor não estiver interessado em mim, poderá me dizer sem o menor constrangimento.

— Isso é justo! A moça tem que pensar muito bem no que vai fazer.

— Bem, sr. Coltrain, se nunca mais ouvir falar sobre mim, não quero que se sinta magoado, nem ofendido. Afinal, estou procurando um homem para ser meu marido e esse casamento será para a vida toda. Tenho de ser muito cuidadosa e criteriosa,

— Eu entendi, entendi… A moça não pode ir se engraçando com o primeiro que aparecer. O mundo está cheio de gente maldosa. Eu também sou um homem muito cuidadoso. Foi por isso que até hoje não me casei. A aparência das pessoas engana muito.

O que Matt Coltrain tinha acabado de dizer deixou Xan perplexa. Ela sabia que era uma mulher muito bonita e os homens faziam de tudo para conquistá-la. De repente, um fazendeiro simples, apesar de belíssimo, lhe dizia aquilo tudo sem o menor constrangimento, como se fosse um velho amigo a aconselhá-la.

—Para mim está sendo muito difícil encontrar uma mulher para me casar porque também quero um casamento para a vida toda. Não acredito em divórcio, moça. Meu pai e minha mãe ficaram casados durante quarenta e oito anos. E só se separaram com a morte. Hoje eles devem estar novamente juntos num cantinho do céu. E quero ter um casamento do tipo que meus pais tiveram. Se não for assim, prefiro continuar sozinho.

— Penso exatamente como o senhor… — Os pais de Xan haviam morrido num acidente automobilístico quando ela estava com sete anos. May, então, passara a criá-la. E sempre lhe havia assegurado que os dois se amavam com loucura. Assim como eu e o meu John, a governanta também fazia questão de dizer.

Xan, por sua vez, não queria nada mais da vida do que um verdadeiro amor.

— Só tem um problema moça…

— E qual é esse problema?

— Não tenho telefone e a senhora terá que entrar em contato comigo pelo correio.

"Meu Deus, ele não tem telefone! Pelo jeito é bem mais pobre do que imaginei. Nunca havia encontrado na vida alguém que não tivesse telefone."

— Tudo bem, coloque, então, o seu nome e endereço na lista. — Ela estendeu-lhe uma caneta.

— Certo.

No instante em que Matt pegou a caneta, as mãos dos dois se tocaram, e Xan sentiu um tremor percorrer-lhe o corpo. No instante seguinte, curiosa e sem se dar conta, olhava ansiosa para a lista, esperando que Matt escrevesse o endereço. Mas ele escreveu apenas: Matt Coltrain, Wall, Dakota do Sul.

Ao terminar de escrever, ele lançou-lhe um olhar manso e disse:

— Posso lhe fazer uma pergunta, moça?

— Pode, mas é claro que pode.

"O que será que ele vai me perguntar? Espero que não seja nada embaraçoso."

— Moça, o que eu gostaria de saber é o seguinte: o que levou a senhora a publicar aquele anúncio?

"Por essa eu não esperava. Não posso contar a verdade a ele. Como dizer a esse homem que depois ter terminado aquele noivado desastrado com Tedd Bramforth, que só estava interessado em meu dinheiro, peguei um globo terrestre, um dardo e atirei contra o globo? Aí, fui ver em que cidade o dardo tinha ido parar. E lá estava: Wall. E eu disse para May: é exatamente nesta cidade que vou encontrar um marido."

Matt esperava por uma resposta.

— Acontece sr. Coltrain, que não consegui encontrar um marido pelas vias normais.

— A moça não é daqui, certo?

— Não, eu não sou daqui. Sou do leste.

— Mas o leste é muito grande.

Xan teve vontade de sorrir. A última frase que Matt havia dito tinha sido uma maneira de deixar claro que estava querendo saber mais sobre ela. Porém, apesar da sutileza, Xan não estava disposta a revelar mais nada sobre si mesma a Matt Coltrain.

— E verdade, o leste é muito grande. — Foi o que conseguiu comentar e mudou de assunto: — Bem, se entrar em contato com senhor, nós iremos almoçar no Station.

— E pôr quanto tempo está pretendendo ficar em Wall, moça?

— A… ainda não sei… — ela titubeou.

— Isso pode ser um problema.

— Um problema? — ela perguntou, meio desentendida.

— É. Um problema. Quero que a senhora saiba que pretendo passar a minha vida inteirinha lá na minha fazenda. Só uma ou duas vezes por semana venho até aqui em Wall para comprar o que estou precisando e passar no correio para pegar a minha correspondência. Às vezes fico até quinze dias sem sair de lá. Bem, como tenho tudo o que preciso lá em casa, agora só vou voltar para cá no dia 24.

— Sei… — Ela sabia que precisa pensar rapidamente. — E… e o senhor está voltando para a fazenda ainda esta noite?

— Isso vai depender da senhora, moça. Se decidisse logo que gostaria de conversar mais

comigo, poderia ir dormir na casa do Pastor e encontrar com a senhora amanhã. Tenho certeza de que o Pastor e a esposa dele me arrumariam um lugar para dormir.

— Bem, eu… — ela não sabia o que dizer.

— Gostaria muito de poder conversar mais um pouco com a senhora, moça. Aí, poderia dizer aos meus irmãos que me esforcei. E não acho bom a gente ir almoçar lá no Station. Conheço um lugar muito melhor, onde servem uns hambúrgueres de búfalo deliciosos. Sempre que posso vou até lá.

— Eu nunca comi carne de búfalo.

— Não? — ele perguntou espantado. — Pois não sabe o que está perdendo, moça. É uma carne muito boa. Sei que a senhora vai gostar.

— Está aí uma coisa que gostaria de experimentar: carne de búfalo. Tenho que fazer isso antes de sair de Wall.

— Quer dizer que está aceitando-o meu convite? — Ele sorriu, feliz.

Xan pensou um pouco e respondeu:

— Por que não?

— Combinado, moça. Às onze e meia está bom para a senhora? Tenho que voltar para a minha fazenda o mais rápido possível para continuar trabalhando. Tenho um campo de feno para cortar.

— Certo, a gente se encontra às onze e meia.

— Gostaria muito de ir buscá-la com o meu caminhão, mas não dá para ninguém sentar no banco de passageiros.

— Não? Por quê?

— As molas daquele lado estão todas saindo do estofamento. Mas eu faço um mapa do lugar onde o Pastor mora e escrevo o endereço. Aí, a senhora vai

me encontrar lá. Não se preocupe, não tem como errar. Wall é pequena e todos conhecem o Pastor.

— Certo.

— Moça, a senhora não sabe como fiquei feliz. Acho que é a primeira vez na vida que me sinto tão feliz. Sei que vai gostar da carne de búfalo. Bem, agora vou ajudá-la a desmontar a barraca.

— Não precisa, o sr. Craven disse que amanhã cedo ele vai fazer isso.

— Joe Craven?

— Ele mesmo.

— Então, vou desmontar a barraca. E uma maneira de ajudar o Joe. Ele não pode ficar se esforçando tanto. A mulher dele vive lhe dizendo que deve parar de trabalhar. Mas Joe é teimoso e se nega a encarar que tem problema no coração.

— Ele é muito forte, nunca imaginei que…

— Ninguém nunca imagina. Joe não comenta o problema com ninguém. — Vou até o caminhão pegar algumas ferramentas.

Sem esperar por mais nenhum tipo de comentário, Matt se afastou. Quando voltou, estava com uma caixa de ferramentas nas mãos.

— A senhora comprou a barraca? — ele quis saber.

— Comprei.

— E para onde está pretendendo levá-la?

— Pensei em perguntar ao sr. Craven se queria ficar com ela. Se ele não quiser ficar com ela, terei de arrumar um jeito de me livrar da barraca.

— A senhora esta pretendendo dar a barraca?

— Estou.

— Se não se importa, acho que tenho uma

maneira de usá-la.

— Pode ficar com a barraca.

— Obrigado.

— Bem, já estou indo. — Xan pegou seus pertences.

— Não vá ainda. Tenho que lhe dar o endereço do Pastor. Matt pegou um pedaço de papel, onde fez um mapa e escreveu o endereço. Em seguida, ele o entregou à Xan.

— Amanhã, às onze e meia, estarei na casa do Pastor. Obrigada pela ajuda, sr. Coltrain.

— Não tem o que agradecer, moça. Eu, sim, que tenho que agradecer a senhora por ir almoçar amanhã comigo. E se quiser sentir todo o sabor da carne de búfalo, fique sem comer até na hora do almoço.

— Farei isso. Boa noite, sr. Coltrain.

— Boa noite, moça.

Xan se afastou e viu que outras pessoas estavam deixando suas respectivas barracas. A semana de rodeio em Wall havia terminado e todos pareciam muito satisfeitos com as vendas efetuadas.

"A única coisa que quero agora é chegar no hotel, tomar um belo banho quente, ir para a cama e dormir com os anjos. Depois da maratona de hoje, mereço uma excelente noite de sono."

Assim que entrou no quarto do hotel, o telefone começou a tocar.

— Só pode ser May. Ela mais parece uma galinha preocupada com o pintinho que saiu do ninho — Xan disse, sorrindo, e correu atender ao telefone.

— May, querida, como vai você? — ela perguntou e, jogando-se na cama, começou a contar

à mulher que a criara tudo o que havia acontecido naquele dia. Tudo, exceto o encontro inusitado que tivera com Matt Coltrain.

— Quer dizer, então, que você selecionou cinco rapazes.

— Exatamente, May.

— E, pelo que pude entender, nenhum deles a deixou muito satisfeita.

— Não é isso, May. Eu…

— Roxanne Harrington! Admita! — May sempre deixava de tratá-la pelo apelido quando estava brava. — Admita que nenhum desses homens a deixou entusiasmada. Admita que falhou com esse plano maluco.

— Eu ainda não falhei, eu…

— Acho bom você voltar. Não aguento mais atender aos telefonemas do Tedd. Ele quer, de todo jeito, saber onde você está.

— Não quero que Tedd saiba onde estou.

— Mesmo assim quero que volte imediatamente para Nova York. Onde já se viu ficar tanto tempo longe de casa?

— Eu vou voltar, mas ainda não decidi quando.

As duas continuaram conversando. Ao desligar o telefone, Xan sentia-se um tanto insatisfeita e sem saber direito o que fazer da vida. Afinal, tinha mesmo que admitir que May estava com a razão: um grande amor acontecia simplesmente, sem hora marcada e sem premeditação.

Capítulo 2

Após um sono agitado, repleto de pesadelos, ande seres humanos com cabeça de animais a perseguiam, Xan acordou assustada e transpirando.

Ela se levantou e foi verificar se o aparelho de ar condicionado estava funcionando.

— Está tudo em ordem aqui. — Ela olhava para os botões do aparelho. — Não sei o que deu em mim, há muito anos não tinha pesadelos como esses…

Xan ligou a televisão. Após passar por vários canais que exibiam desenho animado, encontrou um que estava falando sobre as condições do tempo e ficou sabendo que naquele dia iria fazer um calor escaldante. Aí, voltou para a cama e só acordou às dez horas.

Muito preguiçosa, Xan se levantou e, depois de tomar um banho e lavar a cabeça, optou por vestir uma camiseta branca de algodão, um shorts azul-escuro, também de algodão, e sandálias de plástico.

Por ter cabelos curtos e estarem recém-lavados, só precisou penteá-los rapidamente. Além de batom rosa-claro nos lábios, não usou mais nenhuma maquilagem. As onze e quinze, após ter passado uma leve colônia no pescoço e nos braços, ela estava pronta.

Matt Coltrain havia desenhado um mapa tão simples que qualquer criança conseguiria chegar na casa do Pastor. Xan entrou no carro e logo partiu à procura da casa. E não foi difícil encontrá-la. Ao virar uma esquina, logo viu Matt, sentado num banco, ao lado de um senhor de cabelos brancos que deveria estar beirando os oitenta anos. Matt a reconheceu imediatamente. Enquanto Xan estacionava, ele se levantou e, com passos largos, foi

encontrá-la, seguido pelo senhor de cabelos brancos que tinha os passos bem menores e mais lentos.

Xan, ao descer do carro, ficou muito impressionada com o porte de Matt Coltrain.

"Ontem à noite, por causa da pouca luz, não consegui enxergá-lo direito. Esse peão é um homem e tanto! E, apesar de estar usando a mesma roupa, ele as lavou. E também tomou um belo banho, fez a barba e penteou os cabelos para trás…"

— Bom dia, moça. — Desta vez, quando ele estendeu-lhe a mão, Xan pôde perceber que suas unhas também estavam muito limpas.

— Bom dia, sr. Coltrain. Como passou a noite?

— Muito bem. — Ele abriu os braços e mostrou-lhe a roupa que usava. — E então? Minha aparência melhorou?

— Muito. — Xan sorriu por causa da simplicidade dele.

— Também fiz a barba, penteei os cabelos e passei meia hora limpando as minhas unhas.

— Quer dizer, então, que essa é a moça que causou tanta confusão por aqui? — Com um sorriso nos lábios, o senhor de cabelos brancos perguntou à Xan e deu-lhe uma piscadela.

Ela que até aquele momento estava concentrada na figura de Matt, sentiu que ficava vermelha, pois não esperava tal comentário.

— E ela mesma — Matt respondeu e, ao notar que ela havia ficado vermelha, disse: — Pastor Swan só está brincando com a senhora, moça. Bem, é melhor eu fazer as apresentações: Pastor, essa é Xan.

— Gostei muito da sua atitude, filha.

— E mesmo? — Xan logo pensou que o Pastor estivesse brincando, mas se enganou.

— Pode acreditar. Vou usar a sua atitude como exemplo de uma pessoa que está realmente à procura da felicidade, nos meus sermões. Já cansei de ver jovens se casando e logo depois se divorciando, só porque não tiveram paciência para esperar e escolher a pessoa certa. Você, Xan, está sendo muito corajosa. E Deus vai ajudá-la a encontrar o homem que a fará feliz.

Xan achou melhor ficar calada. O Pastor continuou, agora se dirigindo a Matt:

— Filho, você tem muita sorte e muito bom gosto. Xan é linda e só de olhar para ela posso perceber que é uma mulher de caráter e tem mesmo todas as qualidades da sua falecida mãe. — O Pastor olhou para o céu. — Que Deus abençoe a alma da sra. Coltrain. Gostaria muito que Lídia, minha esposa, estivesse aqui para conhecer a sua futura noiva, filho. Mas ela viajou ontem para Faith para visitar os nossos filhos e os nossos netos, e só volta na quarta-feira.

— A moça não é minha futura noiva, Pastor. Só vamos almoçar juntos para conversarmos um pouco.

— Mas você está com muita vontade de tê-la como noiva, não está?

— Não vou mentir para o senhor, Pastor. Se depender de mim…

— Graças a Deus! Sempre soube que quando uma boa moça aparecesse no seu caminho, você iria ser muito feliz.

Matt deu uma olhada para 3fen. Ela, por sua vez, encabulada com a conversa que se desenrolava entre os dois homens, sentiu o coração bater forte dentro do peito.

"Estou começando a acreditar que fui longe demais com essa história…"

— Bem — o Pastor olhava para Xan —, agora

que encontrou o meu querido Amasa Matt Coltrain, acho que você deve esquecer os outros candidatos, filha. Não existe nesse mundo um homem mais correto que esse, e todos nessa região sabem disso; inclusive as mulheres.

O último comentário do Pastor deixou Matt bastante encabulado. E foi muito difícil para Xan conter o sorriso que teimava em escapar-lhe dos lábios.

— Ele já esperou muito, mas muito mesmo pela mulher certa. — O Pastor não desistia. — E quando eu os unir pelos laços sagrados do matrimônio, haverá muita gente dizendo que Matt enlouqueceu por estar se casando com um mulher que precisou usar um jornal para arrumar um marido. Mas depois, quando começarem a frequentar a igreja aos domingos e começarem a participar das obras de caridade, todos acabarão vendo que vocês dois agiram com muita sabedoria.

— Acho que o senhor está indo depressa demais, Pastor. A gente nem se conhece direito e ela nem conhece o lugar onde eu moro.

— Isso não tem a menor importância — o Pastor assegurou. — Ela vai gostar da sua casa. Tenho certeza disso.

— Mas o senhor pode estar enganado, Pastor. Afinal, ela é do leste.

— E o que tem isso, filho?

— O pessoal do leste é muito diferente.

Naquela conversa toda, Xan só sentiu um pouco de raiva quando Matt começou a se referir de onde ela era.

"Acho que esse peão não gosta muito das pessoas do leste. E isso, para mim, é puro preconceito!"

— Você está enganado, filho. As pessoas, no

mais íntimo do seu ser, são todas iguais. Tanto faz que sejam do norte, do sul, do leste, ou do oeste. O que essa moça está querendo é um homem honesto e trabalhador que volte todas as noites para a casa e se dedique à família. E você é exatamente esse homem. O importante é o respeito que existe entre um casal.

Matt deu um profundo suspiro e disse:

— Antes de qualquer coisa, Pastor, a moça precisa dar uma olhada no lugar onde moro. E a moça também precisa conhecer o meu coração.

"Será que esse homem está com medo que eu fuja depois de conhecer o local onde mora? A conversa entre o Pastor e ele está muito estranha. Tenho a sensação de que existe alguma coisa que nenhum dos dois quer deixar claro. Será que existe alguma mulher no passado de Matt que o rejeitou por causa do lugar em que mora e pelo que ele tinha para lhe oferecer? Pode ser que isso tenha acontecido… Está mais do que claro que Matt não tem dinheiro e vive dentro de um orçamento muito apertado. Mas meu avô, apesar de ter me deixado uma fortuna incalculável, quando começou tinha muito menos dinheiro do que Matt tem hoje. Pelo que May me disse, meu avô teve que trabalhar muito para chegar onde chegou."

Xan, meio ausente, não prestava muita atenção na conversa que Continuava a se desenrolar entre os dois homens.

"Será que esse peão acha que vou ridicularizá-lo, caso more num local muito simples? Ou será que esse medo dele se deve ao fato de eu ter vindo do leste?". Ela, devagar, balançou a cabeça de um lado para o outro. "Mas ele também pode estar se sentindo assim tão inseguro pelo fato de eu estar procurando um marido através de um expediente nada comum… Afinal, conhecer uma mulher que procura um marido através de um anúncio de jornal,

deve assustar muito os homens… Bem, é melhor eu prestar atenção na conversa desses dois!"

— Por que não leva Xan para conhecer a sua fazenda agora? Vocês podem almoçar no caminho. Fiz comida suficiente para um batalhão.

—O senhor fez comida, Pastor? — Xan perguntou espantada.

— Eu adoro cozinhar, filha. E depois que Matt me contou que a levaria para comer hambúrguer de búfalo no Lewis, resolvi ir para o fogão. Os meus hambúrgueres são bem melhores do que os daquele bar. Quando fazemos churrascos beneficentes na igreja, os meus hambúrgueres são os mais vendidos. E só embrulhar alguns deles e vocês podem partir. Isso sem contar do pão feito em casa que vou dar para vocês. Ah! Também posso lhes oferecer um pote de mel e uma garrafa de limonada.

Xan, que já ouvira falar o quanto o povo da Dakota do Sul era hospitaleiro, sorriu diante de tanta generosidade e disse:

— O senhor é um homem muito gentil, Pastor.

— Acho mesmo que vocês têm que ir logo para a fazenda. Ia convidá-la para comer na minha casa, Xan, mas Matt está com muita pressa. Ele quer cortar aquele feno antes de anoitecer. E só colocar tudo numa cesta e vocês comem pelo caminho.

— A moça não pode ir comigo no meu caminhão por causa das molas do assento, e também não pode dirigir um carro alugado por estradas tão ruins. Acho melhor ficarmos e almoçarmos juntos.

Xan pensou um pouco e disse:

— Sr. Coltrain, não me incomodo em ir até a sua fazenda em seu caminhão, mesmo com o problema das molas no banco. Adoraria conhecer o local onde mora. E pode ficar tranquilo, pago a gasolina que gastar quando for me trazer de volta para Wall.

— Acho bom pensar melhor, moça. Meu caminhão, além do problema das molas, também não tem ar-condicionado. E, acredite, a gasolina é o problema menor.

— E qual é o problema maior? — ela quis saber.

— Não vou poder trazê-la de volta cedo. Vamos chegar aqui em Wall por volta da meia-noite.

— E o quem tem isso?

— Vai ficar muito cansada, moça.

— Ouça aqui, sr. Coltrain — Xan tinha ficado com raiva do que ele dissera —, posso aparentar fragilidade, mas sou uma mulher muito forte.

— Será? — ele duvidou.

— Claro que sou!

— Mas a senhora pode se cansar muito.

— Eu não vou me cansar!

— Calma, calma, Xan. Viu só? Matt é assim: sempre se preocupa com os outros. Vou lá em casa, pôr tudo na cesta e- Você dois partem para a fazenda. Eu cuido do seu carro. Combinado?

— Combinado, Pastor.

— Você toca piano? — o Pastor quis saber.

— Toco, toco, sim.

— Que coincidência! — O Pastor sorriu, feliz. — A mãe de Matt também tocava maravilhosamente bem.

— Bem, enquanto o senhor pega a cesta, vou buscar o meu caminhão — Matt disse, meio sem jeito.

— E onde está ele? — Xan quis saber.

— Atrás da casa. Espero que faça uma boa viagem, mesmo com o banco daquele jeito.

— Eu farei — ela respondeu, ignorando o tom e sarcasmo de Matt.

Xan, depois de entregar a cesta a Matt, tentou abrir a porta de passageiros do caminhão, mas não foi capaz. Ela, então, através da janela, tentou abrir pela parte interna da cabine, mas logo viu que a maçaneta estava quebrada.

"Essa maçaneta deve estar quebrada há muito tempo. E o vidro da janela também não pode ser erguido!"

Dando uma olhada dentro da cabine, ela viu inúmeros papéis e revistas pelo chão.

"Por isso ele não encontrou a carteira de motorista. Com uma bagunça dessa não era para menos! Talvez esse peão nem tenha uma carteira de motorista!"

Demorou alguns segundos para Xan perceber que só iria conseguir entrar se usasse a porta do motorista. E foi exatamente o que ela fez.

"Não sei como um caminhão tão velho ainda está funcionando! E realmente não posso sentar em cima dessas molas."

Xan abaixou-se e pegou várias revistas que estavam no chão, colocou-as sobre o banco e sentou-se sobre elas.

Matt se despediu do Pastor e postou-se ao volante do caminhão, colocando a cesta entre ele e Xan.

— Pelo jeito a senhora se ajeitou — ele comentou, num tom insatisfeito.

— Boa viagem para vocês dois. Se me dão licença, vou almoçar. E eu cuido do seu carro, Xan — o Pastor disse, sorrindo muito.

— Obrigada, Pastor — Xan agradeceu.

Ainda sorrindo, o Pastor acenou-lhes a mão e se

afastou. Ela, então, voltou-se para Matt.

— Olha, sr. Coltrain, algo me diz que não quer que eu vá para a sua fazenda. E eu não estou disposta a ir até lá.

— Não?

— Não. Só concordei em ir até lá por causa do Pastor. Ele estava insistindo muito e não quis decepcioná-lo. O Pastor é um amor de pessoa e poderia se sentir ofendido com a minha recusa.

Matt segurou a direção com as duas mãos.

— Acho que o que está querendo me dizer, moça, é que desistiu de passar o dia comigo.

Pela maneira como se expressou, Xan não pôde perceber se Matt estava ou não magoado.

— Não, não é isso. Para lhe dizer a verdade, gostaria muito de passar o resto do dia com você. Mas sei que não posso lhe pedir isso, seria muito egoísmo da minha parte. Ontem à noite, me disse que estava pretendendo demorar bastante para voltar à cidade, portanto…

— Portanto… — Ele a fitou de maneira mansa.

— Não acho justo que ainda hoje tenha que voltar para cá para me trazer.

— Bem, exceto pelo fato de um trecho de estrada ser muito ruim, minha fazenda não fica longe daqui.

— Acontece que este caminhão está muito velho. Quanto mais ficar trafegando com ele, mais risco corre de estragá-lo de uma vez por todas. E, pelo que me disse, está economizando cada centavo para poder pagar a sua dívida. E tem mais uma coisa: pelo que entendi, você trabalha muito e não tem tempo para receber visitas. É só me deixar a alguns quarteirões daqui… Aí, pode ir embora. Eu vou almoçar no Station. À noitinha, volto para pegar

o meu carro. Pode ficar tranquilo: o Pastor não vai desconfiar de nada.

— Acho que está querendo se livrar da carne de búfalo, moça. E está muito mais preocupada com os sentimentos do Pastor do que com os meus.

— Não é nada disso! Você está enganado. E, por favor, pare de me chamar de moça.

Após um breve silêncio, ele disse:

— Então, prove que estou enganado.

— De que maneira?

— Indo comigo até à fazenda. Ela fica próxima ao Parque Nacional e queria que você o visitasse.

— Hoje? — ela perguntou, espantada.

— Se der tempo… — Matt a fitou. — Na região onde eu moro há muitos fósseis.

— É mesmo? — Xan estava curiosa.

— Depois de uma chuva pesada, sempre que posso, saio para procurar fósseis.

— E achou alguns?

— Vários.

— Que interessante.

— O meu sonho é poder sair com a minha esposa para procurar fósseis.

— Sei…

— E muito melhor termos com quem dividir os nossos momentos.

"Eu concordo com você, peão…", ela teve vontade de dizer. "A vida é muito difícil de ser levada sozinha. Ainda mais na minha situação… Nunca sei o que leva um homem a se aproximar de mim…"

— Quer dizer que já encontrou vários fósseis…

— Já, sim. Eu adoro a natureza.

"Esse homem é muito diferente…. Pelo menos aparentemente, quer uma mulher que compartilhe com ele todos os momentos de sua vida… E vai amar intensamente essa mulher… Matt Coltrain é um homem que está preocupado apenas em levar uma vida digna e de muito trabalho. Deve ser muito gratificante ser amada por uma pessoa assim. E eu… Meu Deus, como me sinto frustrada com os relacionamentos que já tive… Nenhum, mas nenhum homem mesmo se aproximou de mim por aquilo que eu sou. Todos tinham um grande interesse de se casarem com uma mulher rica. E eu não fiz nada para conseguir, nem para merecer tanto dinheiro. Apenas tive a sorte de nascer na família Harrington…"

— Algum problema, moça? — Matt interrompeu-lhe os pensamentos.

— Não, está tudo bem.

— Mas a senhora ficou de repente tão calada. Disse alguma coisa errada?

— Imagine, você não disse nada de errado.

— Moça, se mudou de ideia, se realmente não quer ir conhecer a minha fazenda, é só dizer. — Ele deu um profundo suspiro. — Na certa ouviu falar sobre os problemas que tenho por lá: cobras venenosas, a nuvem de gafanhotos que acabou com a minha plantação de aveia e de milho…

— Isso deve ter sido terrível para você.

— E foi. Foi terrível mesmo. Investi muito dinheiro e trabalho naquilo tudo. Aí, de repente, não sobrou nada.

"E como será que ele se arrumou para pagar as prestações da fazenda?", ela teve vontade de perguntar. "E pensar que eu e meus amigos temos uma vida totalmente despreocupada, frequentando

cinemas, teatros… E esse homem… E preciso ter muita fibra para enfrentar tudo isso e ainda continuar lutando, continuar acreditando que um dia tudo vai melhorar…"

— Eu não mudei de ideia.

— O que disse, moça?

— Eu disse que não mudei de ideia: quero conhecer a sua fazenda.

— Tem certeza? — Matt duvidou.

— Tenho. Certeza absoluta.

— E a senhora não está com fome?

— Estou com um pouco, sim.

— Então, é melhor a gente comer antes de seguirmos para a fazenda.

— Aqui? — ela olhou para os lados.

— E tem algum problema?

— Bem, não… Mas eu nunca comi dentro da boléia de um caminhão.

— Eu sempre como aqui dentro.

— É mesmo? — Xan estava com medo de tê-lo ofendido.

— Meu tempo é realmente muito curto, moça. Pelo jeito, a senhora sempre almoça direitinho.

"O que será que ele quis dizer com isso?"

— Bem, eu almoço normalmente ao meio-dia e em casa.

— Eu também procuro sempre almoçar ao meio-dia. Mas, às vezes, às nove e meia eu já estou almoçando.

— Nove e meia? — ela perguntou espantada.

— Garanto que esse é o horário em que a senhora está acordando.

— Não, eu acordo normalmente às sete horas. Mas por que, às vezes, você almoça às nove e meia?

— Quando vou para o campo muito cedo, nesse horário não dá para suportar a fome. Aí, eu almoço.

— E quem faz a sua comida?

— Eu. À noite, antes de ir dormir, eu faço a comida. — Ele olhou para a cesta. — E então? Vamos comer?

— Olha, já que nós vamos comer aqui dentro mesmo, por que a gente não segue para a fazenda?

— Quer dizer, então, que quer ir comendo mesmo com o caminhão balançando?

— Para mim não tem a menor importância.

— A senhora é muito estranha, moça.

— Eu? Estranha? — Ela teve vontade de rir e de perguntar: E você, Matt Coltrain, você se acha um homem muito comum?

— É… A senhora é uma mulher muito estranha.

— Por que está me dizendo isso?

— A senhora não precisava pôr aquele anúncio no jornal para arrumar um marido.

— Será que não? — ela perguntou. De repente, sentia muita vontade de desafiá-lo, de ver se algo o fazia se comportar de uma maneira menos controlada.

— Não, moça, a senhora é bonita demais para procurar um marido dessa maneira.

— Bem, se eu não tivesse colocado aquele anúncio no jornal, seus irmãos não o teriam lido e nós dois não estaríamos aqui hoje.

— Isso é verdade… Mas a senhora conheceu muitos homens lá no rodeio. Eu sou apenas mais um.

— Muitos homens foram até lá mas, não sei se lhe disse, selecionei apenas cinco.

— E a senhora vai procurar esses homens?

— Ainda não sei.

— Não sabe? Por quê?

— Não tive tempo para pensar no que vou fazer. Ontem à noite estava muito cansada. Hoje quando acordei, nem me preocupei com o assunto.

— E eles são bonitos?

— Para lhe dizer a verdade, não me lembro dos rostos deles.

— E… A senhora realmente não precisava colocar aquele anúncio no jornal.

— Sei que não tive uma atitude muito comum, mas o que eu publiquei no jornal é muito sério.

— E eu não sei disso? Por isso é que fui procurar a senhora. Mas aqueles cinco homens…

— Olha, acho que você não tem que se preocupar com aqueles homens. Não seria melhor nós seguirmos para a fazenda?

— Quer dizer, então, que está querendo mesmo comer durante a viagem?

— Exatamente. Você não pode continuar perdendo tanto tempo assim comigo.

— Bem, moça, então nós vamos para a fazenda. — Matt ligou o caminhão e partiu.

Capítulo 3

Xan olhava para a estrada e quase não estava conseguindo suportar o calor. Apesar de terem saído de Wall a menos de dez minutos, ela já estava transpirando muito.

—Você não parece estar com muito calor.

— Eu já estou acostumado. Lá na fazenda, no final da tarde, quando estou com muito calor, eu vou me refrescar no riacho.

— Você tem um riacho por lá?

— Tenho. E ele é muito bonito. Tem águas bem cristalinas e é bem rasinho.

— Quer dizer, então, que não dá para nadar?

— No riacho não dá, não, senhora. Mas no lago, a gente pode nadar à vontade.

— Lago?

— Depois da curva que o riacho faz, ele desce por umas pedras, formando uma cachoeira — Matt a interrompeu. — Aí, eu represei essas águas e formei um lindo lago.

— Deve ser um lugar muito bonito.

— É, moça… Aquele é um lugar muito bonito. O caminhão continuou seguindo pela estrada.

"Trafegando pelo asfalto esse caminhão pula desse jeito. Imagina, então, quando chegarmos no trecho que Matt disse que é muito ruim…"

— Acho bom a gente comer os hambúrgueres. — Ele enfiou a mão direita na cesta, pegou um dos hambúrgueres e o entregou a Xan. — Eles ainda estão quentinhos.

— E você? Não vai comer?

— Vou, sim. — Ele voltou a enfiar a mão na

cesta, pegou um outro hambúrguer e começou a comê-lo com vontade.

Xan olhou para o hambúrguer que tinha nas mãos.

"Será? Será que eu vou conseguir comer carne de búfalo?", Xan se perguntou em pensamento. "Mas não deve ser muito diferente das outras carnes…"

"Parece que estou vivendo em um outro mundo. Aqui tudo é muito diferente. As pessoas, os lugares… Acho que até hoje não convivi com alguém que realmente tivesse de lutar para conseguir sobreviver. Todos os meus amigos e conhecidos têm uma vida muito fácil. Acho que eles nem conseguem imaginar que existem pessoas como Matt Coltrain, que trabalham duramente, almoçam às nove e meia da manhã… Tedd ia morrer de rir se ouvisse uma coisa dessa. E… Um banqueiro jamais iria entender um homem como Matt."

— Não vai comer o seu hambúrguer? — Matt interrompeu-lhe os pensamentos.

— O quê? — Ela o fitou como se saísse de um sonho.

— Perguntei se não vai comer o hambúrguer? O Pastor colocou muitos hambúrgueres dentro da cesta. — Ele voltou a enfiar a mão na cesta. — Já comi o primeiro e agora vou comer o segundo.

— Vou, é claro que vou comer o hambúrguer.

Xan levou o hambúrguer à boca e se surpreendeu com o gosto da carne.

— Parece hambúrguer comum — ela comentou. — E o tempero do Pastor está uma delícia.

— É, moça, fico muito feliz em ouvir isso.

— Por quê?

— Porque carne de búfalo é a única coisa que tenho para lhe oferecer lá na minha casa. Se não

tivesse gostado, ia ficar muito difícil para mim.

— Você não tem galinhas, lá na sua fazenda?

— Algumas.

— Então, se não tivesse gostado de carne de búfalo, poderia comer ovo frito ou omelete.

— É… Poderia… Mas ainda bem que gostou da carne de búfalo. Se não tivesse nada para lhe oferecer iria ficar muito preocupado.

— Você parece May falando, sabia?

— E quem é May?

— May foi a mulher que me criou. Ela está sempre preocupada comigo.

— E os seus pais? Por que eles não criaram você?

— Meus pais faleceram. Mas May é como se fosse minha mãe. Eu adoro aquela mulher. — Xan voltou a comer. — Realmente, jamais tinha imaginado que carne de búfalo fosse tão saborosa.

Matt nada comentou.

— Falei alguma coisa de que não gostou? — ela resolveu perguntar.

— Não, moça. Tudo que a senhora fala é sempre muito interessante.

"Matt ficou esquisito de repente. Será que ainda continua com fome? May vive dizendo que um homem com fome tem o humor totalmente alterado."

— Quer que eu lhe sirva outro hambúrguer? — ela perguntou.

— Não, obrigado.

— E pão com mel?

— Agora não. Logo estaremos naquela estrada ruim. É melhor continuarmos comendo mais tarde,

lá na fazenda.

— Tudo bem.

Alguns minutos depois, Matt saiu da estrada asfaltada e pegou uma estradinha à direita.

"Meu Deus! Estrada ruim? Matt só podia estar brincando! Esta estrada é péssima", ela pensava, enquanto era jogada de um lado para o outro por causa dos buracos.

— Eu disse que essa estrada era ruim — ele gritou.

— E eu estou vendo! — Xan tentava se manter firme sobre a pilha de revistas, mas não estava nada fácil.

— É por isso que eu nem penso em comprar um outro caminhão. Para quê? Não posso passar com um caminhão novo numa estrada como essa!

"Mas também não dá para deixar o banco neste estado!", ela teve vontade de dizer, enquanto continuava tentando se equilibrar sobre as revistas.

Alguns quilômetros depois, ele perguntou:

— Tudo bem aí, moça?

— Tu… tudo bem…

— Um dia eu fiquei atolado aqui e…

— Você ficou o quê?

— Atolado. Não sabe o que significa atolado?

— Sei, mas é claro que sei…

— Pois, então: um dia eu fiquei atolado aqui com esse caminhão, tinha chovido muito e havia muito barro.

— E como você fez para desatolar o caminhão?

— Precisei chamar um guincho. E, com isso, gastei muito dinheiro. Quase que naquele mês não pude pagar a prestação da fazenda.

— Mas no fim tudo deu certo, não deu?

— Deu, sim, moça. No fim tudo deu certo. Mas não foi nada fácil. — Ele a fitou. — Já se arrependeu?

— Do quê?

— De ter vindo para cá comigo.

— Não, eu raramente me arrependo daquilo que faço.

— Continuo achando que não deveria ter colocado aquele anúncio no jornal.

"Será que ele vai continuar insistindo nessa história?"

— Moça como a senhora não precisa pôr aquele tipo de anúncio no jornal.

— E você ficou muito sujo? — Xan fez questão de voltar ao assunto anterior. Não podia continuar se justificando por causa do anúncio. Havia feito aquilo que achara necessário, diante das circunstâncias que vivia.

— Não entendi, moça.

— Estou querendo saber se ficou muito sujo quando o caminhão atolou aqui na estrada.

— Sujo? — Ele deu um meio sorriso. — Fiquei coberto de barro.

— A paisagem daqui é muito bonita.

— É bonita, muito bonita. Mas tem muita gente que não gosta desse descampado todo — Matt concordou. — Onde a senhora nasceu, moça?

— Em Topeka, no Estado de Kansas.

— Mas Kansas não fica exatamente no leste.

— Não, não fica.

Os dois trafegavam agora por um trecho da estrada que tinha menos buracos.

— E quando a senhora foi para o leste?

— Meus pais morreram quando eu tinha sete anos. Meus avós me levaram para morar com eles em Nova York, depois que fiquei órfã. Logo depois a minha avó faleceu. Como tinha ficado inconsolável com a morte dela, perguntei ao meu avô se May podia ir morar conosco. Ela trabalhava na casa do meu pai e tinha ficado viúva.

— Isso tudo aconteceu quando a senhora tinha sete anos de idade?

— Não, quando May foi morar na casa do meu avô eu já estava com oito. — Xan sentiu seus olhos se encherem de lágrimas. — Como o meu avô raramente ficava em casa, por causa da mágoa que sentia pela perda da minha avó, ele concordou com que May fosse morar conosco.

— E o seu avô? Onde está ele agora.

— Infelizmente, há um ano, ele também faleceu. Hoje eu só tenho a May.

Matt ficou em silêncio, prestando atenção na estrada.

— Eu o invejo muito, sr. Coltrain.

— Por quê? — Matt a fitou de soslaio.

— Porque você tem irmãos. É… — Xan balançou a cabeça em negativa e depois de um profundo suspiro disse: — Mas não posso me queixar. Eu tenho May e ela, de uma certa maneira, faz o papel de uma imensa família.

— Mesmo assim, a senhora decidiu encontrar um marido.

— É verdade… — Xan disse baixinho.

Xan agora pensava no que May vivia lhe dizendo. A governanta fazia questão de sempre a lembrar que o avô tinha lhe deixado um império e, portanto, ela era responsável pela sobrevivência de

centenas de funcionários.

"May tem toda razão. Mas o meu avô me deixou dinheiro demais e preciso continuar encontrando maneiras úteis de usar esse dinheiro. Meu avô era mesmo um homem muito estranho: não ajudava ninguém, não fazia filantropia… Apesar de eu já ter ajudado muitas instituições de caridade, não estou satisfeita. E aquele idiota do Tedd vivia me dizendo que não poderia desperdiçar o meu dinheiro, que deveria reinvesti-lo. Desde quando ajudar pessoas necessitadas e instituições de caridade é desperdiçar dinheiro? O que Tedd estava querendo era ficar responsável pela minha fortuna…"

Xan ajeitou as revistas e continuou pensando: "Não sei se estou sendo muito justa com Tedd. Acontece que eu não confio nele. É isso: não confio em Tedd Bramforth! Não confio nele e em nenhum outro homem que sabe da minha situação financeira. E, quanto a isso, ninguém pode me ajudar. Eu, sozinha, terei que resolver essa situação. Nasci e vou morrer uma Harrington! No entanto, isso não significa que tenha de me tornar uma mulher fútil, inconsequente. E não acho que foi inconsequência da minha parte ter pego aquele globo terrestre e escolhido ao acaso um local para procurar um companheiro, alguém que possa me fazer feliz para o resto da minha vida. Não foi inconsequência mesmo! Quero alguém que goste de mim pelo que sou, não pela minha conta bancária. E não ia ser em Nova York que iria encontrar esse homem. Lá todos sabem o que significa o meu sobrenome, todos sabem o que representam as Empresas Harrington. Aqui, pelo menos, sou chamada de doida, mas ninguém me conhece. Me sinto muito mais tranquila, muito mais protegida. E descobri que é muito bom ser apenas mais uma no meio de uma multidão. Me cansei de ser tratada bem, de ser procurada só pelas pessoas que têm interesse. Se fosse pobre, se não tivesse nada a oferecer

financeiramente, se perdesse minha fortuna de repente, garanto que todas aquelas pessoas que ficam me assediando, passariam a me ignorar. Agora estou aqui: dentro de um caminhão velho, caindo aos pedaços, mas sendo tratada com respeito pelo que sou. E isso é muito bom: faz com que eu me sinta renascendo para a vida."

Xan olhou para Matt que se mantinha atendo à estrada, num silêncio nada agressivo.

"Ele deve estar se sentindo meio desconfortável ao meu lado. E deve também estar pensando mil coisas a meu respeito. Mas não posso contar a ele quem sou realmente. Aí, sim, as coisas ficariam difíceis para mim. Não quero que meu dinheiro, de repente, funcione como um abismo intransponível entre mim e as pessoas que estou conhecendo aqui… Não seria justo. Tudo iria acontecer de novo: seria de novo a herdeira dos Harrington."

— E está disposta a continuar?

— Não entendi o que está querendo dizer.

— Estou querendo saber se está mesmo a fim de encontrar um marido.

— Acho que já lhe deixei claro que estou, sim.

— Se quiser desistir…

"Esse homem, de vez enquanto resolve ser lacônico e eu não entendo direito o que está querendo dizer."

— Desistir do quê?

— Se quiser voltar para Wall, moça, é só dizer: dou meia-volta e…

— Não, eu não quero voltar para Wall — Xan o interrompeu. — Vim conhecer a sua fazenda e é o que vou fazer.

"Esse peão está se sentindo muito inseguro comigo. Na certa, para ele, as mulheres que vêm de

Nova York são pessoas inatingíveis."

— Por acaso está querendo me levar de volta para Wall? — ela quis saber.

— Não, estou muito satisfeito com a sua companhia. "Pois não parece", ela teve vontade de dizer. "Acho que você está morrendo de medo de mim. Pois saiba, sr. Coltrain, que as mulheres de Nova York são iguais a de todos os lugares: elas, como todos os seres humanos, só estão à procura da felicidade. E hoje em dia não está nada fácil encontrar a felicidade. Não, não está… As pessoas, além de morrerem de medo uma das outras, se tornaram profundamente egoístas e só pensam no próprio bem-estar." De novo o caminhão começou a chacoalhar.

— Esse trecho da estrada é bem pior do que o outro.

— E o que é aquilo? — Ela apontou assustada.

— Uma nuvem de gafanhotos. — Matt fechou a janela que ficava ao lado dele e diminuiu a velocidade do caminhão.

— Pegue alguns jornais e proteja a sua janela. Se não fizer isso, muitos gafanhotos vão entrar na cabine.

Xan, imediatamente seguiu as instruções. Porém, quando a nuvem de gafanhotos passou por eles, muitos dos insetos entraram na cabine.

— Está com medo?

— Estou. — Ela olhava para um gafanhoto que se encontrava sobre o painel.

— Mas eles são inofensivos.

— Tudo bem, mas eu estou com medo. Acho melhor parar o caminhão. Quero que tire esses bichos daqui.

— Mas eles são inofensivos — Matt voltou a

dizer.

— Você já disse isso. Por favor, pare o caminhão.

— Certo, moça. — Ele parou o veículo ao lado da estrada e tirou de dentro da cabine os gafanhotos que haviam entrado.

Quando já estavam de novo a caminho da fazenda, ele disse:

— Só espero que eles não tenham ido fazer uma visitinha lá na minha fazenda. Se isso aconteceu, minha situação vai ficar mais, do que difícil.

— E nós estamos longe da fazenda?

— Daqui a meia hora a gente chega.

"Se essa estradinha fosse asfaltada, a distância entre Wall e a fazenda poderia ser coberta em vinte minutos, no máximo em meia hora. Bem, pelo menos eu acho que poderia…"

Xan, de repente, sentiu algo se mexer em sua cabeça.

— Tem um gafanhoto em sua cabeça — Matt disse, no momento seguinte.

— Um gafanhoto? — Ela sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo. — E o que eu faço?

— É só tirá-lo daí.

— E como eu faço isso? — Xan estava muito apreensiva.

— Já disse que os gafanhotos são inofensivos, moça.

— Tudo bem: mas como faço para tirá-lo da minha cabeça?

— É só usar as mãos. — Ele deu um meio sorriso.

— Mas é claro que eu tenho que usar as mãos — ela respondeu irritada. — Não poderia pegá-los com

os pés!

— Quer que eu pare o caminhão de novo?

— Não, eu dou um jeito. — Com muito cuidado, Xan levou as mãos à cabeça.

— Vamos, moça! Coragem! É só um gafanhoto.

— Sabe que cheguei a pensar que fosse um rato? Matt não percebeu que ela estava ironizando:

— Não, moça, acredite, é apenas um gafanhoto.

"Coragem, Xan! Muita coragem!", ela se recomendou em pensamento e, com muito cuidado, pegou o inseto e fez questão de não olhá-lo.

— E agora? O que eu faço?

— E só jogá-lo pela janela.

— Mas ele pode se machucar.

— Os gafanhotos têm asas. Assim que jogá-lo para fora da janela, ele vai voar.

Xan jogou o inseto pela janela, sem olhar se ele havia voado ou não, e se sentiu mais aliviada.

— Essas moças da cidade grande… — ele comentou. Xan resolveu não contestar. Afinal, de uma certa maneira, ele tinha razão: não era comum ficar tão apavorada por causa apenas de um simples gafanhoto.

"Bem, tenho que assumir a minha escolha. O destino me fez vir para Wall e preciso ir em frente. Não será um caminhão velho, uma estrada cheia de buracos e gafanhotos que me farão voltar atrás!"

— O que é aquilo lá adiante? Um barracão para estocar a colheita? — ela perguntou. Desde que haviam deixado a estrada asfaltada, era a primeira construção que tinha diante dos olhos.

— Não, moça, aquilo lá não é um barracão.

— Não?

— Não, aquilo que a senhora está vendo é a minha casa e é lá que se inicia a minha propriedade.

"Casa? Ele chama aquilo de casa?" Mas Xan se calou e esperou até que, minutos mais tarde, Matt parasse o caminhão diante da construção.

— Desapontada? — ele quis saber, assim que desceram.

— Não, mas…

— Esperava um pouco mais de conforto, não é?

— Bem, eu…

— Sei que todo mundo fica chocado com a casa onde moro, mas é o máximo que consegui ter até hoje. Para mim é bem mais que suficiente. — Ele passou as mãos pelo rosto e a fitou. — Aguarde um pouquinho aqui fora. Vou abrir as janelas para arejar um pouco.

Xan, apesar de estarrecida com aquela construção viu que, pelo menos do lado de fora, ela era muito bem cuidada.

Sentou-se, então, num banco feito de pedras e ficou olhando a imensidão da campina que tinha diante de si.

"Esse homem é muito esforçado. Imagine, morar aqui sozinho, numa casa absurdamente simples, longe de tudo e de todos e trabalhar feito um condenado para poder pagar pelas suas terras. Se meus amigos o viessem… Iriam dizer que não passa de um louco. Mas, pelo jeito, Matt Coltrain tem algo que os homens que conheço não possuem: determinação. A mesma determinação que, com toda certeza, existia nos primeiros colonizadores que, partindo do nada, apenas da sua força de trabalho, construíram esse país. Para as pessoas que conheço lá em Nova York, a vida sempre foi muito fácil. Não precisaram se esforçar absolutamente nada para conseguirem o que têm hoje. E todos são

muito arrogantes, todos são muito senhores de si." Ela deu um profundo suspiro. "E muito fácil desfrutar de um império pelo qual não tivemos que fazer nada para conseguirmos. É muito fácil dar ordens e sermos obedecidos. Mas partir do nada, construir passo a passo as suas vidas, eles não conseguiriam. Eu também acho que não conseguiria nada na vida se tivesse que construir tudo sozinha. Hoje em dia as coisas não estão fáceis… Mas Matt é muito diferente: não mede esforços para conseguir o que quer. E não acho que ele queira muito. Ele quer apenas uma casa, essa fazenda e uma mulher para amar e compartilhar seus sonhos. Se eu me casasse com ele, iria fazer de tudo para ajudá-lo. A primeira coisa que faria seria saldar a dívida que ele tem com o banco. Depois, mandaria construir aqui uma bela casa com todas as comodidades, lhe presentearia com implementos agrícolas, veria se Matt tem problema com irrigação… Bem, mas mesmo se a gente não casar eu posso fazer tudo isso. Por que não? Matt Coltrain merece uma chance na vida. Deve ser terrível viver dessa maneira tão estóica."

— Se quiser entrar, moça… — Matt apareceu na porta da casa.

Xan se levantou e entrou.

— Sinta-se à vontade, faz de conta que a casa é sua. Apesar de muito simples, o interior da casa também era muito bem cuidado: tudo muito limpo, tudo no seu devido lugar. O piso da sala era de cimento vermelho e brilhava muito.

"Além de trabalhar no campo, Matt encera a casa… Desde que eu morava em Topeka não via um piso como esse."

Na sala havia uma mesa com quatro cadeiras e um sofá de couro bastante usado.

— Venha, vou lhe mostrar a cozinha. Xan o seguiu.

O piso da cozinha, também brilhante, era igual ao da sala. A pia, de granito branco, também estava impecavelmente limpa.

— Está com sede, moça?

— Estou, sim.

— Então, vou pegar a cesta que deixei no caminhão. Instantes depois Matt voltava com a cesta nas mãos.

— Bem, aqui dentro está a limonada que o Pastor fez para nós. E ali — ele apontou —, tem uma moringa de barro com água fresca.

— Obrigada.

— Agora vou precisar deixar a senhora sozinha, moça. Tenho que trabalhar. Quando voltar, preparo alguma coisa para a gente comer.

Sem dizer mais nenhuma palavra, Matt a deixou na cozinha.

Ao ficar sozinha, Xan foi até à pia e serviu-se de água. Depois, viu que precisava pensar com muito cuidado em tudo o que estava acontecendo. Ela sentou-se à mesa tosca da cozinha, com o copo de água nas mãos.

Xan, então, se reportou ao dia anterior. Havia chegado às oito no local onde se realizava o rodeio e se instalara na barraca. Depois, tinha ido até onde serviam café e tomado uma xícara. Tudo ali lhe parecera muito estranho: as pessoas que frequentavam o lugar, a maneira que se comunicavam. Naquela cidade da Dakota do Sul ela tivera a sensação de estar em outro mundo.

Depois do café, Xan fora dar uma volta pelo local e havia visto vários vaqueiros que, de maneira saudável e muito alegre, conversavam uns com os outros. Mas Xan não havia se aproximado deles. Não, de maneira discreta, tinha ficado de longe apenas observando. Em torno das quinze para as

dez, voltara à barraca e tinha se assustado com a fila de homens que haviam se prontificado a ser entrevistados. No início das entrevistas, Xan se sentira meio inibida e bastante desambientada. Mas lembrar-se do motivo que a levara ali tinha sido o suficiente para que erguesse a cabeça e às dez horas em ponto, iniciasse as entrevistas. Aí, quando tudo parecia ter terminado, havia aparecido o homem mais estranho que já tinha encontrado na vida: sujo, sem documentos, sem curriculum e fotografias, com um jeito muito matuto de falar… Porém, Matt Coltrain logo se mostrara bastante diferente dos outros.

"E aqui estou eu, longe da civilização, longe de tudo que estou acostumada, na casa de um homem que mal conheço direito." Ela deu um profundo suspiro. "Tenho certeza de que há pouco, quando saiu daqui, Matt tinha certeza de que eu fosse correr atrás dele e pedir que me levasse de volta para a civilização. Ele, desde o momento que o conheci, fez questão de se mostrar um homem pelo qual não vale muito à pena qualquer tipo de sacrifício. E, desde o início, deixou bem claro que não tem nada para me oferecer. Ele sempre deixou bem claro que é muito pobre. E, devo admitir, que adorei a maneira honesta dele, o jeito que se comporta, a maneira estóica que encara a vida, o seu silêncio e agora… o fato de ele ter me deixado sozinha aqui para ir cuidar da colheita de aveia. Sei que sou bonita e muito atraente. Qual homem, ao se ver sozinho com uma mulher, a deixaria para ir cuidar dos afazeres? Nenhum. Pelo menos, nenhum que eu conheça. Matt Coltrain me surpreendeu. Muito. Tudo nele me agrada. Ele passou no teste. Mal posso esperar para telefonar para May e lhe dizer que estou planejando me tornar a sra. Amasa Matt Coltrain.

Capítulo 4

O sol já tinha se posto. Os trovões que haviam iniciado na final da tarde não paravam. Mas o barulho do trator com o qual Matt trabalhava tinha silenciado assim que o temporal havia começado.

"Se Matt não voltar logo, vou sair para procurá-lo. Talvez tenha acabado a gasolina do trator e ele esteja precisando de ajuda. Só faltava ter acontecido com ele, o mesmo que aconteceu com o marido de May: morrer atingido por um raio. Não, eu não posso pensar numa coisa dessa. É muito perigoso ficar tão exposto com um tempo desse. E faz muito tempo que esse homem está trabalhando, não sei como aguenta…"

Depois que Matt saíra para trabalhar, Xan havia resolvido dar uma olhada melhor na casa. No quarto, numa pequena estante, havia encontrado alguns romances. E teve certeza de que tinham pertencido à mãe de Matt. Em todos constava um nome de mulher: Marine Melanie Coltrain, e uma data. Ao lado da estante, Xan havia encontrado vários quadros, também assinados pelo mesmo nome de mulher. Em um dado momento, não sabendo o que fazer, pegara o martelo e pregos que havia encontrado num pequeno armário da cozinha e começara a colocar os quadros na parede. Depois de terminado o serviço, satisfeita, pegara um dos romances e deitara-se no sofá. Depois de ler por várias horas, acabara adormecendo.

Ao acordar, por causa do ribombar dos trovões, Xan tinha olhado para o relógio de pulso e se assustado: seis horas da tarde!

— Como? Como pude dormir tanto assim? — ela havia se perguntado. — Deve ser por causa da temperatura, não estou acostumada a tanto calor.

Xan havia ido para a cozinha e, na gaveta da mesa, encontrado uma toalha. Aí, então, resolveu fazer uma surpresa para Matt.

Meia hora mais tarde estava com tudo arrumado: a mesa posta e, sobre uma chapa de ferro, os hambúrgueres que haviam sobrado.

Assim que Matt entrasse em casa, Xan pretendia esquentar os hambúrgueres. Mas o tempo tinha passado e ele não havia chegado.

Aflita, andando de um lado para o outro na sala, Xan agora temia que o pior tivesse acontecido com ele.

— Não, não posso perder a calma. Matt deve estar executando alguma tarefa que não precisa do uso do trator. — Mais uma vez ela foi para a cozinha e ajeitou o pão e o pote de mel. — Bem que eu poderia ter cozinhado mais alguma coisa. Mas não posso ficar mexendo nas coisas dele.

Xan voltou a olhar no relógio. Dez horas da noite.

— Não, não posso continuar aqui. Algo de muito sério deve ter acontecido com Matt. Não é possível que ainda esteja trabalhando. Mas sair lá fora com uma escuridão dessa é muito perigoso. Não, o melhor que tenho a fazer é continuar esperando. Matt Coltrain é homem que sabe o que faz.

Apesar da apreensão, Xan voltou para o sofá e continuou lendo o romance. De repente, se deparou com um trecho assinalado a lápis e leu: Os sonhos, que eles tinham sonhado juntos, todos, haviam se realizado. E onde havia respeito, companheirismo e dedicação, o amor pôde florescer.

Xan fechou o livro e ficou pensando no que acabara de ler. De repente, um trovão muito forte pareceu sacudir a casa. Uma chuva muito mais forte

começou a cair.

— Meu Deus… Parece que o céu está desabando. Não posso ficar aqui. Matt pode estar precisando de mim. — Decidida, ela se levantou. — Vou sair para procurá-lo.

Porém, ao abrir a porta da casa, Xan percebeu que não tinha a menor condição de sair. Chovia a cântaros. Dez minutos mais tarde, a chuva tinha diminuído bastante. Decidida, colocou um pedaço de plástico na cabeça, pegou uma lanterna e correu para a construção que ficava atrás da casa.

— Matt! — ela gritou junto à porta que se encontrava aberta. — Você está aí?

Em resposta, apenas o barulho dos pingos da chuva batendo contra o telhado de zinco.

— Matt — ela voltou a chamar. Nada. Nenhuma resposta foi ouvida.

— Ele deve estar no campo.

Apressada, mas tomando cuidado para não tropeçar e cair, Xan se dirigiu até ao caminhão. Depois de sentar-se ao volante, disse aliviada:

— Ainda bem que Matt deixou a chave na ignição. Mas para onde eu vou? Quando estávamos chegando, Matt me disse que a casa era o início da propriedade dele. O jeito é seguir em frente, justamente de onde vinha o barulho do trator.

Xan ligou o caminhão e, com muita dificuldade, colocou-o em movimento.

"Esse caminhão é velho mesmo! Hoje em dia existem veículos muito mais modernos que esse. Está aí um outra coisa que preciso comprar para Matt: uma caminhão novo."

Após ter percorrido uns cem metros, desceu do veículo e chamou por Matt. Ao não ouvir resposta, se perguntou:

— Será que vim na direção errada? Meu Deus, se não encontrá-lo não sei o que vou fazer…

De novo no caminhão, Xan resolveu seguir em frente e pegar uma estradinha à direita. Mais adiante, parou o caminhão, desceu e gritou:

— Matt! Matt! Sou eu, Xan! Por favor, se estiver me ouvindo, responda!

— Mas o que você está fazendo aqui? — Ela conseguiu ouvir distintamente a voz dele.

— Graças a Deus! Graças a Deus encontrei você! — Feliz, ela voltou a gritar. — Pensei que tivesse lhe acontecido alguma coisa!

— Não precisa mais gritar. Estou aqui. — Matt havia se aproximado sem que Xan notasse. — E o que poderia ter me acontecido?

— Meu Deus! Que bom! Você está inteiro! — Xan teve muita vontade de abraçá-lo, mas se conteve.

— Mas é claro que estou inteiro, moça. Você queria que eu estivesse em pedaços?

— Imagine… De jeito nenhum…

— Mas eu lhe fiz uma pergunta: o que acha que poderia ter me acontecido?

— Um raio poderia ter caído sobre você. Aí, fiquei muito preocupada.

— Desde quando as moças do leste saem no meio de um temporal por causa de um simples desconhecido?

— Fiquei muito preocupada e resolvi vir ver se estava precisando de ajuda. Deveria, pelo menos, me agradecer.

— Eu agradeço, moça. Mas deveria ter ficado me esperando em casa.

— Fiquei esperando você por muito tempo,

como não apareceu, vim procurá-lo. E não me arrependo. Algo realmente poderia ter lhe acontecido.

— Mas não aconteceu. — Ele olhou para o caminhão. — E desde quando você sabe dirigir uma coisa como essa?

— Sou uma excelente motorista, sr. Coltrain.

— Deve ser mesmo, para guiar um caminhão como esse…

— Mas me diga: o que aconteceu? Por que não voltou para casa?

— Estou tendo problemas com o motor do trator.

— E vai continuar aqui tentando consertá-lo?

— Não, moça. Hoje não vou conseguir fazer mais nada. Vou esperar o dia clarear. Amanhã dou um jeito nele. — Matt, com a lanterna que tinha nas mãos, iluminou o caminhão. — É melhor entrar. Vamos voltar para casa.

Sem dizer mais nada, os dois entraram no caminhão. Depois de fazer uma manobra, ele pegou o caminho de volta.

Antes de entrar em casa, Matt tirou as botas sujas de barro. Xan fez o mesmo com as sandálias e limpou bem os pés, num pano que havia colocado na entrada da sala.

— A senhora… — Ele olhava espantado para as paredes.

— Não sei se deveria ter feito isso, mas adorei os quadros. E eles ficaram lindos no lugar que os coloquei, não ficaram?

— É… — Foi a resposta dele.

— Foi sua mãe quem pintou esses quadros?

— Foi ela, sim.

— Ela era uma excelente pintora.

— Minha mãe era muito boa em tudo o que fazia. Agora vou tomar um banho. — Matt saiu da sala, mas logo voltou com uma calça e uma camisa nas mãos. — Troque de roupa, moça. Molhada do jeito que está, vai acabar pegando um resfriado.

Xan pegou as roupas que ele lhe estendia.

— Muito obrigada.

— Bem, agora vou tomar o meu banho.

Quando ouviu o barulho de água no banheiro, Xan despiu-se e vestiu a roupa que ele havia lhe entregue.

— Com essas roupas, estou parecendo um espantalho. — Ela,/ foi para a cozinha e ligou o fogão para esquentar os hambúrgueres.

Dez minutos mais tarde, Matt entrava na cozinha.

— Mas o que é isso? — ele perguntou espantado.

— Resolvi fazer um jantarzinho para nós.

— Um jantarzinho…

— Infelizmente só temos os hambúrgueres, o pão, o mel e a limonada.

— Infelizmente?

— E… — Ela desligou o fogão.

— Mas o jantar está muito bom, moça. E acho que devo dar graças a Deus por ter encontrado a senhora. Parece que Ele finalmente mandou para mim a mulher que eu esperava. O que acha disso, moça?

Xan, trêmula diante daquele olhar verde, não disse nada.

— A senhora está hesitando, moça. Mas estou

achando que Deus realmente atendeu as minhas preces. É muito bom para um homem chegar em casa e encontrar tudo pronto. Mas ainda existe um teste para ser feito.

— Um tes… te? — ela titubeou.

— E um teste. Sem ele a gente nunca vai ficar sabendo se nascemos um para o outro, — Matt se aproximou de Xan e, sem a menor cerimônia, a abraçou e a beijou com um imenso desejo.

Xan, pega de surpresa, e mesmo não esperando por aquilo, correspondeu ao beijo na mesma intensidade. E se deixou se envolver pelo contato daquele corpo másculo, ansioso.

"Mas que homem! Eu nunca fui beijada assim, eu nunca fui tocada desse jeito… Isso é maravilhoso! E pensar que eu posso ter tudo isso pelo resto da minha vida…", ela pensava, enquanto saboreava daqueles toques jamais sonhados.

Num movimento muito rápido, Matt a puxou mais para junto de si e, meio desequilibrada, Xan torceu o tornozelo.

— Ai, que dor! — ela disse contra os lábios dele.

— O que foi, moça? — Matt perguntou, assustado.

— O meu tornozelo.

— O que foi que aconteceu com o seu tornozelo?

— Eu o torci.

Sem pensar duas vezes, ele a ergueu nos braços e a levou até o sofá.

— Fique aí. Vou até ao banheiro pegar água para lavar os seus pés e uma pomada.

Ao voltar, Matt estava com um caldeirão e um tubo de pomada nas mãos. Devagar, ele agachou-se,

lavou-lhe os pés e começou a passar a pomada lentamente no tornozelo de Xan.

Ela, apesar da dor, estava adorando aquela massagem. As mãos de Matt eram grandes, os dedos longos e o toque dele era algo devastador.

"A atração física que estou sentindo por esse homem está se tornando insuportável. Imagine, mesmo com o tornozelo torcido, estou morrendo de vontade de continuar o que começamos lá na cozinha…"

— Disse alguma coisa, moça?

— Não, eu não disse nada. — Ela sentiu o coração disparar dentro do peito.

"Só faltava, agora, esse homem começar a ler os meus pensamentos… Ele é tão misterioso, tão calado, que é bem capaz de conseguir fazer uma coisa dessa…"

— Ainda bem que você tinha essa pomada em casa.

— Ainda bem — ele concordou. — Tem gente que coloca água quente quando acontece isso. Mas água quente só pode ser colocada depois de dois dias.

— É mesmo? — ela se surpreendeu com o comentário. — E quem lhe disse isso?

— Um médico que uma vez encontrei.

Sem pronunciar mais uma palavra sequer, ele continuou com a massagem.

"Matt Coltrain, gostaria muito de lhe dizer que adorei, amei aquele beijo lá na cozinha. Apesar do nosso teste mal ter começado, acho que já o aprovei. Você tem mais requisitos do que sonhei um dia encontrar num homem."

— Disse alguma coisa? — ele voltou a perguntar.

— Não, não disse nada.

— A chuva voltou a cair forte.

— E verdade, parece que o céu está desabando sobre essa região.

— A senhora tem medo de tempestade, moça?

— Não, não tenho.

— Então, por que saiu para me procurar?

— Olha, eu não tenho medo de tempestade quando estou muito bem abrigada e…

— Mas a senhora estava muito bem abrigada — ele a interrompeu.

— Eu, sim. Mas você estava lá fora ao sabor dos caprichos da natureza.

— Muito bonito isso que acabou de falar, moça.

— E o que foi que eu falei?

— Não me lembro direito, mas disse qualquer coisa sobre os caprichos da natureza.

— Sei… — Ela teve a sensação de que Matt estava tentando mudar de assunto. — Mas você não pode ficar no campo em plena tempestade, Matt. É muito perigoso.

— Eu sei que é perigoso.

— Mas você ficou lá, mesmo sob a chuva.

— Moça, eu não tenho ninguém para me ajudar. E tenho que fazer o trabalho. Não se esqueça da minha dívida.

— Mas se um raio cair sobre a sua cabeça, quem é que vai pagar a dívida?

— Ninguém, mas aí não estarei aqui para ficar bravo com a situação.

— Olha, Matt, concordo com você que a gente deve trabalhar e lutar muito para conseguir o que

quer. Mas não podemos correr riscos de maneira gratuita.

— Moça, a senhora não faz a menor ideia de como tudo isso aqui é importante para mim.

— Mas é claro que eu faço.

— Não parece.

— Acontece, Matt, que numa tempestade como essa que caiu hoje aqui, é muito fácil ser atingido por um raio, se não estivermos protegidos.

Matt se calou. Só então viu o romance que estava sobre o sofá.

— Fiz mal em pegar o romance para ler? — ela perguntou.

— Não, eu não estou reclamando. Minha mãe adorava ler.

— Ela faleceu há muito tempo?

— Há oito anos. — Ele se levantou. — Fique sentada, vou pegar comida para a senhora.

— Eu faço isso. — Xan levantou-se rapidamente e, pisando em falso, torceu de novo o mesmo tornozelo. Lívida de dor, voltou a sentar-se.

— O que foi? — Matt perguntou ao ver-lhe a palidez.

— Torci o pé de novo.

— Mas eu disse para a senhora ficar sentada. — Ele inclinou-se e ergueu-a nos braços.

— Mas o que está fazendo?

— Vou levá-la para a minha cama. E quero que fique deitada. A senhora pode quebrar o pé, sabia?

— Eu não vou quebrar o meu pé.

— Não vai, se ficar em repouso. — Ele a colocou sobre a cama. — Agora me espere. Vou buscar a comida. A senhora precisa se alimentar.

Ao voltar para o quarto, Matt trazia uma bandeja de madeira nas mãos.

— Pronto: dois hambúrgueres, pão, mel e um copo de limonada. — Ele colocou a bandeja sobre a mesa.

— Essa comida é muito para mim.

— Não, moça, não é muito. A senhora não come desde a hora que viemos para cá.

— Mas só sobraram dois hambúrgueres para você.

— Para mim está bom.

— Matt, depois de trabalhar tanto, você deve estar faminto.

— E estou. Mas se sentir fome, eu frito uns ovos. A senhora quer um ovo frito, moça?

— Não, muito obrigada.

— Então, coma os hambúrgueres. Vou para a cozinha.

— Acho melhor eu ir para lá também.

— Não, a senhora vai ficar aqui.

— Mas eu queria que jantássemos juntos…

— Fica para uma outra vez. Agora eu vou comer.

Só quando levou um pedaço do hambúrguer à boca, Xan percebeu o quanto estava faminta. E logo tinha comido tudo o que Matt havia lhe levado.

"Devo ter ficado tão nervosa por causa da tempestade que, durante o dia todo, nem pensei em comer. Mas o tempero do Pastor é mesmo uma delícia…"

Xan colocou a bandeja de lado e recostou-se na cabeceira da dama.

"Pelo jeito, Matt não vai me levar para Wall. A

estrada de terra deve estar intransitável. E eu aqui… Longe de tudo e de todos, dentro de uma casa simples, na companhia de um homem de pouca conversa que estou querendo que se torne o meu marido… Essa vida é mesmo muito engraçada… E nos prega surpresas imensas. Há mais ou menos vinte e quatro horas, quando estava fechando a barraca… ele apareceu… E, de repente, sinto que a minha vida pode dar uma grande guinada. Sra. Roxanne Harrington Coltrain… Até que soa bem… Será que Matt também gostou de me beijar? Eu acho que sim… Quando estava massageando o meu tornozelo, ele me olhava de uma maneira bastante comprometedora. Parecia que seus olhos tinham ficado mais verdes tamanho era o desejo que, tenho certeza, estava sentindo por mim."

— E então? — ele perguntou ao entrar no quarto?

— A comida estava uma delícia.

— Não foi isso que eu perguntei.

— Não? O que é, então, que está querendo saber?

— Estou querendo saber, moça, se fui aprovado.

— Eu… — ela não sabia o que responder.

— A senhora gosta de crianças, moça?

— Muito. Eu adoro crianças.

— Então, dependendo da sua resposta, a gente pode começar logo, logo, a encher essa casa de crianças. — Ele fez uma pausa. — E então? Quer se casar comigo?

— Eu quero, sim, me casar com você, Matt.

— Ótimo. Eu também quero me casar com a senhora, moça.

— Mas, se vamos nos casar, acho bom parar de me chamar de senhora e de moça.

— Certo, moça.

— Não, assim não vale. Vamos, diga: certo, Xan.

— Mas Xan é um nome muito esquisito.

— Xan não é o meu nome, Matt, é o meu apelido.

— E como é o seu nome?

— Roxanne.

— Roxanne é um nome muito bonito.

— Mas todos me chamam de Xan. Gostaria que fizesse o mesmo.

— Certo, moça.

— Certo, Xan. — Ela riu. — Vamos, diga: certo, Xan. Afinal, nós vamos nos casar.

— Certo, Xan. Mas eu não posso lhe dar um anel.

— Anel? — ela perguntou, meio desentendida.

— É. Não posso lhe dar um anel de noivado.

— Isso, para mim, não tem a menor importância.

— Mas todas as mulheres que conheço querem usar um anel de noivado.

— Eu dispenso o anel. A única coisa que me importa é o respeito, o companheirismo… Não será um anel de noivado que vai fazer com que isso tudo passe a existir entre nós dois.

— Isso é verdade.

— Saí à procura do homem certo para mim, Matt, e acho que você é esse homem. Portanto, esqueça o anel.

— A senhora… Bem, também estou achando que você é a mulher que estava esperando.

— Isso é muito bom.

— Não vou poder levar você de volta para Wall. Eu…

— Já imaginava — ela o interrompeu.

— Se arriscar, a gente corre o risco de ficar atolado.

— Não se preocupe, eu passo a noite aqui.

— Bem, então é melhor a gente dormir. Amanhã tenho muito trabalho para fazer.

Matt saiu do quarto.

"Foi fácil, fácil demais encontrar o homem que estava procurando." Ela deu um suspiro de alívio. "Bem, não foi tão fácil assim… Ontem fiquei o dia inteirinho recebendo aqueles homens todos… É… Mas mesmo assim foi fácil. E tenho certeza de que Matt era exatamente o homem que eu estava procurando: ele tem um caráter inabalável. Bem, também devo admitir que Matt Coltrain é um pedaço de mal caminho: alto, forte, olhos verdes, seguro de si… Só um homem muito seguro de si e de muita personalidade é capaz de viver da maneira que vive. E ele estava preocupado com o fato de não poder me dar um anel. Se Matt soubesse a quantidade de jóias que tenho lá em casa… Daria para eu mondar uma joalheria. Meu avô, quase todas as semanas fazia questão de me presentear com uma. Sempre achei aquilo um exagero, mas foi a maneira que encontrou para compensar suas ausências constantes. Isso sem contar com as jóias que herdei da minha avó… Todas elas belíssimas…"

— Quer alguma coisa, mo… Xan?

— Não entendi.

— Quer tomar um copo d'água, quer que eu leve você até ao banheiro?

— Não, muito obrigada. Estou bem.

— Então, vamos dormir. — Ele apagou a luz.

Capítulo 5

No escuro do quarto, Xan perguntou assustada:

— O que você está fazendo?

— Estou tirando a minha roupa.

— Para quê?

— Para dormir.

— E você vai dormir onde? — Xan não estava sendo capaz de disfarçar o medo.

— Aí, na cama com você.

— Não, não acho que seja uma boa ideia.

— Mas aí é o único lugar onde eu posso dormir. O sofá da sala é muito pequeno para mim.

— Então, eu vou para lá.

— Não, você vai dormir aí mesmo.

— Bem, se é assim, vou direto ao assunto: quero que saiba que até hoje nunca dormi com um homem.

— Em outras palavras, está querendo me dizer que quer esperar até a noite do casamento.

"Meu Deus, quanta franqueza! E essa é uma das qualidades que adoro nesse homem!"

— Para lhe dizer a verdade é isso mesmo — ela, por fim, respondeu. — E isso foi uma promessa.

— Promessa? Sobre o que você está falando?

— Foi uma promessa que fiz a May.

— Uma promessa que você fez a May…

— Exatamente. Prometi a May que permaneceria virgem até minha noite de núpcias.

Depois de um curto silêncio, ele disse:

— É muito justo.

— Ainda bem que você concorda.

— Neste caso, direi ao Pastor que nos casaremos no próximo sábado. Não quero esperar mais que isso. Acha que May pode chegar aqui a tempo?

— Pode. Pode, sim. Se me levar para Wall amanhã cedo, ligo para ela e May vem para cá. É só pegar um avião.

— Pelo jeito, amanhã você vai continuar na cama.

— Não, amanhã já estarei boa.

— Olha, amanhã cedo eu vou para Wall, pego as suas coisas no hotel, depois ligo para May. — Matt, que permanecera de pé até aquele momento, sentou-se na beirada da cama.

— Acho melhor eu ficar mesmo por aqui. Quando comunicar ao Pastor que vamos no casar no sábado, toda a cidade vai começar a falar de mim.

— Principalmente as mulheres.

^- Pelo jeito há muitas mulheres querendo colocar um aliança no seu dedo.

— De fato há algumas, sim — Matt admitiu e deitou-se. Ao senti-lo ao seu lado, Xan estremeceu. Percebendo o que se passava com ela, Matt disse:

— Calma, não vou fazer nada com você.

— Espero.

— Quando prometo uma coisa, moça, eu cumpro. Nada me faria desistir do casamento agora. Passei trinta e sete anos esperando pela mulher certa, uma mulher que pudesse ficar morando aqui comigo, uma mulher que tivesse o seu cheiro, a sua voz… Agora que apareceu, acha que não posso esperar? Que tal me dar um beijo de boa-noite?

— Acho melhor você ficar aí, exatamente onde

está.

— Estou pedindo apenas um beijo.

— Não acho que seja aconselhável. Você concordou em não me tocar até a noite de núpcias.

— Não, eu não concordei com isso.

— Concordou, sim, senhor!

— Nada disso. Apenas concordei que a gente não faria amor. Isso, para mim, é muito diferente.

— Eu…

— Seu autocontrole é admirável. Infelizmente não sou como você e, se não lhe -der um beijinho, não conseguirei dormir. Vou até aí, ou prefere vir até aqui?

"Acho melhor eu ir até ele. E tomar muito cuidado com o meu tornozelo."

Devagar, Xan se aproximou de Matt.

Ele, com muita delicadeza, roçou os lábios sobre os dela. Depois, instintivamente, os dois intensificaram o beijo.

E Xan se sentiu no céu. Era muito bom beijar aquele homem que o destino colocara em sua vida: um homem íntegro que, pelo jeito, honrava a própria palavra. Mas estava muito difícil para ela não ceder à tentação de tocá-lo.

"Se eu tocá-lo, vou acabar quebrando a promessa que fiz à May. Mas será que tenho mesmo que cumprir a promessa que fiz à May? Matt disse que vamos nos casar no sábado e…"

— Aconteceu alguma coisa?

— Não, eu…

— Eu também — ele a interrompeu. — Eu também quase não estou me conseguindo me conter. E se ficar mais um segundo ao seu lado, pela

primeira vez na vida, não vou cumprir a minha palavra. Portanto, vou dormir em outro lugar.

— Mas você me disse que não cabe no sofá.

— E não caibo mesmo.

— Então, eu vou para lá.

— Pode ficar aqui. Eu vou dormir na cabine do caminhão.

— Mas a cabine também é muito desconfortável.

— Atrás do banco tem uma cama. Vou dormir lá.

— Isso não é justo.

— Bem, moça…

— Xan. Quando é que vai me tratar por Xan?

— Já disse: não é muito fácil para mim. — Ele deu um profundo suspiro. — Quer dizer que todos tratam você pelo apelido?

— Todos.

— Roxanne… E um nome bastante exótico.

— Não gosto do meu nome.

— Nunca tinha encontrado uma mulher com esse nome. Quando tivermos uma filha, poderemos chamá-la de Roxy. Tenho certeza de que vai ser tão linda como você.

— É uma coincidência muito grande.

— Não estou entendendo você, mo… Não estou entendendo você, Xan.

— Sabe, sempre imaginei que teria uma filha chamada Roxy.

— E uma grande coincidência mesmo. Mas quero deixar bem claro uma coisa: quando tivermos um menino quero que se chame Matt.

— Matt?

— Exatamente. Vê algum problema nisso?

— De jeito nenhum.

— Então está combinado: nossa primeira filha se chamará Roxy, e o nosso primeiro filho será chamado de Matt.

— Roxy e Matt: vão formar uma bela dupla. Eles serão as crianças mais lindas do mundo.

— E também as mais amadas.

Xan adorou ouvir aquilo. Matt gostava mesmo de criança. ••'•/- Bem, agora eu vou para o caminhão.

— Mas lá entro deve estar tudo molhado por causa da chuva.

— Não na cama, que fica atrás do banco. E a cama está protegida por um plástico.

— Você tem certeza de que não quer que eu vá para o sofá?

— Tenho certeza absoluta. — Ele se levantou e voltou a se vestir. — Tenha uma boa noite de sono, Xan.

— Você também, Matt, tenha uma boa noite de sono. Ao se ver sozinha no quarto Xan, inundada por uma grande felicidade, sorriu satisfeita.

"Meu Deus… Onde hoje em dia, em pleno final do século vinte, beirando o segundo milênio, eu poderia encontrar um homem tão respeitador? Só aqui mesmo na Dakota do Sul. Quanta diferença dos homens lá de Nova York! Imagine se algum deles iria cumprir a palavra de esperar para fazer amor só depois do casamento? Mas não iam mesmo! Iriam arrumar uma excelente desculpa, iriam se insinuar, falar belas palavras de amor, só para atingirem seus objetivos. Aí, se sentiriam os reis de todos os mundos, sentiriam seus egos afirmados e não dariam a menor importância ao que eu estivesse sentindo.

Matt é completamente diferente. Numa noite chuvosa como essa, vai dormir na boléia de um caminhão só para que a promessa que fez a mim não seja quebrada. E ele é uma gracinha com aquele jeito todo tímido. Mas, quando me beija, deixa toda a timidez de lado e eu subo aos céus. Se sinto tanto prazer apenas com um beijo, imagina o que vou sentir quando nos tornarmos mais íntimos…"

Ela ajeitou o travesseiro.

"Mas eu fui uma grande louca em ter vindo até aqui com ele. Tive sorte de Matt ser um homem honrado, consciencioso. Poderia ter me dado muito mal. Mas as coisas se precipitaram e… Bem, se não fosse o Pastor, acho que não teria vindo até aqui. É isso mesmo: não tinha pensado nisso antes, mas foi o Pastor, a maneira como ele tratava Matt, que fez com que eu me sentisse mais segura. O Pastor o adora", ela se espreguiçou. "Mas é bom demais para ser verdade… No sábado me tornarei a sra. Coltrain. É estranho, muito estranho, nunca na vida tinha me sentido tão segura e tão protegida… Aquela casa imensa, meu dinheiro, carros, nada antes tinha me dado essa sensação de plenitude. E foi preciso que um peão entrasse na minha vida para que isso acontecesse. E estou me sentindo a mulher mais feliz do mundo."

Xan voltou a ajeitar o travesseiro e dormiu quase que imediatamente.

Xan acordou com um barulho estranho e demorou alguns segundos para entender onde se encontrava. Ao se dar conta de que estava dormindo na cama de Matt Coltrain, ela sorriu e disse feliz:

— Bom dia, dia! Bom dia, futura sra. Coltrain! — Ela se espreguiçou e olhou o relógio e pulso. — Não acredito! Dez horas! Eu dormi muito! E pensar que nos últimos meses estava com insônia…

Só então um pensamento lhe ocorreu:

"Será que Matt já foi até Wall e já voltou? Se fez isso, não levou o número do telefone da minha casa para falar com May."

Devagar, Xan pôs os pés no chão. E qual não foi a sua surpresa ao ver que suas sandálias estavam ali, limpas, esperando por ela.

"Mas que amor de criatura… Matt limpou as minhas sandálias que estavam cheias de barro. Não esperava por tanta gentileza. Esse homem é imprevisível. E sob aquela carranca toda, existe uma flor de pessoa… E o bom nisso tudo é que ele não tem a menor ideia de quem eu sou. Se soubesse que sou rica, na certa não estaria me sentindo tão segura. Mas Matt não faz a menor ideia de quem sou eu. E isso é muito bom!"

Com muito cuidado e preocupada com o tornozelo que estava bastante inchado, Xan calçou as sandálias e saiu da cama. Depois de ter ido ao banheiro, ela se dirigiu até â cozinha. Sobre a mesa, um bule de café, pão, mel e uma carta a esperavam.

Trêmula, ela pegou a carta e leu:

Querida, Xan, estou acordado há duas horas; e são exatamente sete horas. Estou de saída para a cidade e devo estar de volta à tarde. Se sentir fome, vai encontrar uma caixa de chocolate na estante do quarto. Não se esqueça de que também há ovos e carne de búfalo na geladeira. Não se preocupe, você não vai passar fome. Aproveitarei essa minha ida à cidade para comprar mais comida.

Tomei a liberdade de abrir a sua bolsa para pegar a sua carteira de motorista onde encontrei o seu telefone em Nova York. Como no anúncio que publicou no jornal você dizia que queria um companheiro de verdade, achei que não haveria nenhum problema se eu mexesse na sua bolsa. Se não podia fazer isso, por favor, me desculpe. Acontece que não quis acordá-la. Você estava muito

bonita dormindo. E posso lhe assegurar que é linda dos dois jeitos: dormindo e acordada. E tem mais uma coisa: você não ronca.

Bem, até à tarde,

Matt

Antes de colocar a carta de lado, Xan a leu mais umas vinte vezes.

"Só espero que May, agora, faça a parte dela." Ela pensou um pouco e disse: — Então, o barulho que me acordou não era nem do trator, nem do caminhão de Matt. Se ele saiu daqui às sete da manhã…

Xan tomou uma xícara de café, comeu um pedaço de pão com mel e abriu a porta da casa.

— Mas que dia lindo! Bom dia para você também Sol! Já brilhou muito hoje? — ela perguntou abrindo os braços e olhando para o céu. — O que foi que você disse? Ah, você está querendo saber se meu tornozelo está melhor? Bem, dói um pouco mas, mancando, posso andar.

Xan sorriu.

— Ainda bem que não tem ninguém por aqui. Se me vêem falando sozinha olhando para o céu, vão dizer que eu fiquei louquinha. Mas eu estou louca mesmo é de felicidade. — Ela voltou a olhar para o céu. — Ouviu o que eu disse, Sol? Estou louquinha de felicidade. Encontrei o homem da minha vida e o nome dele é Matt Coltrain! E você? Quando é que vai resolver pedir a Lua em casamento?

Devagar, Xan deu uma volta em torno da casa. Quando já estava de novo em frente à porta, ouviu o barulho de um motor.

— Será que Matt já está de volta? Não, não é possível. Minutos mais tarde, um caminhão parava em frente à casa e dois rapazes desciam.

— Bom dia, moça — um deles disse.

— Bom dia.

— Sou Lon Coltrain e esse aqui — o rapaz apontou — , é o meu irmão Ken.

— Eu tinha certeza de que vocês eram irmãos de Matt.

— Por quê, moça? — Lon quis saber.

— Vocês são muitos parecidos.

— E o que todos dizem — o rapaz respondeu, feliz. — E a senhora é a moça do anúncio.

— Sou.

— Foi o que a gente imaginou…

— Vocês estão querendo falar com o Matt?

— Estamos, sim, moça — agora era Ken quem falava.

— Ele foi até Wall e vai voltar à tarde. Não querem entrar e esperar por ele?

— Claro, claro que queremos — Lon respondeu. Depois virou-se para o irmão e disse: — Ken, pegue o celular e ligue para a fazenda Diga que estamos aqui e que localizamos Matt.

— Certo — o outro rapaz respondeu e foi para o caminhão.

— Vamos entrando, Lon — Xan convidou.

— Primeiro a senhora, moça. — O rapaz fez um gesto amplo com as mãos.

— Muito obrigada, você é muito gentil. — Xan entrou em casa.

— O que foi que aconteceu com a sua perna? — ele quis saber, ao vê-la mancando.

— Não foi com a perna, foi com o tornozelo. Eu o torci ontem à noite.

— E a senhora foi consultar um médico?

— Não foi preciso.

— Não sei por que o Matt cismou em trazê-la para cá. Imagine, esse lugar fica no fim do mundo.

— Fui eu que pedi para que ele me trouxesse para cá — ela disse, não gostando muito das palavras de Lon. — E não aconteceu nada de grave com o meu tornozelo. Matt tem uma pomada que aliviou bastante a minha dor.

Os dois chegaram na cozinha, e Xan indicou-lhe uma cadeira:

— Sente-se.

— Obrigada, moça.

— Quer tomar um café?

— Não, obrigado, tenho evitado o café por causa do meu estômago. Mas me diga, moça…

— Meu nome é Xan — ela o interrompeu.

— OK. Mas me diga: faz tempo que Matt foi para a cidade?

— Ele saiu daqui às sete.

— A senhora conseguiu dormir bem aqui nesta casa?

— Você. Me trate por você — ela pediu. — E dormi bem, sim. Para lhe dizer a verdade, dormi como nunca. Mas o seu irmão não dormiu aqui dentro.

— Não? — Lon perguntou espantado. — E onde ele dormiu?

— Na boléia do caminhão.

— Eu não acredito.

— Pois pode acreditar. Ele e eu vamos nos casar no sábado.

— O quê? — Lon arregalou os olhos.

— O seu irmão e eu vamos nos casar no sábado.

— Mas isso é bom demais! Então, aquele cabeça-dura resolveu se casar? Minha esposa e a esposa do Ken vão ficar muito felizes e vão querer fazer a maior festa que essa região já viu.

— Festa? — Xan perguntou meio ressabiada.

— Moça, só a senhora mesmo para convencer Matt a se casar.

— Eu não convenci o seu irmão a se casar comigo. Tudo aconteceu de uma maneira muito espontânea. E gostaria que não dissesse a ninguém sobre o casamento.

— Não? — Lon continuava muito espantado.

— Não, é melhor que Matt conte a quem ele quiser.

— Mas o Ken, ali — Lon apontou para a porta —, ouviu a nossa conversa.

— Isso não tem importância. Afinal, Ken também é irmão do Matt.

— Não se preocupe, moça, a gente não vai contar nada a ninguém. Sabemos o quanto Matt preza a sua intimidade.

— Ótimo. Sente-se, Ken.

— Obrigado, moça.

— Acabei de pedir ao seu irmão para me chamar de Xan. Por favor, não me chame de moça, nem de senhora. Afinal, vamos ser cunhados.

— Tudo bem, Xan. E quero lhe dizer que estou muito feliz com o casamento de vocês. Só as moças da região é que não vão ficar felizes com o casório.

— E essas moças, são muitas? — ela perguntou com um certo ciúme.

— Bem, não são poucas, mas todas falharam.

— E por quê? Por que elas falharam? — Xan estava muito curiosa.

— Bem, isso eu não sei. Mas depois que nossos pais faleceram, Matt ficou responsável por tudo e, apesar de ter namorado muito e de muitas mulheres terem movido céu e terra para se casarem com ele, meu irmão sempre se manteve um solteiro convicto. Isso até você aparecer.

— Ainda bem… — Ela respirou aliviada.

— Você tem irmãos, Xan? — Ken perguntou.

— Sou filha única.

— Nós somos três irmãos. E vai ser muito bom recebê-la na família — Lon disse, eufórico.

Os três continuaram conversando. Por volta do horário do almoço, Lon foi até ao caminhão e voltou com uma cesta de frutas e uma maleta térmica.

— Pronto! Aqui está o nosso almoço! — Ele colocou a cesta e a maleta sobre a mesa.

— Que maravilha! E o que você tem nessa maleta?

— Comida que a minha mulher preparou para mim. Ela, por causa do meu estômago, só quer que eu coma comida preparada por ela.

Durante o almoço os três continuaram conversando como bons e velhos amigos. Xan estava se sentindo muito bem com os irmãos de Matt.

Por volta das três da tarde, eles ouviram um barulho de caminhão.

— Deve ser o Matt! — Lon se levantou e foi até a porta.

— É ele mesmo!

— Ainda bem que meu irmão chegou! — Ken exclamou feliz. Minutos mais tarde, Matt entrava em casa.

— Como estão vocês? — ele perguntou aos irmãos sem ao menos lhes dar um sorriso.

— Muito bem. E, pelo jeito, você está ótimo, Matt! Ficamos muito felizes com a novidade.

— Novidade? Sobre o que você está falando, Lon?

— E você ainda pergunta? Xan nos contou tudo.

— Xan? — Matt perguntou, bastante ressabiado.

— Foi ela quem nos pediu que a tratássemos pelo apelido

— Lon logo se justificou.

— Bem, se ela pediu… — Matt olhou para Xan com um rosto muito sério.

— Então, o meu irmão vai se casar! — Ken exclamou, feliz.

— Vou. E o casamento foi marcado para o sábado às duas horas da tarde.

— Sábado às duas horas da tarde? Não seria melhor fazer a cerimônia às seis? — Ken perguntou.

— Não, esse horário está muito bom. Não quero festas, vai ser uma cerimônia bem simples. E só a família estará presente.

— Só a família? — Ken parecia muito frustrado.

— Exatamente.

— Mas podemos contar aos nossos amigos que você vai se casar, não podemos?

— Se quiser, pode também anunciar no jornal da cidade — Matt ironizou. — Mas Xan e eu não queremos saber de confusão.

— Mas a gente podia pelo menos fazer uma

festinha — Lon também estava inconformado com a decisão de Matt.

— Teremos a vida toda para fazermos festas. Depois do casamento queremos ficar sozinhos para a nossa lua-de-mel. E é assim que vai ser.

— Certo — Lon concordou.

— E o presente? Precisamos pensar no presente que vamos dar a você, Matt — Ken disse.

— É verdade! — Lon abriu um amplo sorriso.

— Olha, tenho um dinheirinho guardado no banco. Esse dinheiro eu jurei a mim mesmo que só mexeria para a minha viagem de lua-de-mel. Então, Xan e eu vamos viajar.

— Mas nós estávamos falando do seu presente de casamento, Matt — Lon disse, agora muito aflito.

— Se querem me dar um bom presente, sei o que pode ser.

— E o que é? — Ken quis saber.

— Enquanto viajo, vocês dois poderiam arar aquele campo que fica ao norte. Assim, quando chegar, ele estará pronto para o plantio. E, já que vão estar por aqui, vocês dois poderiam também fazer um jardim em volta da casa. Sei que Xan adoraria ter um jardim para cuidar.

— Um jardim… — Espantado, Ken iniciou a frase que foi terminada por Lon:

— Aqui!

— Por que tanto espanto? — Matt perguntou com muita tranquilidade. — Minha esposa merece um jardim em volta da casa e muito mais. Vocês não acham?

— Claro, claro que sim… — Os dois irmãos responderam em uníssono.

Capítulo 6

O barulho no aeroporto em Rapid City era muito grande. Xan, ao ver a mulher que a criara, gritou emocionada:

— May, aqui!

Ao distinguir Xan em meio às pessoas, May, que puxava um carrinho com as malas, abriu um amplo sorriso e seguiu em frente. Ao se aproximar, deu um forte abraço em Xan.

— Minha queridinha! — May, depois do abraço, beijou calorosamente o rosto da pessoa que mais amava no mundo. — Senti muito a sua falta, sabia?

Os olhos de Xan estavam cheios de lágrimas. Era muito bom ter junto a si a mulher que, para todos os efeitos, era sua mãe.

— Também senti muito a sua falta, meu amor. — Não contendo a emoção, Xan começou a chorar. — Mas senti sua falta mesmo!

— Não vem me dizer que você está chorando — a governanta se afastou um pouco.

— E você queria o quê?

— Que, por exemplo, você risse de felicidade.

— Eu estou feliz, mas você sabe que sempre fui uma chorona.

De braços dados com a mulher que adorava, Xan, devagar, tomou a direção da saída do aeroporto.

— E onde está o peão que, como num passe de mágica, vai tirar de mim a minha menininha? Quando ele me telefonou, tive a sensação de que estava sonhando.

— E o que achou dele?

— Por telefone, Matt foi muito gentil e educado. Mas quero conhecê-lo pessoalmente. Estou meio desconfiada…

— Desconfiada? — Xan perguntou espantada. — Do que você está desconfiando?

— Ainda não sei, querida… Mas tudo aconteceu rápido demais.

— Aconteceu no tempo exato, May. No tempo em que deveria acontecer.

— Mas você me disse que cinco minutos depois de conhecê-lo já tinha se apaixonado.

— Foi um pouco de exagero da minha parte. Não foi tão rápido assim. Levou mais ou menos uns sete ou oito minutos.

— Você não muda, não é? — May deu um tapinha no ombro de Xan. — Você nunca vai mudar: está sempre brincando comigo.

— E acha que eu deveria mudar?

— Não, tem que continuar exatamente como sempre foi: uma pessoa alegre, extrovertida e muito, muito querida. — A governanta fez uma pausa e depois continuou: — Mas acredite, minha querida, tudo está indo rápido demais. Vocês poderiam pelo menos esperar seis meses para tomarem uma decisão tão séria.

— Seis meses?

— Eu acho melhor.

— Nós não podemos esperar tanto tempo.

— Não venha me dizer que vocês dois…

— Não, não aconteceu nada entre a gente.

— Ainda bem. — May deu um suspiro de alívio. — Não se esqueça da promessa que me fez.

— Ainda bem que o casamento é amanhã. Não

aguento mais ficar dormindo na cama dele, enquanto Matt dorme na boléia do caminhão. E por falar nele, Matt está nos esperando lá fora.

— Por que ele não entrou com você?

— Acontece que Matt está economizando cada centavo para poder pagar a fazenda e não quis gastar com estacionamento. Mas tenho que lhe dizer uma coisa, May.

— O que é? — a governanta perguntou, meio assustada.

— Acontece que o caminhão dele está em péssimo estado. Quando entrar na cabine, finja que é a coisa mais natural do mundo se sentar sobre algumas revistas.

— Não entendi.

— O banco do caminhão, do lado do passageiro, está com muitas molas saindo do estofamento. Portanto, para o passageiro poder se acomodar, precisa se sentar sobre algumas revistas. Caso contrário, não dá para aguentar as molas. Entendeu agora?

— Entendi.

— Ótimo. Então, finja que não notou nada.

— Se o caminhão dele está tão ruim assim, por que já não deu um novo de presente a ele?

— May, Matt é um homem de pensamentos bastante antiquados e está lutando muito para vencer sozinho. Se ofereço um caminhão a ele, tenho certeza de que vai se sentir ofendido.

May parou de caminhar e, com os olhos brilhando de indignação, disse:

— Roxanne Harrington, não me diga que até agora não disse a esse homem quem você é!

— Não, eu não disse.

— Eu lhe ensinei que sempre, em todas as situações que a vida nos apresenta, devemos ser honestos. E você está sendo desonesta com esse moço.

— Não, não é uma questão de desonestidade…

— Ah, não? Então é uma questão de quê? De honestidade?

— Sabe, May, não sei exatamente o que aconteceu na vida de Matt. Só sei que os irmãos dele têm muito dinheiro, mas Matt vive com uma grande dificuldade e está se esforçando muito para sair dela. Cheguei a pensar em lhe contar quem sou realmente, em lhe oferecer ajuda, mas desisti da ideia. Não quero pôr tudo a perder. Quando chegar o momento certo, contarei tudo a ele.

— Não, minha filha, não concordo com você. O momento certo é agora e tem de ser antes do casamento. Acredite, depois do casamento será muito tarde. Quando mais você me fala desse homem, mais a minha intuição me diz que é o tipo de pessoa que suporta tudo na vida, menos uma mentira.

May segurou o queixo de Xan, fez com que ela a encarasse, e perguntou:

— Esse homem significa tanto assim para você?

— Muito mais do que você possa imaginar, minha querida. Eu o amo. Quando conhecê-lo, vai entender o porquê de eu amá-lo tanto. Ele é único, Matt é um homem muito especial e me faz vibrar de emoção. E tenho certeza de que será para sempre assim. Sempre quando ele me olha, ou me toca, sinto algo muito forte e poderoso dentro de mim. E sempre tenho a sensação de que está sendo a primeira vez.

— Meu Deus… Você está perdida…

— Não, eu não estou perdida. Acabei de me

encontrar e hoje sou a mulher mais feliz do mundo. Tenho a sensação de que renasci, depois que o conheci.

— Eu não duvido disso, e por isso acho que está perdida. Tem alguma coisa muito errada nisso tudo.

— Não, May, não tem nada de errado no que está acontecendo.

— Como não tem, criança? Como não tem? O amor precisa ser construído.

— E nós dois estamos construindo esse nosso amor.

— Em uma semana? — May deu um sorriso incrédulo. — Você só pode estar brincando.

— Minha querida — Xan fez um carinho no rosto de May —, aconteceu. Aconteceu e pronto! Entenda, por favor. Nós dois sentimos a mesma coisa um pelo outro.

— Ele eu tenho certeza de que sente, sim, muitas coisas. Afinal, você é uma mulher linda, Xan, uma mulher carinhosa, delicada e muito sensual. Qual homem não iria se sentir atraído por você? — May balançou a cabeça de um lado para o outro. — Mas casamento em uma semana… Não, não posso aceitar uma coisa dessa. Não vê que é muita precipitação, minha filha?

— Você é quem não está entendendo a situação. Matt é um amor de pessoa. Ele me levou para a fazenda e me forçou a ver o tipo de vida que leva. Matt jamais me prometeu nada, jamais me escondeu nada. E ele não se envergonha de ser pobre. Muito pelo contrário, tem muito orgulho da vida que leva. Matt não tem nada a ver com os homens que conheci em Nova York. Ele me ama por aquilo que sou.

— Será que ele a ama mesmo, ou apenas a deseja? Você precisava saber mais sobre esse

homem.

— May, não seja tão cruel!

— Não estou sendo cruel, minha filha, sou muito mais velha que você, portanto… conheço muito mais a vida.

— Está sendo muito difícil fazê-la entender o que aconteceu entre a gente. Matt realmente é único. O Pastor que vai fazer o nosso casamento o adora, os irmãos o adoram… O que mais eu devo saber sobre ele?

— Tudo. Posso até admitir que esse Matt seja mesmo tudo isso o que você está me falando. Mas o fato do Pastor adorá-lo nada significa. A gente nunca sabe o que acontece entre quatro paredes.

— Você é muito desconfiada.

— E você, minha filha, é muito medrosa.

— Por quê? Por que está me chamando de medrosa?

— Porque é a mais pura verdade. Tenho a sensação 4e que/desde que o conheceu, você lhe ocultou quem realmente é na essência e começou a se submeter às vontades dele. E isso tudo por medo de perdê-lo.

— Isso não é verdade — Xan protestou.

— E verdade, sim. Se não estivesse com medo desse homem, já teria lhe contado que é uma das herdeiras mais ricas da América. Se isso tivesse acontecido, me sentiria muito mais tranquila. Pelo menos saberia o motivo que o leva a querer se casar com você tão rapidamente.

— Você está me subestimando.

— De maneira alguma. Xan, minha filha, você não conhece o homem com quem vai se casar. Será que não percebe a gravidade disso?

— Matt tem uma fazenda que ainda vai levar dez anos para terminar de pagar, ele trabalha muito, tem dois irmãos mais novos que o adoram, seus pais faleceram… O que mais devo saber?

— Xan, se ele é tão maravilhoso assim, por que ainda luta com tanta dificuldade?

— May, o que me interessa nisso tudo é que Matt procura uma mulher com as mesmas qualidades que eu procuro num homem. E isso para mim basta!

— Pois não deveria bastar. Não pode confiar num homem que, de repente, por intermédio de um anúncio de jornal, se casa com uma mulher e a leva para morar no fim do mundo, num lugar sem o menor conforto.

— Mas, pelo que me lembro, foi exatamente o que aconteceu quando se casou com o John!

— Não foi bem isso que aconteceu. Nós esperamos seis meses para nos casar. E nesse tempo nós aprendemos a nos conhecer, a nos respeitar.

Xan, profundamente chateada com a conversa que estava tendo com May, não sabia mais o que dizer.

— Acha que esperar seis meses para se casar é tanto tempo assim? — May perguntou.

— Tenho -certeza de que Matt não vai querer esperar tanto tempo.

— Se ele não quiser esperar será uma prova que não a ama de verdade.

— Isso que está fazendo comigo, não é justo.

— Xan, entenda: só estou tentando lhe dizer exatamente o que diriam os seus pais, caso estivessem vivos. Sei que é sua vida, não pretendia interferir, mas não posso fingir que estou gostando dessa situação. Tem algo de muito errado com um

homem que fica solteiro durante a vida toda e, de repente, sem mais nem menos, resolve se casar em uma semana.

— Mas ele não sabe que sou rica!

— Roxanne! Pare com isso! Quantas e quantas vezes já lhe disse que existem coisas bem piores do que um homem querer se casar com a gente apenas por causa de dinheiro? Se tivesse se casado com Tedd, pelo menos teria a certeza quais eram as intenções dele.

— Aonde você está querendo chegar? — Xan perguntou, com lágrimas escorrendo-lhe pelo rosto.

— Não sei, não sei, minha filha, apenas estou tentando seguir a minha intuição. E ela me diz que tem algo de muito errado com esse peão.

Desconsolada, Xan deu um profundo suspiro e disse:

— May, não vou adiar esse casamento.

— Mas…

— Ainda não terminei de falar. Ainda não tivemos tempo de conversar a respeito, mas quero que saiba que estou pretendendo comprar uma casa para você em Wall.

— E o que eu iria fazer em Wall?

— Morar lá, fazer novos amigos… Aí, nós duas poderíamos sempre nos ver. — Xan deu um abraço na governanta. — Não suportaria viver longe de você.

— Eu…

— May, entenda: meu casamento com Matt vai ser para o resto da vida. Vou ter muitos filhos e quero que eles saibam que têm uma avó, quero que eles possam conviver com você. Chegou a hora, minha querida, de eu cuidar de você. Eu te amo muito.

— Eu também te amo muito, minha filha. Mas não vamos precipitar as coisas.

Xan não queria mais continuar com aquela conversa. Nada faria com que deixasse de se casar com Matt no dia seguinte.

— Bem, não podemos ficar aqui paradas. Vamos? — Xan indicou-lhe a saída. De repente, lembrou-se de perguntar

— Você trouxe o vestido?

— Trouxe, sim, filha…

Ao se aproximarem do local onde Matt as aguardava, May perguntou:

— Então, é aquele?

— Exatamente. E estou louquinha para apresentá-la a você. O que achou do meu peão?

— Ainda não posso dizer nada, filha.

Xan, quando já estava diante de Matt, disse:

— Matt, quero que conheça May Jordan. May é a minha família. Acabei de sugerir a ela que se mude para Wall para ficar perto da gente.

— Senhora… — De maneira cerimoniosa, Matt estendeu a mão à May. — E um grande prazer conhecer a pessoa que fez de Xan uma mulher perfeita, exatamente como foi a minha falecida mãe.

— Devo confessar que estava curiosa para conhecer o homem que, em tão pouco tempo, virou a cabeça de Xan.

— May apertou-lhe a mão.

— Acho bom a gente ir — ele sugeriu, indicando o caminhão. — E, por favor, senhora, entre pela porta do motorista. A de passageiros está enguiçada.

Matt pegou o carrinho com as malas, colocou na

carroceria, abriu a porta do caminhão e esperou que as duas entrassem. Quando já se encontrava ao volante disse:

— Vou levá-las para o hotel em Wall onde as duas passarão a noite.

— E você? Onde está pretendendo passar a noite? — Xan quis saber.

— Na fazenda. Tenho muito trabalho para fazer.

Se May não estava gostando de viajar até Wall naquele caminhão sem o menor conforto, Xan não ficou sabendo, pois a governanta não reclamou.

Já no quarto do hotel em Wall, Matt se despediu de May e deu um beijo na testa de Xan.

— Vou com você lá fora — ela disse, bastante frustrada, pois imaginara que pudesse jantar com as duas pessoas que mais amava no mundo.

— Certo.

Os dois saíram do quarto e, quando se encontravam na calçada, em frente ao hotel, ela disse:

— Bem que você poderia ficar aqui comigo.

— Não posso, Xan. Tenho trabalho a fazer. A gente só vai se encontrar de novo amanhã, lá na capela.

— Que pena…

— Parece que May não gostou muito de mim. Ela mal me dirigiu a palavra durante a viagem toda.

— Ela está preocupada com o nosso casamento.

— Posso entender… Afinal, é muito raro duas pessoas se conhecerem e se casarem em tão curto espaço de tempo…

— Mas ela trouxe o vestido com o qual a minha mãe se casou.

— Um vestido de noiva?

— É… Um lindo vestido de noiva.

— Bem, então, amanhã cedo vou ter que mexer nas minhas economias e comprar um terno para mim. Se você vai vestida de noiva, também tenho que ir vestido de noivo.

— Matt… Mas você está tendo muitas despesas…

— Mas eu preciso ir de terno.

— Não, de jeito nenhum. Vá com a roupa que estava planejando antes.

— Vou pensar melhor no assunto.

— Isso, pense, vai ver que tenho razão. — Xan sentiu um profundo carinho por Matt e, naquele momento, teve muita vontade de lhe contar quem ela era na realidade. Mas Xan não ousou.

— O que foi?

— Nada…

—Mas você, de repente, ficou com uma cara muito estranha.

— Acontece que já estou morrendo de saudade de você.

— Não se preocupe, Xan, a partir de amanhã, nós teremos uma vida inteirinha para ficarmos juntos. A propósito: você quer esperar algum tempo para ter,o nosso primeiro filho?

— Não pensei sobre o assunto. E você? Quer esperar?

— Bem, como estou com trinta e sete anos, acho que não devo ficar esperando muito tempo.

— Então, está combinado. Teremos logo o nosso primeiro filho.

— Isso é maravilhoso. — Ele a abraçou. —

Então, começaremos amanhã.

Xan pensou um pouco e resolveu perguntar:

— Matt e se, de repente, por causa de algum problema de saúde, eu não puder ter filhos?

— Está querendo me dizer alguma coisa, Xan? Tem algo errado com você?

— Não que eu saiba, mas tudo pode acontecer. E você merece uma esposa que lhe dê muitos filhos. Bem, se isso vier a acontecer eu lhe concedo o divórcio.

— Divórcio? Só pode estar brincando comigo. — Ele balançou a cabeça de um lado para o outro. — Você não existe mesmo. Xan, se você não puder ter filhos, nós adotaremos algumas crianças. Sob circunstância nenhuma eu me divorciaria de você.

— Verdade? — ela perguntou, emocionada.

— Pode acreditar.

— Você é tudo o que eu queria de um homem.

— Mesmo morando num lugar como aquele?

— Mesmo morando num lugar como aquele — ela afirmou.

— Mas a maioria das mulheres querem, pelo menos, um pouco de conforto.

— Eu não faço parte da maioria das mulheres. Para mim, basta ter você ao meu lado e está tudo certo. Devagar a gente vai melhorando aquela casa.

Mais uma vez, Xan teve muita vontade de dizer a Matt quem realmente era, mas de novo teve medo, de novo achou que não seria o momento certo.

— Tem certeza de que quer mesmo morar comigo lá naquele lugar?

— Tenho, tenho certeza absoluta, querido.

— Não seria melhor levar May para conhecer o

local onde vamos morar?

— Para quê?

— Talvez ela ponha um pouco mais de juízo na sua cabeça.

— Sou uma mulher muito ajuizada, Matt, e sei muito bem o que estou fazendo. E sou eu quem vai morar lá na fazenda, não May. Portanto, pode ficar tranquilo: sei exatamente o que estou fazendo.

— Não sei…

— O que foi que aconteceu? Está querendo desistir do nosso casamento? Resolveu ficar inseguro, de repente?

— Não é uma questão de insegurança, estou pensando em você.

— Se estiver inseguro, Matt, a gente não se casa. Mas com uma condição: me mudo para a fazenda e a gente vai ficar morando juntos.

— E a May?

— May vai ter que aceitar a situação. Mas uma coisa eu lhe prometo: você vai ter que me aguentar pelo resto da sua vida.

— Como? Como pode sentir tanta segurança, Xan?

— Simplesmente porque eu te amo.

— Daria para repetir o que acabou de me dizer? — ele pediu, com um amplo sorriso nos lábios.

— Claro que sim: eu te amo, sr. Matt Coltrain.

— Será que não é muito cedo para dizer que me ama, Xan?

— Não, não é cedo.

— Você pode estar equivocada.

— Não, Matt, não existe nenhum tipo de equívoco com os meus sentimentos. Sei que o amo.

E esse amor é verdadeiro, vai durar até o resto da minha vida.

— Mas você é muito nova para saber tanto do amor.

— Tenho vinte e oito anos e posso lhe assegurar que já rejeitei muitas propostas de casamento.

— Eu acredito… — ele disse baixinho.

— E rejeitei essas propostas, Matt, porque nunca tinha me sentido apaixonada, nunca tinha sentido o que sinto por você. Queria encontrar um homem como o John.

— John? — ele perguntou, preocupado. — E quem é esse homem?

— O falecido marido de May. Ela me falou tanto dele durante a minha vida toda, que acabei introjetando a sua imagem na minha cabeça. Apesar de me lembrar pouquíssimo dele, tenho certeza de que vocês dois são muito parecidos na maneira de ser.

— Mas a May não gostou muito de mim.

— Isso porque ela não teve tempo de conhecê-lo direito. E acho também que ela está se sentindo um pouco enciumada com esse casamento. Afinal, faz muitos anos que estamos juntas.

— Dá para entender…

— Devagar, ela se acostuma com a ideia e com você.

— Espero, espero que isso aconteça.

— Pode ficar tranquilo, meu querido, isso logo, logo, vai acontecer.

— Quer dizer que você quer mesmo se casar comigo? — ele perguntou.

— Mas é claro que sim.

— Se quiser desistir…

— De jeito nenhum! Eu quero mesmo me casar com você.

— Bem, então vou embora. — Ele beijou-lhe rapidamente os lábios e se afastou, em direção ao caminhão.

Capítulo 7

Xan, muito aflita, se encontrava no local onde imaginava que seria realizada a cerimônia religiosa. Ao ver May entrando, sua ansiedade aumentou.

— E então? — ela perguntou à governanta.

— Nada.

— Nada?

— O caminhão dele não está lá fora. Ou melhor: ninguém está lá fora.

— Mas já passam das duas.

— Não posso fazer nada para ajudá-la, minha querida.

— Mas deve ter acontecido alguma coisa com ele.

— Você tem de manter a calma — May a aconselhou.

— Como? Como posso manter a calma? E a noiva quem tem o direito de se atrasar, não o noivo. E eleja está atrasado quinze minutos.

— Se está achando que Matt desistiu de se casar, pode relaxar. Eu vi a maneira como ele a fitava ontem. Matt agora vai até o fim com essa loucura.

— Você continua achando que tudo não passa de uma loucura, não é? Mesmo depois da conversa que tivemos ontem à noite, mesmo depois de eu ter lhe dito que Matt me deixou livre para desistir do casamento?

— Não posso evitar o que sinto, mas não acredito que tenha desistido. Algo deve ter acontecido com o caminhão dele.

— Nós dois seremos muito felizes.

— É isso que espero. E espero também que ele

sempre a trate com muito amor, respeito e dignidade.

—Mas é exatamente dessa maneira que ele vem me tratando desde que nos conhecemos. Será que não entende isso, May?

— Filha, já vivi muito e também já vi muitas coisas acontecerem — May disse baixinho. — Você é um amor de pessoa e tem sido a grande alegria da minha vida. Prometa para mim que não vai deixar esse homem mudá-la.

— May, você está chorando?

— Estou. Estou chorando, sim. Pensa que é fácil vê-la vestida de noiva? Não, não é nada fácil.

— Oh, minha querida… — Xan a abraçou. — Não fique desse jeito. Eu não vou mudar, e sempre vou continuar amando muito você. E eu lhe juro: tudo vai dar certo e eu serei muito feliz. Agora, por favor, enxugue essas lágrimas que eu tenho algo muito importante para lhe contar.

— O que de tão importante você tem para me contar? — Com um lencinho, May enxugou as lágrimas, tomando" muito cuidado para que a maquilagem não fosse estragada.

— Hoje pela manhã, enquanto você tomava banho, telefonei para o escritório do dr. Raynor.

— E por quê? O que você queria com o seu advogado?

— Além de meu advogado, o dr. Raynor também é o meu procurador.

— Eu sei disso. Mas por que ligou para ele?

— Para lhe pedir que usasse seu poder de meu procurador para tirar uma carga imensa das minhas costas.

— Não estou entendendo você, querida.

— Pois eu vou lhe explicar: pedi ao meu advogado que passasse toda a minha fortuna para o nome do Matt.

— Você fez o quê? — May estava atônita.

— Pedi que o dr. Raynor passasse toda a minha fortuna para o Matt. E o dr. Raynor hoje mesmo iria começar a fazer a transação. Agora é Matt quem vai decidir o que vamos fazer com tanto dinheiro. Mas ele só será notificado depois da nossa lua-de-mel.

— Roxanne Harrington! Será que perdeu totalmente o juízo? O que foi? Além de entregar o coração a esse homem, resolveu também entregar todo o ,seu dinheiro?

— May, será que não entende a minha situação? Sei que a única maneira de um dia eu perder o Matt, seria mentindo para ele. Aí, com um telefonema, resolvi tudo: agora vou me casar com ele pobre, exatamente como Matt deve ter imaginado que sou.

— E se ele for exatamente o homem que você está fantasiando, quando souber o que você fez, vai ter uma crise. Xan, como presente de casamento, deu a ele toda a sua herança! Você sabe exatamente o que isso significa?

— Sei. Sei, sim. E estou planejando fazê-lo o homem mais feliz do mundo na nossa lua-de-mel. Aí, quando voltarmos e lhe contar toda a verdade e o que fiz, Matt vai ter certeza de que o amo mais do que a minha própria vida. Não é você mesma quem diz que, quando se ama, temos que chegar até as últimas consequências? Pois eu cheguei e não me arrependo. Finalmente vou poder encará-lo, sabendo que não existe nenhum tipo de mentira entre nós dois.

— Xan, você deu toda a sua fortuna a esse homem, que é um quase desconhecido, e ainda tem coragem de dizer que sabe o que está fazendo? Isso tudo é um grande pesadelo, minha menina.

— Não, não é um pesadelo. Estou vivendo o maior sonho da minha vida. E estou muito feliz.

— Eu não merecia estar ouvindo tudo isso. — May deu um profundo suspiro. — E esse homem maravilhoso, onde está? E o pastor que iria fazer o casamento?

— Não sei, não sei o que está acontecendo eu… Vestidos de smoking, Lon e Ken entraram na sala.

— Que bom que vocês chegaram! — Xan disse aliviada. — Onde está o Matt?

— Na capela, esperando por você — Lon respondeu.

— Mas a capela é aqui.

— Não, aqui é a capela antiga onde se realiza, às vezes, o casamento civil.

— Quer dizer que Matt está em outro lugar? — Xan perguntou, meio atarantada.

— E o pastor também. — Ken parecia embasbacado com a beleza de Xan.

— Tudo bem, vamos para a capela nova. Só que vocês me ensinam o caminho.

— Certo. Venha, Xan.

— May, vamos… — Desentendida, ela olhou para a governanta.

— Acho bom mesmo — May disse baixinho. — Não estou gostando nada dessa história.

— Você vai ter que desculpar o meu irmão, Xan — Lon disse, meio sem graça.

— Por quê?

— Ele ficou trabalhando até tarde e não teve tempo de comprar nenhuma roupa nova.

— Isso não tem a menor importância para mim. Amo seu irmão exatamente do jeito que ele sempre

foi.

— Mas não é justo com você. Minha mãe deve estar se remexendo no túmulo de tanta raiva — Lon estava inconformado.

— O nosso pai também. Onde já se viu uma coisa dessa? — Foi a vez de Ken mostrar sua indignação. — E quando perguntamos a ele onde ia levá-la para passar a lua-de-mel, Matt não nos respondeu.

— Eu também não sei onde vamos passar a nossa lua-de-mel.

— E você acha isso normal?

— Para mim, o que importa é estar junto de Matt.

— Adoraria que a minha esposa fosse como você, Xan

— Lon comentou. — Mas se eu fizesse a ela um centésimo do que Matt está fazendo com você, Carine me abandonaria do mesmo dia.

— Susy também teria a mesma atitude — Ken concordou.

— Tenho uma ligeira intuição de que ele vai levá-la para os lados do Bad River.

— Matt não faria uma coisa dessa, Lon. — Ken arregalou os olhos. Seria muita loucura. Nenhum homem passaria a lua-de-mel naquele lugar.

Eles tinham chegado junto à porta da capela. Em voz baixa, Lon disse:

— Xan, se o maluco do meu irmão levá-la para algum lugar que a deixe apavorada, ou até mesmo desconfortável, pegue o celular e entre em contato conosco. Mandaremos um helicóptero ir buscá-la.

— Celular? — Xan estava meio atordoada com a conversa dos dois rapazes. l

— Colocamos um celular atrás do banco da caminhonete que vocês vão viajar.

— Mas nós não vamos viajar de caminhão?

— Eu não acredito… — Ken passou as mãos pelos cabelos. — Você não existe…

— Mas eu pensei que fôssemos viajar de caminhão, Ken.

— Conseguimos convencer Matt a viajar com uma caminhonete.

— É uma espécie de presente de casamento — Lon se apressou em dizer.

— Mas eu não vou precisar de nenhum celular. Matt vai cuidar muito bem de mim.

— Mesmo assim, quando for possível, pegue o telefone e coloque no meio das suas coisas. A gente nunca sabe…

Uma senhora de cabelos brancos se aproximou e disse:

— Você é Xan…

— Sou, sim. E a senhora, quem é?

— Sou Lídia, a esposa do Pastor e vim lhe trazer esse buquê de rosas. — A mulher lhe entregou as flores.

— Muito obrigada… As rosas estão lindas.

— Acho melhor a senhora ir para o altar — Lídia disse à May que, depois da chegada dos rapazes, se mantivera calada. Você, Ken, também deve ir para o altar. E você, Lon, vai entrar com Xan na capela.

— Certo.

Antes de se afastar, May se aproximou de Xan e perguntou:

— Tem certeza do que está fazendo, querida?

— Tenho, sim, May. E pode acreditar: hoje é o dia mais feliz da minha vida.

— Saiba, minha filha, que aconteça o que acontecer, estarei sempre ao seu lado.

— Eu sei disso, minha querida.

— E tem mais outra coisa: se um dia precisar de um pouco de dinheiro, tenho algumas economias e…

— May… — Xan beijou o rosto da governanta. — Não fique tão preocupada. Eu amo o homem com quem vou me casar. Eu o amo de verdade, de todo o meu coração.

— Que Deus a proteja, minha filha. — Chorando, May se afastou, acompanhada pela mulher do Pastor e por Ken.

— A sua mãe gosta muito de você — Lon comentou, emocionado.

— Ela não é minha mãe.

— Não? — o rapaz perguntou, espantado.

— Ela é a pessoa que me criou.

— Mas pensei que ela fosse sua mãe.

— Todo mundo pensa isso, Lon. Mas May é muito mais que uma mãe para mim: ela é meu anjo da guarda, minha amiga, minha confidente…

— Ela parece apavorada com esse casamento.

— E é normal que esteja, não é? Afinal, Matt e eu nos conhecemos há apenas uma semana.

— Ela realmente tem razão para estar apavorada. No lugar dela eu também estaria.

A marcha nupcial começou a tocar.

— Bom, Xan, vamos lá! — Lon deu o braço para Xan e os dois entraram na capela.

No altar, duas moças desconhecidas sorriam.

— A de vestido verde é a minha esposa. A outra é a esposa do Ken.

— Elas são muito bonitas.

Mas Xan não conseguia prestar atenção em nada. Seus olhos e sua alma estavam totalmente voltados para Matt que, usando uma camiseta preta, jeans e botas de cano alto, parecia embasbacado.

Quando os dois se aproximaram do pequeno altar, Matt desceu dois degraus e recebeu Xan das mãos de Lon.

— Você está linda… E daqui a pouco será a sra. Coltrain — ele disse, quase num sussurro.

— Oh, Matt…

Os dois subiram os degraus. O pastor Swan os recebeu com um amplo sorriso e disse:

— Meus filhos, estou adorando vê-los aqui diante de Deus para se tornarem marido e mulher. Não preparei nenhum sermão, porque tudo o que gostaria de falar, Xan já escreveu naquele anúncio de jornal. São aquelas as qualidades que duas pessoas que se unem devem ter. E vocês dois as têm. E é por isso que estão aqui, para se unirem pelo sagrado sacramento do matrimônio. — O Pastor estava muito contente com aquela celebração. — Agora gostaria que vocês dois, meus filhos, ficassem um em frente ao outro e se fitassem nos olhos. Devagar, Xan e Matt se viraram e mergulharam um no olhar do outro.

— Quero que guardem para sempre esse momento em suas memórias. Quero que daqui dez, vinte, trinta, quarenta anos, vocês ainda se lembrem desse momento. Quero que guardem na memória a imagem de alguém que realmente está à procura da felicidade e que não mediu esforços para conseguí-la. Vocês, meus filhos, merecem toda a felicidade do mundo. E tenho certeza absoluta de que terão filhos

muito saudáveis, filhos que se sentirão orgulhosos de tê-los como pais. E esses filhos saberão que o importante na vida não são os bens materiais mas, sim, os bens espirituais que trazemos dentro de nós.

O Pastor continuou falando. Xan, muito emocionada, tinha a nítida sensação de que levitava. Algo, talvez o cupido, na certa, guiara aquela seta que ela havia jogado contra o globo terrestre e fizera com que viesse para Wall. Aquele encontro já tinha sido planejado por Deus e por todos os santos que estavam no céu. Só isso explicaria o amor que sentia por Matt. Quando vivia em Nova York, cercada por luxo e riqueza, Xan não se sentia feliz. E fora preciso ir viver numa casa rústica, ao lado de um homem que lutava muito para sobreviver, para que conhecesse o significado da palavra felicidade. E não parecia que o conhecia há apenas uma semana. Para Xan, ela conhecia Matt há milênios…

— Agora, Xan, por favor repita… — O Pastor percebeu que ela estava totalmente enlevada e brincou: — Você vai ter o resto da vida para continuar mergulhada nesses olhos verdes, querida… Por favor, olhe um pouquinho só para mim…

— Me desculpe, Pastor, eu…

— Sei exatamente o que estava acontecendo com você, minha querida. Agora, por favor, repita comigo: — Eu, Roxanne Harrington, recebo você, Amasa Matt Coltrain, como meu legítimo marido, para honrá-lo e amá-lo, na pobreza ou na riqueza, na saúde ou na doença, até que a morte nos separe.

Ao dar-se conta de que Matt havia dito ao Pastor qual era o seu nome completo, Xan hesitou um pouco.

Preocupado, Matt sussurrou-lhe junto ao ouvido:

— Se quiser desistir, ainda é tempo.

Apesar de não gostar daquela atitude de Matt, Xan olhou para o Pastor, sorriu e falou em voz alta exatamente as palavras que ele lhe pedira para repetir.

— Agora é você, meu filho: Eu, Amasa Matt Coltrain, recebo Roxanne Harrington, como minha legítima esposa, para honrá-la e amá-la, na pobreza ou na riqueza, na saúde ou na doença, até que a morte nos separe.

Matt inspirou profundamente e, virando o rosto para Xan disse:

— Eu, Amasa Matt Coltrain, recebo Roxanne Harrington, como minha legítima esposa, para honrá-la e amá-la, na pobreza ou na riqueza, na saúde ou na doença, até que a morte nos separe.

— E,agora, meus filhos, eu os declaro marido e mulher. — Olhando para Matt, continuou: — Se quiser, pode beijar a noiva.

Matt se aproximou de Xan e disse baixinho:

— Bem-vinda a minha vida, sra. Coltrain.

— Bem-vindo a minha vida, sr. Coltrain. — Xan mal podia conter a emoção que sentia.

E os dois se beijaram com muito carinho.

Depois que a cerimônia religiosa terminou, todos foram para a capela antiga, onde Xan estivera anteriormente com May. E lá aconteceu o casamento civil. Depois de tudo assinado, Matt voltou a beijar a noiva. Em seguida, Matt, Xan e May se despediram de todos e saíram rumo ao hotel.

— Sua mala está muito pesada? — ele perguntou, quando entraram na caminhonete.

— Mais ou menos. E agora? Vai me contar onde nós vamos passar a nossa lua-de-mel?

— Ainda continua sendo uma surpresa.

Ao chegarem no hotel, Matt resolveu ir até ao bar para comprar uma garrafa de água.

— Depois eu subo até o quarto — ele disse.

— Certo. — Xan virou-se para May, que estava muito carrancuda, e disse: — Minha querida, anime-se.

As duas foram para o quarto.

Assim que entraram, May saiu do seu mutismo:

— Não posso aceitar esse casamento, Xan. Esse homem é muito esquisito.

— Imagine… Ele…

— Onde já se viu usar uma roupa daquela para casar? Ele deveria, pelo menos, ter um pouquinho de respeito por você e pelas pessoas que estavam na cerimônia. Só falta você estar achando que vai conseguir mudá-lo.

— Não, eu não pretendo mudá-lo. Quero que Matt continue sendo exatamente como é.

— Jamais imaginei que fosse se casar com um tipo como esse, Xan. Se ainda fosse com um dos irmãos dele… Eu não vou sair daqui até que volte da lua-de-mel. E qualquer coisa que acontecer, use mesmo o telefone que está atrás do banco e peça ajuda.

— Não vou precisar usar aquele telefone.

— Como tem tanta certeza assim?

— May, querida, Matt é um homem bom.

— Para mim ele não é tão bom assim. Acho até que é meio maluco. Se ele fosse um homem de confiança, os irmãos dele não teriam colocado aquele celular atrás do banco.

— Olha, não vou discutir mais com você. Agora vou tirar esse vestido e partir para a minha lua-de-mel.

— Tudo bem, você faça o que quiser, mas saiba que estarei sempre com você!

— Eu sei, May, eu sei que você sempre estará comigo. — Xan deu um abraço na governanta e foi para o banheiro. Depois de tirar o vestido, colocou uma calça jeans, uma camiseta e calçou um par de botas. Ao olhar-se no espelho, ela disse muito satisfeita:

— Está linda, sra. Coltrain. Agora só falta um belo chapéu!

O silêncio dentro da caminhonete era insuportável. Xan e Matt já estavam na estrada há mais de quarenta minutos e ele não lhe dirigira a palavra.

— E aí, moço? Vai ou não me dizer onde passaremos a nossa lua-de-mel?

— E precisa? — ele perguntou com uma certa rispidez.

— Mas é claro que precisa.

— Acho que não. Meus irmãos já se encarregaram de comentar com você para onde estamos indo.

— Mas…

— Tenho certeza de que lhe disseram que vamos para Bad River. E tem mais uma coisa: se resolver usar o celular para pedir ajuda, saiba que o encontrei e o atirei longe.

"Meu Deus… O que foi que Lon e Ken disseram a Matt? Espero que minha lua-de-mel não seja transformada num pesadelo."

— Matt, gostaria de saber o que aconteceu entre você e seus irmãos — ela pediu, com extrema delicadeza. — Não estou falando sobre hoje. Não acha que chegou a hora de me contar? Gostaria muito de entender o que acontece entre vocês. Saiba

que tudo que o aborrece também me deixa profundamente aborrecida.

—,Sua lealdade é comovente, moça — ele ironizou.

— Por favor, não fale dessa maneira comigo. Será que vai começar a me chamar de novo de senhora e de moça?

— E isso incomoda você?

— Incomoda.

— Por quê?

— Porque acho que coloca uma distância imensa entre nós dois.

— Vou pensar no assunto — Matt voltou a ironizar. Xan, então, resolveu ficar calada. Pelo jeito, quando Matt ficava emburrado, nada que dissesse o faria sorrir.

Cansada, por causa da noite mal dormida, Xan pegou uma almofada que estava sobre o banco, colocou-a contra a porta e encostou a cabeça. Cinco minutos mais tarde, estava dormindo. E não viu quando Matt entrou numa estradinha completamente deserta; uma estradinha por onde, na certa, há muito tempo não passava ninguém.

Capítulo 8

Vamos, acorde, venha me ajudar a montar o acampamento.

— Acampamento? — ela acordou assustada, não tendo a menor ideia de onde se encontrava.

— Exatamente, moça.

— Já estou indo.

Matt já que estava fora da caminhonete se afastou. Xan, ainda atordoada por causa do tanto que havia dormido, olhou para o relógio de pulso.

"Não acredito! Devo ter dormido umas quatro horas! Também, não era para menos… A conversa que tive ontem à noite com May me deixou muito tensa. Depois, quase não consegui dormir tamanha era a minha ansiedade e agora, com esse jeito do Matt me tratar…" Ela deu um profundo suspiro. "Bem, acho que o fato de ter dormido tanto assim também não passou de uma grande fuga!"

Depois de se espreguiçar, ela abriu a porta da caminhonete, que se encontrava estacionada na parte superior de um declive e saiu.

— Estamos longe do Bad River? — ela quis saber, quando já tinha descido o declive e se encontrava próxima a Matt.

— Longe?

— É. Quero saber se esse rio, fica longe daqui.

— Nós estamos dentro do Bad River, moça.

— Aqui? — Ela olhou espantada para o chão. — Aqui é o leito do Bad River?

— Exatamente.

— Já ouvi dizer que em algumas épocas do ano alguns rios diminuem bastante a quantidade de água

que correm por ele, mas este aqui está completamente seco. — Xan olhou para o céu. — Bem, o céu está limpo, mesmo assim acha seguro dormir aqui embaixo? Só quero ver a cara da May quando souber que acampamos dentro do leito de um rio.

Quando percebeu que Matt continuava disposto a não conversar com ela, Xan perguntou:

— O que foi, Matt? Ainda está bravo comigo?

— Pode parar de fingir, moça.

Aquelas palavras causaram um mal terrível à Xan. "Algo está errado, terrivelmente errado!"

— Não estou entendendo você — ela disse baixinho, sentindo muita vontade de chorar.

— Não se preocupe. Tenho certeza de que mais cedo ou mais tarde tudo ficará bastante claro.

— Matt…

Ele deu-lhe as costas e foi para a caminhonete. Estarrecida, sem saber o que dizer, nem como agir, Xan gritou:

— Você passou a me tratar dessa maneira porque algo o deixou profundamente ferido. Acontece que não tenho a menor ideia do que foi. Mas saiba de uma coisa: estou muito contente por estar aqui sozinha com você! E tenha certeza de que, um dia, vou trazer os nossos filhos para conhecer isso tudo!

Vendo que Matt não lhe dava a menor atenção, ela continuou:

— Você não tem a mínima razão para ficar desse jeito! Não sei o que os seus irmãos lhe disseram, mas saiba que, no fundo, eles devem ter emitido a opinião das próprias esposas, que me pareceram duas mulheres muito esnobes. Mas saiba que a opinião deles não é a minha.

Matt voltou para o leito do rio com uma pequena pá e começou a cavar um buraco.

— E a comida? Onde vamos fazer a comida?

— Já, já, vou fazer uma fogueira. Aí, eu monto a barraca e você faz a comida.

Xan foi até a caminhonete e voltou com alguns legumes nas mãos.

— E água? Onde vou encontrar água para lavar esses legumes?

— Eles já foram lavados. Temos que economizar água. Xan, chocada, teve vontade de dizer umas boas verdades a Matt. Mas se controlou. Voltou até a caminhonete e começou a preparar a sopa, usando a água de um tonel. Instantes depois, foi para junto de Matt, com um caldeirão nas mãos.

— Pronto. Agora só preciso colocar os legumes para cozinhar.

— Volte até a caminhonete e pegue alguns jornais que estão no chão. Preciso deles para acender o fogo.

Xan, muito ofendida, foi pegar os jornais e resolveu não dizer mais nada a Matt.

Enquanto a sopa estava no fogo, sobre a fogueira, Xan, agora com a cumplicidade da noite, foi para a caminhonete e chorou muito.

"Realmente não sei o que está acontecendo. Matt nunca me tratou desse jeito. Será, meu Deus? Será que May tinha razão? Não, não é possível… Ele é um amor de criatura… Mas já ouvi muita gente dizer que existem homens que se transformam totalmente depois do casamento. Mesmo assim, é cedo demais para Matt se transformar…" Ela limpou as lágrimas com as mãos.

— A barraca está armada! Pode fazer a cama.

Com uma lanterna nas mãos, Xan foi até a parte

de trás da caminhonete, pegou um acolchoado de casal e levou para dentro da barraca.

Após ter arrumado o local onde dormiriam, Xan foi para junto da fogueira e colocou o macarrão na sopa. Dez minutos mais tarde, os dois estavam comendo. Em silêncio.

Depois de terminarem o jantar, Xan lavou a louça e foi para a barraca. Se passaram dez minutos, meia hora… Quando já fazia mais de uma hora que estava esperando por Matt, ela começou a ficar assustada.

"Será? Será que aconteceu algo com ele?"

Xan foi até à porta da barraca e gritou:

— Matt! Onde está você?

— Na caminhonete. Vou dormir aqui!

— Venha dormir na barraca, Matt.

— Estou muito bem aqui.

"Não é possível. Não é possível que tudo isso esteja acontecendo justamente na minha lua-de-mel… Eu não merecia isso!"

Devagar, Xan saiu da barraca e se aproximou da caminhonete. Matt estava deitado na carroceria.

— Matt — ela subiu na carroceria da caminhonete e acariciou-lhe a perna de leve —, você sempre foi uma pessoa muito batalhadora… E… Você sempre foi uma pessoa muito batalhadora, sim, e nunca teve ninguém que cuidasse de você. Mas agora eu estou aqui e vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance para torná-lo o homem mais feliz do mundo.

— Volte para a barraca, moça. Eu quero ficar sozinho.

— Não, eu vou ficar aqui com você, sob esse céu cheio de estrelas. — Xan reclinou-se sobre ele e

beijou-lhe os cabelos. — Vou ficar aqui para dizer que te amo de verdade, que sempre esperei encontrar um homem como você. Sou a mulher mais feliz do mundo, querido. — Ela continuou a beijar-lhe os cabelos. — E tenho certeza de que você também me ama. Se não me amasse, não teria se casado comigo. Sei que jamais se comprometeria com uma mulher sem amá-la.

Xan continuou falando e o beijando, mas Matt não mexia um músculo sequer.

— Por favor, meu amor, me abrace e faça amor comigo. É o que eu mais quero nesse momento.

— Acontece, moça, que eu não quero fazer amor com a senhora.

Aquelas palavras deixaram Xan sem ação. O que poderia ter acontecido para fazê-lo mudar tanto?

Uma ideia surgiu na cabeça de Xan.

"Não… Se eu contar toda a verdade a ele agora, vou correr o risco de deixá-lo mais deprimido do que está… É, mas mesmo assim, acho que devo arriscar…"

— Matt, tenho uma coisa para lhe contar.

— Outra hora, moça, agora não estou com vontade de conversar.

— Não, acho melhor nós conversarmos agora. É sobre uma surpresa que queria lhe fazer, assim que voltássemos da nossa lua-de-mel. Seria meu presente de casamento. Mas como não quero que continue tão aborrecido, vou lhe contar tudo agora.

— Moça, eu quero ficar sozinho.

— Eu deixo você ficar sozinho, mas antes quero lhe contar tudo. Afinal, somos casados e não pode existir segredos entre nós dois.

— Então, fale de uma vez.

— E sobre… sobre o dinheiro que meu avô me deixou. Depois de um longo silêncio, ele perguntou:

— É suficiente para comprar um caminhão novo?

— É suficiente, sim.

— Esse dinheiro também dá para comprar uma cama decente?

— Muito mais que isso, querido. O dinheiro que meu avô me deixou, dá para comprar uma outra fazenda, dá para pagar a dívida que tem no banco, dá…

"Calma, Xan! Muita calma. Se continuar falando assim, vai acabar deixando Matt assustado", ela se recomendou em pensamento.

— E está querendo dizer, com isso, que eu posso dispor desse dinheiro?

— Exatamente — ela respondeu, feliz.

Matt sentou-se e balançou a cabeça em negativa.

— Eu jamais tocaria num centavo desse dinheiro. Corno também não me casaria com uma mulher por causa do dinheiro que ela tem. Qualquer um que se case por interesse, não passa de um verme.

— Mas, querido, você não se casou comigo por interesse. Como poderia, se nem sabia do dinheiro? Bem, mas agora esse dinheiro não é mais meu. Liguei para o meu advogado, que também é o meu procurador, e pedi que passasse para o seu nome tudo o que tenho. Logo vai receber os papéis pelo correio.

— Você fez o quê?

— Passei tudo o que tenho para o seu nome. E agora você pode fazer do dinheiro o que bem entender. Só gostaria que não vendesse o caminhão. Gosto muito dele.

Matt levantou-se e olhando para ela como se a visse pela primeira vez, pulou da carroceria.

— Aonde você vai?

— Andar.

— Por quê?

— Preciso pensar, moça. E penso muito melhor andando.

— Não quero que fique desse jeito. Agora os seus irmãos nunca mais poderão magoá-lo.

— Vá para dentro da cabine da caminhonete e feche a porta.

— Mas eu tenho medo de ficar aqui sozinha.

— Nada vai acontecer. Entre na cabine e fique lá. — Sem dizer mais nada, ele se afastou.

— Matt, eu não quis ofender você. — Ela gritou. — Passei tudo o que tinha para o seu nome porque você é o único homem decente que encontrei nessa vida. E você merece uma chance.

Em seguida, ela começou a chorar convulsivamente.

"Não era isso que eu estava esperando. Pensei que hoje fosse me entregar a Matt e amá-lo com todo o desejo que me corrói a alma e os sentidos. Mas, por um motivo que desconheço, ele resolveu me rejeitar. E agora deve estar me odiando. O que vai ser da minha vida daqui em diante?"

Xan desceu da carroceria da caminhonete e foi para a cabine. E lá continuou chorando, desesperada.

As horas foram passando e nada de Matt voltar. Xan não conseguiu dormir um minuto sequer. Quando o dia começava a clarear, Matt apareceu.

— Ótimo que já esteja acordada — ele disse apenas.

— Que bom que você voltou. Cheguei a pensar que tivesse ido embora e me deixado aqui. E, por favor, Matt, me perdoe. Se fiz ou disse algo que o magoou, por favor, me perdoe. — Ela saiu de dentro da caminhonete. — Vou fazer um café para a gente.

— Não precisa. Nós vamos voltar.

— Mas eu quero ficar aqui, Matt. Quero poder ficar com você. Vamos fazer de conta que nada aconteceu, que ainda estamos lá na sua fazenda…

Ele deu-lhe as costas e começou a desarmar a barraca. Xan se aproximou de onde ele estava.

— Matt, por favor, me escute: tudo o que fiz foi por te amar. Nunca pensei em ofendê-lo. Sei que já estava bravo comigo e ficou muito mais bravo ainda, depois que lhe contei sobre o meu dinheiro. Mas entenda: o dinheiro não tem o menor significado para mim. Queria voltar a lhe pedir desculpas, mas nem faço ideia do que teria que me desculpar.

Ele pegou a barraca, sem dobrar, e jogou na carroceria da caminhonete.

— Entre, vamos embora.

Humilhada, Xan entrou na caminhonete e fechou a porta. Mil imagens lhe passavam pela cabeça.

"Ainda bem que May me disse que permaneceria em Wall. Mais que nunca eu preciso dela!"

Matt entrou na caminhonete e deu a partida.

"E ele não vai falar comigo. Tenho certeza de que até Wall não vai me dirigir a palavra!"

Os dois, em silêncio, viajavam havia mais de duas horas. Xan não sabia mais em quê pensar. De repente a imagem de May apareceu-lhe na mente lhe dizendo:

Xan, entenda: só estou tentando lhe dizer

exatamente o que diriam os seus pais, caso estivessem vivos. Sei que é sua vida, não pretendia interferir, mas não posso fingir que estou gostando dessa situação. Tem algo de muito errado com um homem que fica solteiro durante a vida toda e, de repente, sem mais nem menos, resolve se casar em uma semana.

"Oh, May, May… Será que esteve certa o tempo todo?"

Outras palavras ditas por May assomaram-lhe à mente:

Quantas e quantas vezes já lhe disse que existem coisas bem piores do que um homem querer se casar com a gente apenas por causa de dinheiro? Se tivesse se casado com Tedd, pelo menos teria a certeza de quais eram as intenções dele.

"Meu Deus, por favor, me ajude. Só estava à procura da minha felicidade. Mas, apesar de tudo que está acontecendo, tenho certeza de que o meu lugar é ao lado de Matt. Ontem prometi diante dos Homens e de Deus que ficaria com ele sob qualquer circunstância, até que a morte nos separasse…"

Não sei, não sei, minha filha, apenas estou tentando seguir a minha intuição. E ela me diz que tem algo de muito errado com esse peão.

"Acho que nem a May vai poder me ajudar…"

O fato do Pastor adorá-lo nada significa. A gente nunca sabe o que acontece entre quatro paredes.

"Minha querida May… Deveria ter lhe dado um pouco mais de atenção… Mas eu me sentia tão segura do que estava fazendo… Não, eu não merecia nada disso. Tenho a sensação que estou caindo por um abismo. E não é sonho. Estou acordada, bem acordada. Esse é um pesadelo vivido de olhos bem abertos. Ao meu lado tenho o único homem que amei na minha vida e que, de repente, passou a me

odiar, a me desprezar."

Não pode confiar num homem que, de repente, por intermédio de um anúncio de um jornal, se casa com uma mulher e a leva para morar no fim do mundo, num lugar sem o menor conforto. Xan, se ele é tão maravilhoso assim, por que ainda luta com tanta dificuldade?

"Por favor, May, pare de me atormentar com as suas perguntas. Você acha que sou capaz de respondê-las? Não, eu não sou."

Tenho medo de que algo muito grave possa lhe acontecer.

"Não! não posso continuar pensando no que May me disse. Tenho que manter a calma, se não vou acabar enlouquecendo."

Ainda sem pronunciar uma só palavra, Xan e Matt estavam bem próximos de Wall. Mas ele, ao contrário do que esperava, não entrou na cidade.

— Matt?

— O que foi?

— Por que você não entrou em Wall? Ele nada respondeu.

— Acabei de lhe perguntar por que não entrou em Wall. Será que poderia fazer o favor de me responder?

— Porque eu a estou levando para casa.

— Por favor, me deixe no hotel. May e eu voltaremos hoje mesmo para Nova York. Acho que você, como eu, não quer continuar com essa farsa por mais tempo.

— Não sei sobre o que a senhora está falando, moça. Tudo o que sei é que ontem jurei perante Deus que ficaríamos juntos até que a morte nos separasse. E é assim que vai ser.

Capítulo 9

Quanto mais se aproximavam de Rapid City, mais a apreensão de Xan aumentava.

"Será que ele vai me deixar no aeroporto e ir embora? Será? Mas ele, ainda perto de Wall, me disse que ficaríamos juntos para sempre… É… Matt podia estar apenas ironizando e eu não percebi. Só que não estou entendendo o que veio fazer por esses lados. Bem, se ele me deixar no aeroporto, como vou fazer? Estou sem nenhum dinheiro na bolsa."

Xan deu uma olhada de soslaio para Matt.

"O que eu poderia fazer, quando ele parasse em algum semáforo, era saltar da caminhonete e sumir. Não posso continuar sendo humilhada desse jeito. Matt ultrapassou todos os limites. Se não quer conversar mais comigo, caso tenha se arrependido de nosso casamento, deveria ser claro e objetivo e dizer: Xan, o nosso casamento foi um erro, vamos anulá-lo."

Diante daquela ideia, Xan sentiu o estômago revirar.

"Só faltava eu vomitar aqui. Acontece que não quero anulação, só quero ser feliz ao lado do homem que eu amo e pensei que me amasse. Mas tenho de admitir que estava enganada. Matt jamais me amou. Ele teve, isso sim, e deve ter ainda, uma atração física muito grande por mim. Amor… Não, ele jamais sentiu amor por mim. E também nunca disse que me amava. Fui eu quem ficou fantasiando a respeito. Sempre fui uma tola, uma romântica incurável. Um amor e uma cabana… Sempre acreditei que, para ser feliz, só precisaria de um amor e uma cabana. Encontrei o amor dentro de mim, encontrei a cabana, mas não encontrei o homem que deveria me amar acima de tudo e de todos. E

agora… Agora não tenho a mínima noção do que fazer da minha vida. Se eu saísse daqui, poderia pegar um táxi e voltar para o hotel. Lá, May me arrumaria dinheiro. Não, isso não! Não vou voltar para o hotel. A primeira coisa que preciso fazer é sair daqui. Depois, é só ligar para May e pedir que venha me encontrar em Rapid City. Daqui a gente volta para Nova York."

Xan voltou a olhar de soslaio para Matt. Ele se mantinha impassível e parecia que estava sozinho ali naquela caminhonete.

Dez minutos mais tarde, Matt parava diante de um semáforo.

"É agora!", ela decidiu.

Porém naquele instante, ouviu a voz grave de Matt:

— Nem pense em fazer isso! Assustada, Xan recostou-se no banco.

"Será que esse homem é um bruxo? Será que conseguiu ler os meus pensamentos, ou eu sou uma pessoa muito transparente e previsível? Bem, o jeito é ficar aqui quieta no meu canto e ver o que vai acontecer. A entrada para o aeroporto deve estar bem perto.

Ao contrário do que Xan estava esperando, Matt não entrou no aeroporto e seguiu em frente.

— Por favor, pare em algum lugar e me deixe sair daqui.

— Você não vai sair daqui. Você vai ficar comigo.

— Mas eu quero descer.

— Ontem prometi que cuidaria de você para sempre, e é o que pretendo fazer. Não se esqueça: você é minha mulher.

— Mas isso foi ontem. E hoje já é um outro dia.

— Xan estava se sentindo profundamente deprimida, confusa e desiludida. — Hoje tudo mudou. Se existe algum tipo de compaixão dentro de você, deixe eu sair daqui e vamos acabar logo com isso.

— Não, moça, você vai ficar comigo para o resto da sua vida.

"O que será que esse homem está pretendendo? Me manter prisioneira para o resto da vida? Não, isso não vai acontecer porque vou lutar, vou lutar pela minha vida. Nunca me submeti a homem algum e Matt Coltrain não vai ser o primeiro. Mas eu ainda o amo muito e vou ter que passar o resto da minha vida me esforçando para arrancar esse amor de dentro de mim. E além do amor, é incrível a atração física que sinto por ele. Mas isso também vai passar. Ou não?"

Matt continuou por uma estrada asfaltada que Xan não tinha a menor ideia para onde os levaria.

"Agora, o difícil para mim é continuar admitindo que morro de desejo por esse homem, mesmo depois de tudo o que ele me fez. Devo estar doente. Assim que chegar em Nova York, vou procurar um analista. Só posso mesmo estar doente."

A estrada agora seguia por uma montanha.

"Para onde será que estamos indo?".

Xan, num esforço para conter as lágrimas, fechou os olhos.

"Não quero ver nada, não quero saber de nada, não quero nem pensar no que vai acontecer. Estou me sentindo profundamente desamparada, desamada, sem perspectivas. A estrada que até ontem eu tinha em minha frente era cor-de-rosa e toda florida. Agora é uma estrada escura, não tem nenhuma flor e me sinto pisando sobre espinhos. E isso tudo, toda a minha desilusão, devo a esse

homem que está ao meu lado. Mas logo, logo vou dar um basta nisso tudo. Vou deixar de ser sonhadora, romântica e passarei a ser uma mulher moderna, com objetivos práticos e concretos. Jamais, jamais na minha vida me deixarei levar por um par de olhos verdes. Ou melhor, não me deixarei levar por nenhum tipo de olhos. Quero ficar sozinha, sozinha pelo resto dos meus dias."

Xan, ainda de olhos fechados, continuou com o seu monólogo interior. Em um dado momento, ao perceber que Matt havia diminuído a velocidade da caminhonete, abriu o olho esquerdo para dar uma espiada, e viu que estavam para ultrapassar um imenso portão, onde estava escrito: Fazenda Rosa Branca.

Xan voltou a fechar os olhos e ouviu Matt mexendo no painel da caminhonete. Instantes mais tarde, o portão se abria.

"Ele usou o controle remoto para abrir o portão. Mas o que será que ele veio fazer aqui? Essa deve ser uma das fazendas que pertencem a Lon e Ken. Será que Matt veio tirar satisfação com os irmãos? Só me faltava essa agora: ter de presenciar uma briga entre eles."

Xan decidiu que, daquele instante em diante, deveria ficar de olhos bem abertos. E foi o que fez.

"Mas isso aqui é lindo demais… Mil árvores, mil flores… Até parece coisa de cinema!"

Porém, o mais surpreendente ainda estava por vir. Depois de rodarem por mais uns quinhentos metros, uma imensa mansão, rodeada por árvores apareceu.

"Meu Deus, essa casa não fica nada a dever a minha lá em Nova York! Ela é fantástica!"

Matt estacionou em frente à mansão e foi abrir a porta da caminhonete para Xan.

Ainda muito atordoada, ela não conseguia se mexer.

— Venha. — Ele a segurou pelos braços e, num movimento rápido, a ergueu no colo.

— O que está acontecendo? Me ponha no chão!

— Não, não vou colocá-la no chão. E faça o favor de ficar quietinha, moça.

— Eu exijo que me ponha no chão!

— Aqui você não tem o direito de exigir nada. Aquelas palavras foram a gota d'água. Xan não conseguiu mais conter as lágrimas e começou a chorar copiosamente. Matt abriu a porta e entrou. De repente, uma senhora apareceu e exclamou:

— Matt! O que está fazendo aqui? Pensei que estivesse em plena lua-de-mel! Essa é a sra. Coltrain, não é? O que aconteceu com ela?

— Nada, íris, nada… Nada que um bom descanso não cure.

— Você precisa de alguma ajuda?

— Não — ele começava a subir uma escada —, quando precisarmos de comida eu aviso.

Quando estava no topo da escada, Matt procurou os lábios de Xan e a beijou com sofreguidão. Ela, apesar de não estar acreditando no seu próprio comportamento, correspondia ao beijo.

— Pronto! — Ele a colocou sobre uma cama de casal bem grande. — Bem-vinda ao lar, sra. Coltrain!

— Lar? Mas que história é essa? Essa casa deve ser de um dos seus irmãos!

— Como todo bom mentiroso, você começou a acreditar nas próprias mentiras.

— Sobre quais mentiras você está se referindo? — Xan perguntou, gritando. E tinha certeza de que estava no meio de um terrível pesadelo. Mas, apesar

de não ter a menor ideia do que Matt estava falando, pressentiu que ele acreditava piamente em tudo o que estava dizendo.

— Acha, acha mesmo que vai poder continuar com isso tudo? — ele perguntou, com muita raiva.

— Continuar com o quê, homem de Deus?

— Não me venha com histórias, moça! Pode parar de fingir.

— Eu não estou fingindo. E também não estou entendendo o que está acontecendo.

— Está, está, sim!

— De quem é essa casa? Onde estão os seus irmãos?

— Essa casa é minha e você sabe muito bem disso.

— Não, eu não sei de nada. Pensei que fosse um homem pobre que estava se esforçando muito para subir na vida, pagar aquela fazenda. Eu…

— Moça, pare com isso.

— Quer dizer então que você… Você mentiu para mim quando foi naquela noite lá na barraca… Não, eu não posso acreditar nisso! Não posso acreditar que tenha feito isso comigo. Não você, que sempre pensei ser o homem mais íntegro deste mundo!

— E quem é você, hem? Quem é você para falar em integridade? Mas devo confessar uma coisa, sra. Coltrain: a senhora é boa. Com essa voz macia e grave, esses olhos azuis insinuantes e esse corpo escultural, pode fazer o que bem entender de qualquer homem. De qualquer homem, menos de mim! Entendeu?

— Não, eu não entendi! Matt se dirigiu para a porta.

— Espere! — Xan gritou. — Você entendeu tudo errado. Não sou a mulher que pensa que sou.

— Finalmente. Pela primeira vez, desde que a conheci, vejo você pronunciar algo verdadeiro!

— Matt, eu…

— Pare. — Ele ergueu as mãos. — Não volte a mentir. Meus irmãos estavam diante de uma profissional e não sabiam. Só por isso eu os perdôo.

— Ninguém o obrigou a se casar comigo.

— Não, eu me casei porque quis. E deixei que conseguisse o que tanto queria porque estava nos meus planos.

— Que planos são esses?

— Agora que estou casado, meus irmãos vão parar de me aborrecer e sair de vez da minha vida! Quando a você, pode desfrutar da minha riqueza, do meu dinheiro. Era isso que queria, não era? Pois conseguiu. E vai ficar comigo até o resto dos nossos dias.

— Pare com isso, Matt! Você está me ofendendo e não sabe o que está dizendo! A única coisa que nunca quis de você foi dinheiro! E posso provar o que estou dizendo! Mas, para isso, você tem que me ouvir.

— Me desculpe, moça, mas não tenho tempo para isso.

— Não tem tempo? Não tem tempo para me escutar?

— Não, tenho muito mais o que fazer. Faz,muito tempo que estou negligenciando os meus negócios e vou me dedicar a eles agora. Desfrute do seu novo lar, sra. Coltrain… — ele ironizou. — E considere isso como um prêmio. Qualquer mulher que fez o que você fez para se casar com o homem mais rico da Dakota do Sul, merece ser recompensada.

"Meu Deus, ele está totalmente tomado pelo ódio e desespero. E, ironicamente, eu agora o fiz, então, um dos homens mais ricos da América…"

— Gaste o meu dinheiro à vontade… Amanhã vou lhe abrir uma conta no banco. Quando ele acabar é só me pedir mais. Mas lembre-se de uma coisa: você é minha esposa perante Deus e os Homens. Portanto, comporte-se como tal. E, mesmo quando resolver se aborrecer com a nova vida que se inicia hoje e quiser procurar uma outra vítima, não se esqueça: eu sou o seu marido e jamais lhe darei o divórcio! Quero fidelidade, sra. Coltrain. E jamais, jamais se esqueça disso!

— Matt, eu…

— E tem mais uma coisa: se algum dia aparecer grávida, eu, você e Deus saberemos que esse filho não é meu. Aí, quando isso acontecer, não verá mais nem um tostão. Estamos entendidos?

— Não, não estamos entendidos. Você está totalmente equivocado, sr. Coltrain, totalmente equivocado. E posso provar esse equívoco. Juro por Deus que estou falando a verdade.

— Não ponha o nome de Deus nessa história sórdida! Como pode usar o nome de Deus, depois de tudo o que fez?

— Você está sendo muito injusto comigo. E uso o nome de Deus, porque ele é testemunha que vim para cá à procura de um marido, sim, senhor! Sempre quis um homem que gostasse de mim pelo que sou, não pelo meu dinheiro!

— Seu dinheiro… — Ele riu muito. — Seu dinheiro… Essa é muito boa! Mas me diga: que dinheiro é esse?

— Lá em Bad River já lhe falei a respeito. Meu avô me deixou uma herança.

— Minha senhora, com sua beleza e com sua

habilidade, você deveria estar trabalhando em Hollywood e fazendo a sua própria fortuna!

Sem dizer mais nada, Matt saiu do quarto e bateu a porta. Totalmente paralisada, Xan ficou sem saber o que fazer. De repente, levantou-se e correu atas dele. "Ele tem de me ouvir! E tem de ser hoje!" Ao abrir a porta da entrada, Xan viu Matt se afastando numa Mercedes último tipo.

— A caminhonete! Vou atrás dele com a caminhonete! Ela não titubeou. Entrou na caminhonete e fechou a porta.

— Felizmente, Matt deixou a chave na ignição!

No instante seguinte, em alta velocidade e sob o olhar desesperado de íris, ela seguiu em frente.

Ao chegar diante do imenso portão, Xan pegou o controle remoto e o abriu. Depois ficou muito indecisa, sem saber para que lado seguir.

— Ele só pode ter ido para o lado de Rapid City. Xan, então, virou em direção à cidade.

"Algo de muito sério deve ter acontecido para Matt ter uma atitude como aquela. E o beijo? Por que me beijou daquele jeito quando estava me levando para dentro da mansão? Eu sou mesmo uma grande ingênua. Deveria ter percebido que existia algo errado. Quem, hoje em dia, vive da maneira que ele dizia viver? Foi por isso que os irmãos dele ficaram espantadíssimos quando Matt lhes disse que queria construir um jardim em volta daquela casa. Mas eu, muito tonta, não percebi nada. Matt representou muito bem o papel do moço pobre, trabalhador que queria vencer na vida e constituir uma família."

Xan continuou percorrendo a estrada que a levaria até Rapid City, e nada de encontrar Matt.

Quando já estava na entrada da cidade, ela resolveu que iria para Wall. Mais do que nunca,

precisava de May ao seu lado. E foi o que ela fez.

Ao chegar no hotel, dirigiu-se ao quarto da governanta. Diante da porta, inspirou profundamente e, enquanto batia, disse:

— May, sou eu, Xan. Por favor, abra a porta. Segundos mais tarde, May abria a porta.

— Querida, o que aconteceu?

— Oh, May, que bom que está aqui. — Ela abraçou a governanta e começou a chorar. — Não sei o que seria de mim se você já tivesse voltado para Nova York.

— Mas eu lhe prometi que ficaria aqui até que voltasse da lua-de-mel, não prometi?

Abraçadas, as duas se sentaram num sofázinho na ante-sala do quarto.

— O que foi que aquele cretino fez para você? Ele a maltratou? Se ele ergueu um dedo contra você, vou já dar queixa na polícia.

— Não, ele não me maltratou… — E Xan contou à velha amiga tudo o que tinha acontecido.

— Quer dizer, então, que ele é um homem rico?

— Muito, muito rico.

— E mentiu para você.

— Mentiu.

— Eu sabia, eu sabia que tinha algo de muito errado com aquele homem. Pelo jeito, Matt Coltrain deve se achar muito importante.

— Mas eu também menti para ele.

— Não, você não mentiu. Apenas não lhe disse toda a verdade.

— E não é a mesma coisa?

— Para mim são coisas bastantes distintas. E deve ter muitas coisas que não sabe sobre esse

homem. Por isso os irmãos dele colocaram aquele celular na caminhonete.

— Pois é…

— Acho que tem de resolver essa situação de uma vez. Entre em contato com os irmãos dele.

— Para quê?

— Para saber exatamente quem é o homem com quem você se casou.

Xan ligou para a telefonista de Rapid City e pediu o número do telefone da Fazenda Rosa Branca. Quem atendeu à chamada foi íris. Após ter se identificado, Xan pediu que entrasse em contato com Lon e Ken e lhe deu o número do telefone onde poderia ser encontrada.

— Por que não vai tomar um banho e mudar de roupa?

— O telefone pode tocar e… — Xan, desesperada, voltou a chorar e se negava a sair do lado do telefone.

— Vá tomar um banho, minha filha. Eu fico aqui ao lado do telefone para você. Se alguém ligar eu vou chamá-la.

— Certo. — Xan se levantou e foi para o banheiro. Depois de um banho rápido, vestiu uma roupa limpa e foi ficar com May.

— Nada? — Xan perguntou.

— Nada. Mas tenho certeza de que um dos dois ligará. — May fez um carinho na cabeça de Xan. — Agora acho que deveríamos ir comer alguma coisa no restaurante do hotel.

— Não, muito obrigada, estou sem fome.

— Tudo bem, vou almoçar e trago alguma comida para você. E lembre-se, minha filha, para tudo nessa vida tem um jeito; exceto para a morte, é

claro.

Cinco minutos após May ter saído do quarto, o telefone tocou. Para alívio de Xan era Lon. Ela logo assumiu que estava precisando de ajuda e não explicou o motivo de não ter ligado antes pelo celular. Quanto a Matt, disse que ele precisara ver um negócio urgente. Após ter trocado mais algumas palavras com o rapaz, ela lhe disse onde estava e lhe pediu que se encontrassem o mais breve possível no saguão do hotel. Lon, então, sugeriu que se encontrassem num barzinho em frente ao hotel onde, segundo ele, poderiam conversar com mais privacidade. Antes de desligar o telefone, o rapaz disse:

— Estarei lá às três da tarde.

— Combinado.

Xan desligou o aparelho e olhou para o relógio de pulso.

— Que aflição… Ainda é uma hora… Vou ter que ficar nesta agonia até às três da tarde.

Ao perceber que iria começar de novo a chorar, Xan se levantou e resolveu ir se encontrar com May no restaurante.

Ao vê-la entrando, a boa senhora sorriu satisfeita.

Quando terminarem de almoçar, as duas resolveram andar um pouco e olhar algumas vitrines do centro da cidade.

Às três horas em ponto, Lon e Ken entravam no barzinho. Ao vê-los, Xan respirou aliviada.

Os dois se sentaram. Xan foi direto ao assunto:

— Seu irmão, por um motivo que não entendi, está achando que me casei com ele por causa de dinheiro. — E Xan contou toda história para os rapazes.

— Eu tinha certeza de que meu irmão vinha agindo daquela maneira tão estranha por causa de dinheiro — Lon afirmou.

— E você não se casou com ele por causa do dinheiro, casou? — Ken perguntou, com muito cuidado.

— Mas é claro que Xan não se casou com ele por causa de dinheiro — May respondeu muito brava. — Já que vocês têm fazendas e coisas do gênero, será que não possuem nenhum maquinário com a marca Harrington?

— Vários. Nós temos vários maquinários com a marca Harrington — Lon respondeu.

— E vocês sabem quem foi Serafin Harrington?

— Um grande magnata que começou do nada e construiu uma imensa fortuna. Há cerca de dois anos lemos um artigo sobre ele na Forbes. Lembro que Matt chegou a dizer que o homem era um gênio — Ken respondeu. — E que era um dos homens mais ricos do nosso país.

— Pois eu trabalhei na casa de Serafin Harrington por anos e anos.

— A senhora? — Lon estava espantado.

— Exatamente.

— E onde está ele agora? — Lon quis saber.

— Ele faleceu há um ano. E quem herdou toda a fortuna dele foi a sua neta: Roxanne Harrington. — May apontou Xan.

— Você? Você herdou toda a fortuna dele?

— Herdei. Mas agora o dinheiro já não é mais meu. — Xan deu um profundo suspiro e continuou: — Não disse nada ao Matt antes porque tive medo de que se ofendesse, tive medo que não acreditasse que uma pessoa rica como eu poderia se interessar e se apaixonar por um pobre fazendeiro que fazia de

tudo para vencer na vida. Aí, resolvi ligar para o meu advogado. Pedi que passasse toda a minha fortuna para o nome de Matt.

— Você fez isso? — Ken perguntou, espantadíssimo.

— Não acredito… — Lon balançou a cabeça de um lado para o outro.

— Pois podem acreditar: é a mais pura verdade.

— E Matt está sabendo disso?

— Ontem eu contei parte dessa história a ele, mas acho que não deu muita importância. Ele não tem a menor ideia da fortuna que vai receber. Os papéis vão chegar pelo correio.

— Ele sabe que você é neta de Serafin Harrington? — Ken continuava muito espantado.

— Não, isso eu não disse a ele. Mas foi apenas por falta de oportunidade.

— E inacreditável… — Lon continuava a balançar a cabeça de um lado para o outro.

— E por quê? Por que você colocou aquele anúncio no jornal?

— Porque queria encontrar um homem que gostasse de mim pelo que sou, não pelo meu dinheiro.

— É inacreditável — Lon voltou a repetir.

— Na Fazenda Rosa Branca, Matt disse algo que só vocês poderão me explicar o que significa.

— E que coisa foi essa? — Lon quis saber.

— Bem, em um dado momento, ele disse: Meus irmãos estavam diante de uma profissional e não sabiam. Só por isso eu os perdôo.

Os dois rapazes se entreolharam bastante sem graça. Ken cutucou o braço de Lon e disse:

— Explica você.

Depois de pigarrear várias vezes, Lon resolveu falar:

— Bem, Ken e eu nos sentimos muito culpados com a vida que Matt sempre teve. Como irmão mais velho, ele teve que trabalhar muito depois da morte do meu pai. Matt sacrificou toda uma vida para poder manter os negócios em dia. — O rapaz voltou a pigarrear. — Bem, vou tentar resumir tudo: Matt, depois da morte do meu pai, tomou sobre os seus ombros uma responsabilidade imensa. Para dar conta de tanto trabalho ele precisaria de pelo menos uns dez homens para ajudá-lo. Mas ele deu conta de tudo sozinho. Trabalhou feito um condenado. E continua trabalhando até hoje. Ken e eu sempre achamos que só o casamento poderia desviá-lo da compulsão que tem pelo trabalho. Conversamos várias vezes com Matt e ele sempre dizia que não tinha tempo para as mulheres e muito menos para casamento. E nós dois nunca nos conformamos com o fato de ele continuar solteiro. Aí, resolvemos agir: fizemos várias festas onde pudesse conhecer garotas interessantes. E nos empenhamos em conseguir uma esposa para ele,

— E Matt? — Xan perguntou, muito curiosa.

— Ele, quando comparecia às festas, nunca deu a menor importância às moças. Até que um dia percebeu o que nós estávamos fazendo.

— E aí? — Xan continuava muito curiosa.

— Bem, Matt brigou conosco e ficou seis meses sem falar com a gente.

— Mesmo assim vocês resolveram entregar a Matt o anúncio que coloquei no jornal.

— Nós não fizemos isso — os dois disseram em uníssono.

— Não? — Xan estava intrigada.

— Não — Lon assegurou. — Ele mesmo viu o seu anúncio no jornal. Além do jornal local, ele é assinante de no mínimo mais umas seis publicações.

— Um dia em que fomos visitá-lo, Matt nos perguntou se tínhamos visto o anúncio.

— Mas ele não estava sem falar com vocês?

— Essa história de Matt ficar seis meses sem conversar conosco aconteceu no início do ano passado. Depois, nós dois nunca mais falamos que ele deveria se casar.

— Quer dizer que ele comentou sobre o anúncio com vocês…

— Comentou, sim, Xan. — Aflito, Lon esfregava uma mão na outra. — Até lembro de ter dito a ele que aquele artigo parecia ter sido escrito pela minha mãe.

— Por quê?

— Porque nele, você dava ênfase a tudo o que ela gostava.

E Matt sempre idolatrou a minha mãe. Ele a tinha num pedestal. Acho que foi por isso que nunca se casou: para Matt, nenhuma mulher que aparecia era tão boa quanto a nossa mãe.

— Com toda certeza Matt está pensando que vocês dois me ajudaram a escrever aquele anúncio, para armar uma cilada para ele — Xan concluiu.

— Com toda certeza… Só pode ser isso… — Ken concordou.

— Agora eu não tenho a menor dúvida: Matt sempre achou que vocês dois tinham me ajudado a escrever aquele anúncio.

— Agora estou entendendo melhor tudo o que aconteceu…

— Lon deu um profundo suspiro.

— Como assim? — Xan perguntou.

— Achei muito estranho Matt, de repente, resolver comprar aquele caminhão caindo aos pedaços e ir morar naquela fazenda que nunca deu o menor lucro. Só ele mesmo para gostar daquele lugar.

— E isso aconteceu uns quinze dias antes de você vir para cá.

— Ele planejou tudo. — Xan agora não tinha mais dúvidas.

— Só não entendo o porquê de ele ter se casado comigo.

— Eu entendo — Ken se apressou em dizer.

— Por quê, Ken, por que ele foi com essa história até o fim e acabou se casando comigo?

— Com todo respeito, Xan, você é a mulher mais bonita que vi em toda a minha vida. E Matt pode ser um cabeça-dura, mas ele não é cego.

Capítulo 10

Xan continuou conversando com os irmãos de Matt por mais alguns minutos. De repente, May, que se mantivera calada a maior parte do tempo, disse:

— Um homem que faz uma coisa dessa a uma mulher como a minha querida Xan, não merece respirar o mesmo ar que ela.

Lon olhou para Xan e pediu:

— Por favor, não faça nada precipitado. Tudo não passou de um grande mal-entendido, de um grande equívoco.

— E isso mesmo, Xan, tente ficar tranquila e manter a calma. Nós vamos conversar com Matt e contar direitinho tudo o que aconteceu. Tenho certeza de que ele vai procurá-la e se desculpar.

— Agora é tarde — May disse, com muita raiva. — Por tudo o que ouvi, tenho certeza de que Matt Coltrain jamais vai poder ser marido de alguém. Ele nasceu para viver sozinho.

— Acho que a senhora está enganada — Ken intercedeu.

— Não, não existe engano algum. — Ela segurou no braço de Xan. — Vamos voltar para Nova York, querida. Saindo daqui faremos nossa reserva no primeiro vôo para lá.

Confusa, sem saber o que pensar e como agir, Xan se levantou. Depois de se despedirem dos dois rapazes, elas voltaram para o hotel.

Como havia dito, May ligou para o aeroporto e reservou duas passagens no vôo para Nova York que sairia no outro dia pela manhã.

— Pena que não tinha mais lugar nos vôos de hoje — May disse, quando as duas já deixavam o

hotel. — Mas não tem problema, dormiremos num hotel próximo ao aeroporto e amanhã bem cedo estaremos longe dessa terra de malucos. Desamparada, confusa e profundamente desiludida, Xan apenas se deixava levar pela vontade da governanta.

— Eu vou dirigindo até Rapid City — May disse, quando já estavam ao lado da caminhonete.

— Não, May… Eu dirijo até lá.

— De maneira alguma, querida. Você não tem a menor condição de dirigir.

Xan, então, entregou a chave para May e as duas rumaram para Rapid City.

Aquele resto de dia e a madrugada foram terríveis para Xan. Mil pensamentos cruzavam-lhe a cabeça e ela não conseguiu dormir.

Pela manhã estava com a decisão tomada: não voltaria para Nova York, antes de ter uma conversa muito séria com Matt.

May, ao saber da decisão de Xan, ficou inconformada.

— Você não pode fazer isso, querida.

— Vou tentar salvar o meu casamento.

— Xan, por favor, desista dessa ideia. O que está querendo? Ser magoada ainda mais pelo Matt?

— Não, nada do que aconteça vai poder me magoar ainda mais. Já fui muito magoada, May… Mas, acredite, não posso ir embora agora. Tenho que esclarecer tudo com Matt.

— Filha, acho que você está agindo de maneira totalmente equivocada. — May a abraçou.

— Pode até ser que você tenha razão, mas vou continuar aqui.

— Esse homem brincou com os seus

sentimentos, será que não percebe isso?

— Se Matt brincou com os meus sentimentos, também brincou com os dele. E deve estar se sentindo muito mal com isso.

— Duvido. Matt Coltrain, para mim, não tem sentimentos.

— Não fale assim, May… Por favor, não fale assim.

— E de que jeito quer que eu fale? Acha justo o que ele fez com você? — May estava inconformada.

— May, tente ver a situação do lado de Matt. Ele achou que estivesse sendo enganado por uma aventureira qualquer.

— Você não é uma aventureira!

— Eu sei que não sou uma aventureira, você sabe que não sou uma aventureira. Acontece, querida, que Matt não sabia disso.

— E sempre assim: o amor deixa as pessoas cegas!

— Não, eu não estou cega. Mas quero e vou conversar com Matt. Depois… Bem, depois, eu posso até voltar para Nova York.

— E onde está pretendendo ficar? No hotel lá em Wall?

— Não, estou pretendendo voltar para a fazenda.

— Para a Fazenda Rosa Branca? Você enlouqueceu, criança?

— Não, vou voltar para a outra fazenda. Para aquela que convivi com Matt durante dias maravilhosos…

— Mas pelo que me disse, lá não existe conforto algum.

— Não estou à procura de conforto. Estou à procura da minha felicidade.

— Xan, você não pode estar falando sério. — May começou a chorar. — Vou morrer de preocupação com você.

— Pois não se preocupe. — Xan afagou o rosto da governanta. — Tudo vai dar certo.

— Mas lá não tem telefone e…

— Olha, querida, ainda tenho um bom dinheiro na minha conta bancária. A primeira coisa que vou fazer é comprar um celular. Aí, todos os dias nós podemos conversar.

— Esse Matt Coltrain deve ser mesmo muito insensível para não perceber que estava casando com um anjo. Se não soubesse o quanto o ama, iria rezar muito para vê-lo definitivamente fora da sua vida.

— Eu acredito, minha querida… Eu acredito… — Desta vez foi Xan quem abraçou a governanta. — Mas eu não vou desistir do meu casamento sem antes lutar muito.

Xan, naquele dia mesmo, passou numa loja de tintas em Wall, num supermercado e numa loja onde comprou um telefone celular. Depois rumou para a fazenda.

Ao chegar lá, ela não pôde conter o pranto.

— Aqui foi o único lugar da minha vida que me senti feliz… E agora eu não tenho Matt como companhia.

Xan, então, para driblar o desespero, fez uma grande faxina na casa e em seguida, começou a pintá-la. A noite, ligou para os irmãos de Matt para lhes contar onde se encontrava. Os rapazes vibraram ao saber que ela não tinha voltado para Nova York.

E os dias foram passando… E nada de Matt.

Xan, feliz com a nova pintura da casa e com o

jardinzinho e a horta que começara a fazer, não esmorecia: tinha certeza de que tudo iria dar certo. Porém, com o passar do tempo, apesar das visitas constantes de Lon e Ken, que faziam questão de lhe levar frutas, verduras, revistas e muitos outros presentes, para aliviá-la daquela solidão, Xan começou a perder as esperanças, mesmo depois de os rapazes terem lhe assegurado que Matt já sabia de toda a verdade.

"Então, se agora ele sabe de toda a verdade, por que não vem me procurar?", ela vivia se perguntando. Mas esta pergunta Xan não fazia aos cunhados; não queria constrangê-los.

"Acho que May é quem estava certa: Matt nasceu para viver sozinho. Ele jamais quis saber de compromissos, de filhos, de uma família para cuidar. Matt Coltrain jamais me amou. Ele simplesmente executou um plano que havia traçado; nada mais que isso."

Um mês depois de instalada na fazenda, Xan começou a se desesperar. Não podia continuar ali, longe de tudo e de todos, apenas ligada ao mundo por um celular, à espera de um homem que a ignorava.

— E se eu for embora num dia e ele resolver aparecer no outro? — Esse era o grande medo de Xan. — Aí, sim, Matt jamais vai me procurar de novo.

No final da quinta semana, o desespero de Xan tinha se tornado insuportável. Desatinada, ligou para May chorando.

— Desista, garota. Esse homem não merece você — a governanta lhe disse, também chorando.

— Mas eu o amo tanto, May…

— Com o tempo você esquece esse amor, minha querida.

— Eu jamais vou esquecer esse amor, May. Ele faz parte de mim.

— Meu Deus, como você está sofrendo… E tudo por causa de um homem que não a merece, um homem que não sabe o que significa a palavra amor. Volte para casa, Xan. Volte, por favor.

— Só vou ficar aqui até o final desta semana. Depois, eu volto para Nova York.

— Por que não vem embora agora?

— Eu não conseguiria. Acredite, eu não conseguiria. Ainda chorando muito, Xan desligou o telefone e foi para a cama.

Na manhã seguinte, ainda muito triste, pegou a caminhonete e foi para Wall fazer compras. Ao voltar, no final da tarde, ficou feliz ao ver a caminhonete dos rapazes estacionada diante da casa.

— Que bom! Já estava com saudade dos dois. — Ela sorriu feliz. — Nesse mês que estou aqui, aprendi a gostar muito dos irmãos de Matt.

Xan estacionou a caminhonete que dirigia ao lado da outra e entrou em casa.

— Que bom que vocês vieram me…

Xan, surpresa, interrompeu a frase. Diante dela estava Matt Coltrain. Mas não era o Matt Coltrain que ela conhecera, sempre com roupas velhas, cabelos desalinhados, barba por fazer. O Matt Coltrain que estava ali, vestia uma calça de linho marrom, camisa de mangas compridas amarelo-claro, tinha o rosto escanhoado e os cabelos muito bem penteados. E ele a fitava, sem nada dizer.

— Está bravo por causa da pintura que fiz na casa? Se estiver, me desculpe. Mas eu fiz questão de não mudar a cor. Eu…

— Por que logo que me conheceu não me disse que era neta de Serafin Harrington? — ele a

interrompeu.

"Tenho certeza de que ele recebeu os papéis que o meu advogado mandou."

— Eu lhe fiz uma pergunta, Xan.

— E eu a ouvi.

— Quero que me responda: por que me escondeu que era neta de Serafin Harrington?

— Simplesmente porque estava cansada de ser a moça rica, a moça rica com a qual muitos homens queriam se casar. E eu não queria que casassem comigo por causa do meu dinheiro. Queria um casamento com alguém que me amasse de verdade. E, pelo que os seus irmãos me disseram, i acho que algo muito semelhante deve ter acontecido com você. Afinal, você também é um milionário. Como Matt não disse nada, ela continuou:

— Acreditei mesmo que fosse um homem pobre, um homem que trabalhava de sol a sol para pagar a dívida que tinha com o banco. E não existia motivo nenhum para que eu duvidasse das suas palavras. E o admirei muito por isso, sr. Coltrain. Não imaginava que ainda existisse no mundo um homem com aquele. E é claro, é claro que quis ajudá-lo financeiramente. Você merecia ser ajudado. Mas fiquei com medo que me rejeitasse, fiquei com medo que, quando soubesse quem eu realmente era, você nunca mais quisesse me ver. E tinha motivos para sentir tanto medo: o homem que conviveu aqui comigo era muito orgulhoso e, com toda certeza, se negaria a ser ajudado; principalmente se a ajuda viesse de uma mulher. Será que raciocinei de maneira errada?

Matt continuou calado.

— E aí… Bem, aí, me apaixonei por você. E não me pergunte por que me apaixonei por você. Essas coisas simplesmente acontecem. E quando

resolvemos nos casar me senti muito culpada por não lhe revelar toda a verdade. Não queria que nenhuma mentira pairasse sobre nós. Mesmo assim, não me senti encorajada em lhe contar toda a verdade. De repente, tive uma ideia: você achava que eu fosse uma mulher pobre e eu podia me tornar uma mulher pobre. Para isso bastava eu dar um simples telefonema para o meu advogado que também é o meu procurador. E foi exatamente o que fiz. E o senhor, sr. Coltrain, se casou com uma mulher pobre. E lá em Bad River, eu tentei lhe contar a verdade.

— Naquela noite eu não acreditei em nenhuma palavra que me disse.

— Isso significa que agora você acredita em mim?

— Estou acabando de chegar de Nova York. Estive com o seu advogado. Toda a fortuna que passou para o meu nome voltou a ser sua.

— Você…

— E estive também na mansão onde mora.

— E May o recebeu? — ela perguntou, incrédula.

— Quando me fiz anunciar, ela se negou a me receber.

Depois de muito insistir, acabou me recebendo. Me mostrou, inclusive, o globo onde você atirou o dardo. — Ele enfiou a mão no bolso da calça e retirou algo de lá. Em seguida, Matt lhe mostrou um dardo. — Guardei como lembrança…

— Eu… — ela não sabia o que dizer.

— No início realmente não acreditei em uma só palavra do que me dizia. Mas depois da nossa desastrada lua-de-mel, resolvi fazer um levantamento para saber quem realmente era você. Aí, num belo dia, recebi aqueles papéis todos pelo

correio e…

— Por quê, então, não me procurou antes?

— Eu… não tive coragem. Me sentia profundamente envergonhado. — Matt estava bastante sem graça. — Mas me diga, Xan: como pôde fazer aquilo?

— Aquilo, o quê?

— Como pôde passar toda a sua fortuna para o meu nome?

Simplesmente porque eu o amava e queria vê-lo feliz.

— Xan, você tem consciência da fortuna que me entregou?

— Mas é claro que sim. Não sou uma pessoa alienada, Matt.

— E inacreditável… E eu pensando que fosse uma aventureira que estivesse atrás do meu dinheiro. E você é muito, muito mais rica que eu.

— Sou mesmo? — Xan perguntou com um certo descaso.

— Quanto a isso não tenha a menor dúvida, moça.

— Não, não comece a me tratar de novo dessa maneira.

— Me desculpe…

— Bem, Matt, quanto a nossa situação…

— Você está se referindo ao nosso casamento?

— Estou. E estou me perguntando se trouxe os papéis dó divórcio para eu assinar. Se não trouxe, me mande pelo correio. Vou voltar para Nova York.

— Vai mesmo?

— Vou. Não tenho mais nada para fazer aqui. Fui uma grande ingênua. Achei que poderia ser

amada por mim mesma e acabei caindo numa armadilha muito perigosa. Mas agora que está tudo esclarecido, posso voltar e tentar continuar a minha vida.

— Essa casa ficou muito bonita depois que você a pintou.

— Eu também gostei,

— O horta e o jardim lá fora também vão ficar muito bonitos.

— Pena que não estarei aqui para ver aquilo tudo bem viçoso.

— Você está falando sério, Xan? — Ele a abraçou.

— Sobre o quê?

— Sobre o divórcio, sobre voltar para Nova York.

— Estou. Estou, sim, Matt.

— Por favor, fique.

— Eu…

— Fique, Xan. Fique e me dê uma nova chance. Eu errei, sei que errei, mas não estava suportando mais o assédio das mulheres, a insistência dos meus irmãos para que eu me cassasse. Aí, ao ler aquele anúncio, resolvi ver como se comportava uma mulher que teve a coragem de procurar um marido pelo jornal. Só não esperava ter me apaixonado por você tão rapidamente. Não queria admitir, mas acabei me apaixonando por você. De repente, meus irmãos vêm aqui me visitar. Aí, eu os encontro conversando com você como velhos amigos. Aquilo me deixou muito desconfiado. Para mim eles tinham voltado a agir; tinham voltado a fazer de tudo para que eu me casasse. Naquele dia, pensei em desistir do casamento.

— E por que não desistiu?

— Porque, como acabei de lhe dizer, já estava perdidamente apaixonado. E me sentia um tolo ao saber que você me enganava. Mas no dia do nosso casamento, quando achei o celular na caminhonete… fiquei profundamente magoado, profundamente ofendido. Mas nós já estávamos casados, não podia voltar atrás. Encontrei o celular quando você subiu com May para o quarto. Aí, resolvi lhe dar uma lição e a levei para aquele lugar inóspito.

— Quer dizer que não era lá que estava pretendendo passar a nossa lua-de-mel?

— Não, não era lá. Resolvi ficar com a caminhonete para despistar os meus irmãos.

— Onde era, então? Onde era que estava pretendendo passar a nossa lua-de-mel?

— Aqui. Aqui nesta casa.

— Matt, só não entendi uma coisa nessa história toda. Como foi que, mesmo desconfiando de mim, resolveu levar o casamento adiante?

— Eu poderia estar enganado. Você, apesar daquele anúncio maluco no jornal, poderia mesmo estar atrás de um marido. E meus irmãos poderiam não ter nada a ver com a história. Tudo pode acontecer nesse mundo, não pode? E eu, como lhe disse, já estava apaixonado. Mas quando vi aquele celular… Minha decepção foi muito grande. Afinal, para mim, tinha mesmo me casado com uma aventureira, tinha me casado com uma mulher igualzinha às outras das quais havia conseguido me safar.

— E o Pastor? Ele estava conivente com você?

— Só pedi ao Pastor que me tratasse como se fosse um homem pobre. E ele só concordou comigo quando eu lhe prometi que não faria amor com você.

— Quer dizer, então, que não acreditou na promessa que eu tinha feito à May?

— A promessa de se casar virgem?

— Exatamente.

— Mas é claro que não. Só passei a dormir no caminhão por causa da promessa que fiz ao Pastor. E sabe o que ele me disse logo que a conheceu?

— O quê?

— Que você era uma mulher decente e que nós dois iríamos nos casar.

— Ele disse isso?

— Disse.

— Agora estou conseguindo entender melhor tudo o que aconteceu.

— E mesmo assim quer o divórcio, Xan? — Ele a beijou com intensa paixão. — Não, por favor, não vá embora. Eu te amo, querida. Te amo muito… E esse é um sentimento, uma emoção, que eu desconhecia. Precisei viver trinta e sete anos para entender o que é amor. E só não peço para se casar comigo, porque nós já somos casados.

— Oh, Matt, eu também te amo muito, muito…

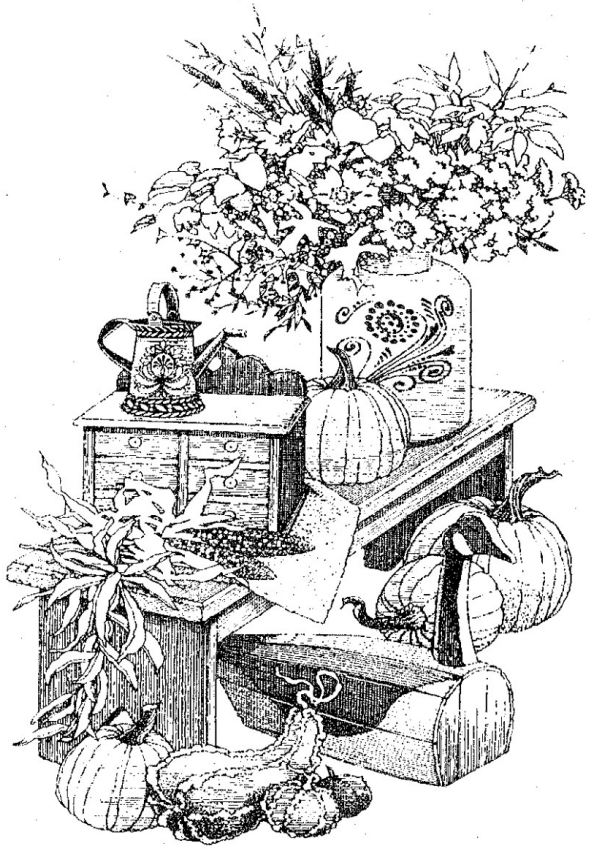
— Então, você não quer se divorciar de mim?

— Não, eu quero continuar com você pelo resto da minha vida. — Ela o puxou pela mão, em direção ao quarto. — E a nossa vida, meu grande amor, vai começar agora…

Sobre a Autora

REBECCA WINTERS uma escritora americana, mãe de quatro filhos, é formada pela Universidade de Utah. Estudou durante algum tempo na Suíça e na França e atualmente leciona espanhol e francês em escolas de segundo grau, mas sempre arruma tempo para exercer sua atividade favorita: escrever romances de amor.

Dicas



Dicas

BACALHAU

1. Para tirar o excesso de sal do bacalhau, ferva-o com uma colher de sobremesa de farinha de trigo. A farinha absorverá todo o sal.

2. Para o bacalhau ficar maior e mais gostoso, tire todo o sal e depois coloque-o de molho em leite.

3. Para tirar o excesso de sal do bacalhau com facilidade, deixe-o de molho, numa panela com água, durante quarenta e oito horas. Vá trocando sempre a água da panela, para que o sal que se desprende do bacalhau seja eliminado.

4. Para tirar o excesso de sal da bacalhau, coloque na água de molho duas colheres de sopa de açúcar.

BACON

1. Para evitar que as fatias de bacon grudem umas nas outras, antes de guardar no refrigerador, enrole o pacote como um cilindro e prenda com um elástico.

2. Para que os torresmos de bacon fiquem macios e saborosos, respingue cachaça quando estiverem dourando.

3. Fure as fatias de bacon com um garfo. Assim elas não encolherão muito.

4. Antes de fritar o bacon, passe as fatias no leite e em seguida na farinha de trigo. Isso evitará que espirre gordura e o bacon não encolherá muito.

BATATA

1. Não jogue fora as cascas de batata. Frite em óleo quente, tempere com sal e sirva como aperitivo.

2. Corte as batatas em fatias grossas, coloque para fritar em óleo quente e adicione um pouco de sal. As batatas ficarão coradas e sequinhas.

3. Você pode obter um excelente adubo para as suas plantas batendo no liquidificador uma porção de cascas de batatas.

4. Para salgar as batatas fritas de maneira uniforme, coloque dentro de um saco de papel com uma porção de sal. Depois, sacuda por alguns segundos. Desse modo, você tempera e enxuga as batatas numa só operação.

5. Coloque as batatas já cortadas no congelador por meia hora antes de fritar. Elas ficarão secas e macias.

6. Faça um pequeno corte na casca das batatas antes de assar. Assim, elas não se quebrarão.

7. Para dar um sabor especial a qualquer prato com batatas cozidas, coloque na água de cozimento alguns cravos-da-índia.

8. Se você colocar duas rodelas de cebola nas batatas fritas, pouco antes de tirar do fogo, elas ficarão com um sabor especial.

9. As batatas assadas ficarão mais saborosas e suas cascas não racharão se você passar um pouco de manteiga ou gordura de bacon antes de assar.

10. Para fazer um purê não é necessário descascar as batatas. Basta espremer as batatas cozidas, com cascas e ainda quentes, num espremedor comum. As batatas serão espremidas normalmente e as cascas ficarão dentro do espremedor.

11. Se você quiser que as batatas grandes cozinhem por igual, fure uma por uma com um garfo, antes de colocar na panela e levar ao fogo.

Dessa maneira, as batatas ficarão perfeitas e não racharão.

12. Para fritar batatas mais rapidamente, enxugue-as num pano de prato. Isto fará também com que elas não grudem.

13. O purê de batata ficará mais saboroso se você acrescentar uma clara batida em ponto de neve às batatas já cozidas e amassadas.

Receitas Country

Salada de repolho

1 repolho grande

1 pimentão

1 pedaço de salsão grande

1 cenoura grande

2 colheres (de sopa) de cebolinha picada

Tempero

1/2 xícara de maionese l colher (de sopa) de leite l colher(de sopa) de vinagre 1/2 colher (de chá) de açúcar 1/4 colher (de chá) de sal 1/8 colher (de chá) de páprica 1/8 colher (chá de pimenta

Modo de fazer

Misture todos os ingredientes do tempero numa tigela e bata bem com o garfo. Reserve. Em seguida corte o repolho bem fininho juntamente com o pimentão. Pique também a cebola e o salsão. Numa tigela grande para servir salada misture todos os ingredientes, juntamente com a cebolinha. Então cubra com o tempero e coloque na geladeira pelo menos uma hora antes de servir.

Torradas maravilhosas

8 a 10 fatias de pão levemente torradas 5 dentes de alhos amassados Sal a gosto

5 colheres (de sopa) de azeite de oliva

3 colheres (de sopa) de vinagre

4 ovos cozidos cortados em rodelas 4 tomates cortados em rodelas finas 100 gramas de azeitonas sem caroço

Modo de fazer

Esfregue o alho sobre as torradas e coloque-as numa assadeira refratária. Em seguida, regue as torradas com a mistura de azeite e vinagre, salpicando-as com sal. Deixe elas descansarem aproximadamente por 15 minutos. Então, sobre as torradas, coloque ovo, tomate e azeitona.

Sopa fria de abacate com pinga

1 abacate grande

2 xícaras de caldo de galinha

1 xícara de iogurte

2 colheres (de sopa) de pinga

1 colher (de chá) de curry Cebola

Pimenta a gosto

Modo de fazer

Coloque todos os ingredientes no liquidificador e bata até dissolver tudo. Coloque o líquido numa tigela e leve ao refrigerador por meia hora. Sirva frio.

Sopa rápida de presunto

2 xícaras de presunto picado 150 gramas de cogumelos cozidos

3 cubos de caldo de galinha 3 xícaras de água

Modo de fazer

Faça um caldo com os 3 cubos de caldo de galinha e as 3 xícaras de água. Assim que começar a ferver, adicione os cogumelos e o presunto. Deixe por mais dois minutos em fogo baixo e sirva.

Lombo de porco com ervas

1 lombo de porco de aproximadamente

1 quilo 1/3 xícara de manteiga ou margarina

2 colheres (de sopa) de mostarda

1 folha de louro picada

1 colher (de chá) de tomilho

Sal e pimenta a gosto

Modo de fazer

Com uma faca pequena, faça pequenos buracos no lombo de porco mantendo uma distância de 2 cm entre um e outro. Em seguida, esfregue sal e pimenta sobre ele. Em uma tigelinha, bata bem a manteiga ou margarina com a mostarda, a folha de louro e o tomilho. Com a ajuda de uma espátula, cubra bem o porco com a mistura da tigela, fazendo com que ela penetre principalmente nos buracos. Coloque numa assadeira untada com margarina e asse em fogo médio baixo.

Carne à moda do campo

750 gramas de carne cozida

1 cubo de carne dissolvido em 1 xícara de água

2 cebolinhas bem picadas

Noz moscada ralada

Salsinha picada

3 colheres (de sopa) de azeite

Molho

1 xícara (de chá) do caldo onde a carne foi cozida

2 colheres (de sopa) de vinagre

Modo de fazer

Numa tigelinha, faça uma mistura do caldo de carne, cebolinha, salsinha, noz moscada e azeite. Corte a carne em tiras mais ou menos grossas, colocando-as num refratário. Então, despeje o líquido sobre a carne, deixando-a de molho por 3 horas para que pegue gosto. Em seguida, escorra a carne (reservando o suco) e leve-a para assar

regando-a de vez em quando com o suco até que ela fique dourada. Na hora de servir, faça o molho com o vinagre e o caldo em que foi cozida a carne.

Coelho de panela

1 coelho de 750 gramas 6 cebolas bem pequenas

1 folha de louro

1 cenoura picada

1 xícara de azeite

1 cravo

1 litro de vinho tinto

8 fatias fritas de pão

Salsinha

Sal a gosto

Modo fazer

Corte o coelho em pedaços médios, deixando-os em salmoura para que solte todo o sangue. Em uma panela (melhor de barro), coloque o azeite e refogue a cenoura e as cebolas inteiras por 10 minutos. Em seguida, acrescente os pedaços do coelho, refogando-o ligeiramente com sal. Então, acrescente a folha de louro, o cravo, a salsinha e o vinho, deixando cozinhar. Para servir, ponha as fatias fritas de pão no fundo de uma travessa e sobre elas, coloque os pedaços de coelho com todo o seu molho.

Pão de batata

2 colheres (de sopa) de açúcar 4 colheres (de chá) de sal

2 tabletes de fermento

8 xícaras de farinha de trigo

1 xícara de água

1 xícara de batata cozida e bem amassada

Leite

1 xícara de manteiga ou margarina

2 ovos

Modo de fazer

Em uma tigela coloque o açúcar, o sal e 1 xícara de farinha. Reserve. Em uma panela coloque a água, a batata, 1 xícara de leite e a manteiga ou margarina. No fogo baixo, antes de levantar fervura, adicione o fermento e mexa para que dissolva. Retire imediatamente do fogo. Com a batedeira em velocidade baixa, adicione o líquido aos ingredientes secos. Junte os ovos e continue batendo até que comece a levantar da tigela. Coloque esta massa sobre uma superfície e acrescente o resto da farinha. Trabalhe a massa com as mãos por 10 minutos. Faça uma bola. Coloque em cima de uma assadeira untada com margarina, untando, também, a parte de cima da bola. Cubra e deixe dobrar de tamanho por 1 hora. Amasse outra vez até que volte ao tamanho original, deixando a massa descansar por 15 minutos. Em seguida, divida a massa em dois pedaços sobre duas assadeiras redondas, untadas, apertando com as mãos de modo que elas ocupem todo o espaço das assadeiras. Cubra e deixe a massa crescer até o dobro do tamanho, por cerca de 1 hora. Então, pincele as duas massas com leite e asse em temperatura média alta por 40 minutos ou até ficarem douradas.

Biscoitos de primavera

125 gramas de manteiga ou margarina

60 gramas de açúcar

2 ovos

250 gramas de farinha

1 pote de geléia

1 colher (de café) de baunilha

Modo de fazer

Numa tigela, junte a farinha com a manteiga ou margarina (em temperatura ambiente), o açúcar, os ovos e a baunilha, misturando tudo muito bem com as mãos. Em seguida, coloque a massa sobre uma superfície e trabalhe com as mãos por 5 minutos até que ela fique uniforme (se ela ficar seca, acrescente um pouco de leite). Estenda a massa sobre a superfície e forme pequenos discos com a boca de um copo. Asse-os em temperatura média alta. Quando estiverem assados, retire-os do forno e espere esfriar. Então, recheie cada dois discos com a geléia de sua preferência.

Merengue de Maçãs

6 maçãs

2 colheres (de sopa) de manteiga ou margarina

3 colheres (de sopa) de açúcar

1 copo (pequeno) de rum ou conhaque

3 claras

3 colheres (de sopa) de açúcar (para o merengue)

Modo de fazer

Descasque as maçãs e corte-as, cada uma, em quatro pedaços. Numa panela, em fogo baixo, coloque a manteiga ou margarina e 3 colheres (de sopa) de açúcar, adicionando, em seguida, as maçãs e o rum (ou conhaque). Quando as maçãs estiveram brandas, coloque-as num refratário. Reserve. Bata as claras em neve, ao ponto de merengue, junte o resto do açúcar. Depois de pronto, ponha o merengue sobre as maçãs e coloque o refratário no forno até que fique tudo ligeiramente dourado. Pode-se servir quente, ou seja, recém-feitas, ou geladas.

Sorvete de limão

1 litro de água

10 limões grandes

300 gramas de açúcar

4 claras

Modo de fazer

Coe o suco dos limões e misture com água e açúcar. Coloque o líquido no fogo por 15 minutos aproximadamente. Retire do fogo e espere esfriar. Junte as claras batidas em neve (bem firmes) ao líquido já frio, misturando muito bem. Então, coloque em fôrma de gelo e deixe no congelador por uma hora aproximadamente até que se solidifiquem. Em seguida, coloque os cubos num liquidificador até desmancharem. Leve o líquido para o congelador apenas para esfriá-lo. Sirva em copos ou tigelinhas.